

VIVIANE NAMUR CAMPAGNA

**ASPECTOS DA ORGANIZAÇÃO DA
IDENTIDADE FEMININA NO INÍCIO DA
ADOLESCÊNCIA**

*Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São
Paulo como parte dos requisitos
para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia*

**São Paulo
2003**

VIVIANE NAMUR CAMPAGNA

**ASPECTOS DA ORGANIZAÇÃO DA
IDENTIDADE FEMININA NO INÍCIO DA
ADOLESCÊNCIA**

*Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São
Paulo como parte dos requisitos
para a obtenção do grau de Mestre
em Psicologia*

Área de concentração: *Psicologia
Escolar e do Desenvolvimento
Humano*

Orientadora: *Profa. Dra Audrey
Setton Lopes de Souza*

**São Paulo
2003**

ASPECTOS DA ORGANIZAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NO INÍCIO DA ADOLESCÊNCIA

VIVIANE NAMUR CAMPAGNA

BANCA EXAMINADORA

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

Dissertação defendida e aprovada em: ___/___/___

*Aos meus pais,
com toda minha gratidão*

AGRADECIMENTOS

Agradeço às jovens que participaram dessa pesquisa e suas famílias, que confiaram em mim e tornaram esse trabalho possível.

À professora Dra. Audrey Setton Lopes de Souza, pelo acolhimento, sugestões e acompanhamento deste trabalho.

Às professoras Dra. Iraí Cristina Boccato Alves e Dra. Maria Abigail de Souza, pelo carinho com que me ajudaram e contribuíram para o meu crescimento, e pelas sugestões apresentadas por ocasião do exame de qualificação.

À professora Dra. Regina Sonia Gattas Fernandes do Nascimento, pela generosidade com que me atendeu sempre que necessário e pelas sugestões apresentadas, principalmente em relação ao Rorschach.

À professora Dra. Ana Loffredo, primeira pessoa a me conduzir pelo difícil caminho das pedras.

À professora Dra. Maria Isabella de Sanctis, maior responsável pela minha formação.

Aos funcionários da biblioteca do IPUSP, sempre muito simpáticos e dispostos a ajudar.

Às colegas Duda, Lidia e Simone, pelo auxílio na análise dos dados.

À colega Carla, com quem compartilhei muitas das minhas angústias.

Ao meu sogro, Leon, e minha colega, Mari, pela ajuda com os textos em inglês.

Aos meus clientes, que sempre me fizeram pensar e querer saber mais.

Em especial ao meu marido, Alberto, pelo afeto e ajuda nos momentos cruciais, e aos meus filhos, Marina e Alexandre, por existirem e me ensinarem a amar as pessoas como elas são.

E, finalmente, a toda minha família, amigos e colegas, pelo apoio e incentivo constantes..

***A metafísica do corpo se entremostra
nas imagens. A alma do corpo
modula em cada fragmento sua música
de esferas e de essências
Além da simples carne e simples unhas***

Carlos Drummond de Andrade

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	i
RESUMO.....	ii
ABSTRACT.....	iii
1.INTRODUÇÃO.....	1
1.1. A puberdade na mulher.....	5
1.2. Aspectos culturais e sociais da adolescência.....	11
1.3. A formação da identidade feminina segundo a psicanálise.....	18
1.4. Pesquisas sobre o início da adolescência feminina.....	32
2.OBJETIVOS.....	40
3. METODOLOGIA	
3.1. Os instrumentos utilizados.....	42
3.1.1. A entrevista.....	42
3.1.2. O Teste do Desenho da Figura Humana.....	45
3.1.3. O Método de Rorschach	49
3.2. Caracterização da amostra.....	62
3.3. Procedimentos.....	64
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	
4.1. Entrevista.....	66
4.2. Desenhos da Figura Humana.....	83
4.3. Rorschach.....	97
5. DISCUSSÃO GLOBAL DOS RESULTADOS.....	124
6. CONCLUSÕES.....	133

ANEXOS

I. Termo de consentimento informado.....	136
II A . Avaliação sócioeconômica da família.....	137
II B. Avaliação sócioeconômica da família- pontuação.....	138
III. A entrevista com as adolescentes.....	140
IV. Aplicação do Desenho da Figura Humana.....	142
V. Aplicação do Rorschach.....	144

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	147
---------------------------------	-----

LISTA DE TABELAS

Tabela n.	Página
1. Rorschach- Variáveis relativas à auto-percepção.....	100
2. Rorschach- Variáveis relativas às identificações.....	111
3. Rorschach- variáveis relativas aos recursos disponíveis.....	116

RESUMO

CAMPAGNA, Viviane Namur. *Aspectos da organização da identidade feminina no início da adolescência*. São Paulo, 2003. 160p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

A partir das posições teóricas que afirmam que a adolescência é uma fase de lutos e reorganização da identidade e das discussões atuais sobre a antecipação da puberdade feminina e a influência da mídia na idealização do corpo feminino, este trabalho procura contribuir para a compreensão do início da adolescência na mulher.

Baseia-se em uma pesquisa com 20 garotas de 12 anos, de classes média e média alta da cidade de São Paulo, através de entrevistas, Desenhos da Figura Humana e Método de Rorschach.

Após análise quantitativa e qualitativa dos resultados, observa que estas têm uma auto-imagem mais negativa que positiva.

As jovens identificam-se muito com os pais e outros familiares, mas também com os colegas e com os modelos veiculados pelos meios de comunicação. As identificações são, no entanto, mais fantasiosas que reais, pois vivem um momento de restrição nas relações e elevação do egocentrismo.

Elas possuem muitos recursos afetivos e cognitivos, mas eles não estão totalmente disponíveis para auxiliá-las neste momento.

Conclui que o início da adolescência feminina é uma fase de fragilidade egóica devido às pressões internas e externas, e que o meio social dificulta o processo de reorganização da identidade ao impor padrões idealizados de beleza e não oferecer um lugar de pertencimento a essas jovens.

ABSTRACT

CAMPAGNA, Viviane Namur. *Aspects of feminine identity in the beginning of adolescence*. São Paulo, 2003. 160p. Master Thesis. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Starting from theoretical considerations regarding adolescence as a phase of mourning and identity reorganization, as well as from current discussions on the anticipation of the feminine puberty and the influence of media on feminine body idealization, this study intends to contribute to the understanding of the beginning of adolescence in women.

The research is based on 20 twelve-year-old middle class girls, assessed through interviews, Human Figure Drawings and the Rorschach.

After quantitative and qualitative analysis, we concluded that these girls present a negative rather than positive self-image. They identify themselves with their parents and other relatives, but also with friends and media standards. These identifications are, however, more imaginary than real, due to restrictions in their relationships and to the intensifying of their self-centered disposition. They have many cognitive and emotional resources, although these are not completely available at this moment. It follows that the beginning of adolescence in women is a phase of ego vulnerability due to internal and external pressures. The social environment makes this process of reorganization of identity even more difficult, by imposing idealized beauty standards, depriving these adolescents of a more genuine emotional context and spaces for belonging.

INTRODUÇÃO

A adolescência, fase que se estende do final da infância até o início da vida adulta, é uma época de intensas transformações corporais, psicológicas, e nas relações sociais dos indivíduos, que implicam numa reorganização da identidade.

Os sujeitos, em cada cultura, têm seu modo particular de viver esse momento, mas as transformações que ocorrem nesse período tornam sempre necessário um “ajuste”, uma nova percepção de si mesmo, e levam, de uma maneira ou de outra, a rupturas, desequilíbrios e novas adaptações.

A maioria dos autores propõe, como data de início da adolescência feminina na sociedade ocidental contemporânea, a idade de 11 ou 12 anos (Aberastury, 1984, Muuss, 1966, Bossa, 1998), que corresponde à idade média da ocorrência da menarca, primeira menstruação (Penna, Epps & Deluqui, 1970, Kuczinsky, 1998).

A maioria dos autores faz iniciar a adolescência feminina a partir da menarca (Ferrer, 1990, Bossa, 1998), mas as modificações corporais têm início a partir dos oito ou nove anos, desencadeadas pelas produções dos hormônios: mudanças no tamanho do corpo, nas suas proporções, e desenvolvimento das características sexuais primárias e secundárias.

Alguns autores, como Berenstein (1995), assinalam que os hormônios desencadeiam tanto mudanças físicas quanto psicológicas, como alterações na emotividade e agressividade, mas parece difícil discriminar qual o ponto de partida dessas transformações, se biológico ou psicológico, parecendo

mais provável que elas ocorram conjuntamente, umas influenciando as outras.

Blos (1973) situa esse estágio inicial da adolescência, onde ocorrem as principais mudanças físicas (dos 10 aos 14 anos), como crucial para o desenvolvimento posterior do indivíduo, apesar do pouco lugar que ocupa nas pesquisas feitas, afirmando que a sincronicidade entre os processos biológicos e os psicológicos é um pré-requisito para o desenvolvimento normal.

A reflexão sobre a necessidade de haver uma integração entre processos físicos, psíquicos e sociais nos parece fundamental por vários motivos.

Um deles é o resultado de pesquisas recentes que mostram que a puberdade, todo o processo de alterações biológicas, está começando cada vez mais cedo nas meninas (Herman-Giddens, Slora & Wasserman, 2000).

Berenstein (1995) afirma que até o século XIX as mulheres menstruavam pela primeira vez aos 17 anos. Neste século elas menstruam, em média, aos 12 anos e, a cada geração, a menarca ocorre 10 meses mais cedo.

Este tema tem sido objeto de polêmicas e controvérsias. Alguns pesquisadores consideram prematuro fazer afirmações antes que mais pesquisas sejam feitas; concordam que o início da puberdade está se antecipando, mas não a menarca. Outros autores falam de uma antecipação também da menarca.

Paralelamente a essa discussão, temos visto com frequência reportagens na mídia que tratam de possíveis mudanças que estariam ocorrendo no comportamento das meninas. O artigo de Veiga, por exemplo, (2000, Revista Veja), afirma que parece estar havendo uma mudança no modo das meninas se comportarem, adotando cada vez mais cedo modelos adultos de comportamento e preocupações que antes apareciam mais tarde, como, por exemplo, a relativa ao aspecto físico, ao mesmo tempo que estão deixando de brincar mais precocemente.

Esta mudança parece dever-se, em parte, à influência da própria mídia, que difunde um modelo de aparência física extremamente idealizado, símbolo de status e poder, que as jovens querem seguir, às vezes com sérios prejuízos para sua saúde física e mental. Inúmeros artigos têm também focalizado o uso de dietas e remédios pelas adolescentes, sem acompanhamento médico, e o aumento de casos de depressão e distúrbios alimentares nessa faixa etária.

Alguns especialistas levantam a hipótese de que o desejo de crescer rapidamente pode estar estimulando o organismo a produzir hormônios mais cedo.

Nossa questão, no entanto, não é determinar as causas dessas mudanças, mas, a partir da constatação delas, observar, dentro desses novos contextos, como se apresentam alguns aspectos da organização da identidade feminina na adolescência.

Vários autores apontam que, do ponto de vista psicológico, as adolescentes tem que realizar dois movimentos essenciais, nesse momento, para a organização de sua identidade: elaborar as mudanças que ocorrem em seu corpo e responder às exigências sociais que se colocam a elas nesse percurso.

Segundo Hurlock (1979), em nenhum outro período da vida o indivíduo se submete a tantas mudanças súbitas e drásticas em tão curto tempo, e em nenhuma outra idade está menos preparado para enfrentar os problemas que as mudanças trazem.

Frente às pressões internas, biológicas, que ocorrem cada vez mais cedo, e às pressões externas, sociais, que traduzem-se, entre outros fatores, por uma valorização exacerbada da aparência, interessa-nos saber como as jovens estão adaptando-se às mudanças e reafirmando sua identidade.

Aberastury e Knobel (1984) assinalam que o adolescente tem que realizar três lutos fundamentais para seu desenvolvimento: o luto pelo corpo infantil perdido, o luto pelo papel e identidade infantis e o luto pelos pais da infância. Juntamente com as mudanças corporais acontecem mudanças

psicológicas que levam o adolescente a uma nova relação com os pais e com o mundo. O adolescente precisa aceitar simultaneamente seus aspectos de criança e adulto para aceitar as mudanças que ocorrem em seu corpo.

Acrescentam que a base de todo o processo da adolescência é a necessidade que o jovem tem de reformular os conceitos que tem de si mesmo, abandonando sua auto-imagem infantil e projetando-se num futuro adulto. Afirmam ainda que esse processo tem características mais ou menos favoráveis, dependendo da cultura e da sociedade em que o jovem está inserido.

Frente a essas afirmações, esse trabalho visa estudar alguns aspectos desse processo em um grupo de garotas de 12 anos, portanto no início da adolescência, a fim de buscar ampliar a compreensão de como estas podem estar elaborando as perdas implicadas nesse momento e a forma como estariam se adaptando às mudanças que vivem.

Para alcançar esse objetivo, serão destacados e investigados alguns elementos desse processo, a saber: como é a percepção ou imagem que elas tem de si mesmas, quais são seus modelos de identificação e que recursos têm disponíveis para lidar com as transformações que ocorrem com elas.

Partimos do pressuposto de que buscar respostas a essas questões poderá trazer uma compreensão maior de como se organiza a identidade feminina no início da adolescência, tarefa essencial dessa fase, além de trazer elementos para a realização de trabalhos preventivos, que teriam como função dar apoio e facilitar o desenvolvimento feminino nesse momento que parece marcado por tantas transformações.

1.1. A puberdade na mulher

1.1.1. Adolescência e puberdade

A palavra “puberdade” vem do latim *pubertas*, que significa idade viril, referindo-se à época em que os órgãos reprodutivos amadurecem e começam a funcionar.

Puberdade e adolescência não são sinônimos. Blos, citado em Osório et al. (1982), descreve a puberdade como um fenômeno predominantemente biológico, relativo às transformações corporais, e a adolescência como os componentes psicológicos desse processo, que é constantemente determinado, modificado, e influenciado pela cultura e pela sociedade. Já Marcondes (1979) propõe que a adolescência seja entendida como um conjunto de manifestações bio-psico-sociais, sendo então a puberdade um aspecto dela.

Apesar de a puberdade ser sempre colocada como a parte biológica das transformações adolescentes, como um processo maturacional que segue um percurso pré-determinado, apesar das diferenças individuais no ritmo das mudanças, parece ocorrer na adolescência um conjunto de mudanças onde o biológico influencia o psicológico e o social e vice-versa.

A maior parte das transformações físicas ocorre no final da infância e início da adolescência, como o desenvolvimento dos caracteres sexuais primários e secundários, a modificação da composição corpórea, alterações metabólicas e aceleração do crescimento estatural. Ao final desse processo, os indivíduos atingem a maturidade física adulta (Damiani & Setian, 1979).

Na descrição de Hurlock (1979), esse processo tem início no final da infância, por volta dos nove anos, com a preparação do corpo para a reprodução. A glândula hipófise produz dois hormônios que se relacionam com o desenvolvimento puberal: o hormônio do crescimento, que influencia a determinação do tamanho do indivíduo, e o hormônio gonadotrófico, que estimula a atividade das gônadas, isto é, as glândulas sexuais, no caso da

mulher os ovários. À medida que aumenta a produção do hormônio gonadotrófico ocorre uma maior sensibilidade das gônadas a ele. Os ovários então amadurecem e passam a produzir óvulos, bem como os hormônios que ocasionam as mudanças sexuais no crescimento e desenvolvimento dos órgãos sexuais (útero, trompas de Falópio e vagina) e características sexuais secundárias: aumento e arredondamento dos quadris, desenvolvimento dos seios, aparecimento dos pelos pubianos e axilares, mudança na voz, arredondamento dos ombros e a definição das formas de braços e pernas. Depois que os hormônios sexuais gonádicos são estimulados pelos da hipófise, eles por sua vez agem sobre esta glândula e causam uma redução gradual na quantidade do hormônio de crescimento, até bloquear completamente sua ação.

O surto de crescimento da puberdade começa um ano ou dois antes que os órgãos sexuais amadureçam, e depois disso dura de seis meses a um ano. Nas meninas começa entre 8,5 e 11,5 anos, com um pico de rapidez que ocorre em média aos 12,5 anos declinando depois disso até parar por volta de 15 a 16 anos.

O crescimento em altura segue um padrão regular e geralmente precede o aumento de peso. Em cerca de três anos, até um ano depois da puberdade, a menina ganha em média 17 quilos.

Ainda segundo Hurlock (1979), durante a puberdade a cabeça cresce lentamente em relação ao resto do corpo, a testa se torna mais alta e larga, o nariz cresce rapidamente, a boca se alarga, os lábios tornam-se mais cheios e o queixo passa a ser mais pronunciado; desenvolve-se a linha da cintura, ombros e quadris se alargam, os braços e as pernas se alongam e tornam-se mais moldados, em consequência dos depósitos de gordura; além disso, há o desenvolvimento dos seios, o aparecimento dos pêlos púbicos, axilares, faciais e nos membros; também ocorrem mudanças na voz, e na cor e textura da pele. Ocorrem mudanças também nos órgãos internos, nos sistemas digestivo, circulatório, endócrino e respiratório; os ovários e o útero crescem e amadurecem rapidamente. Acompanhando essas mudanças, vem o sangramento menstrual cíclico ou menstruação.

Ao mesmo tempo que ocorrem essas mudanças físicas, há mudanças de interesse e comportamento nas jovens. Observa-se, segundo Hurlock (1979), um aumento da emotividade nos primeiros anos da adolescência, quando é maior a mudança no desenvolvimento físico. O aumento da emotividade alcança seu pico, segundo ela, aos 11 ou 12 anos de idade.

Observando essas transformações físicas tão marcantes, que ocorrem num espaço de tempo tão curto, é impossível deixar de considerar o profundo impacto que podem causar na identidade em formação.

1.1. 2. A menstruação

A menarca, primeira menstruação, vem sendo usada há séculos como um critério de maturidade sexual, mas estudos científicos mostram que ela estaria num ponto intermediário da puberdade, pois há um período de esterilidade após a menarca, o que mostra que a maturação sexual ainda não está completa (Hurlock, 1979). O desenvolvimento sexual continua até que o ovário produza o primeiro óvulo fecundável.

Durante a primeira etapa da menstruação é comum que o período menstrual seja irregular. Essas flutuações corporais expressariam, no plano psíquico, as "vicissitudes do luto pelo corpo e identidade infantis" (Aberastury, 1990, p.18).

Alguns fatores influenciam a idade da maturação sexual, como hereditariedade, inteligência, saúde, nutrição, status sócio-econômico-familiar, tamanho e formação do corpo (Hurlock, 1979).

Em nosso meio, os primeiros sinais da puberdade ocorrem, em média, aos nove anos e a menarca por volta dos 12 anos (Penna, Epps & Deluqui, 1970, Berenstein, 1995, Kuczynski, 1998).

Alguns estudos mostram que há uma tendência geral nos países ocidentais à antecipação da menarca com o correr dos anos; em média, em

cada 10 anos, a menarca se antecipa de quatro meses (Tanner, citado em Penna, Epps & Deluqui, 1970).

Acredita-se que os cuidados com a nutrição e a saúde tem modificado a estrutura biológica das pessoas, aproximando-as de seus potenciais genéticos ótimos, causando um início mais precoce da puberdade (Bossa, 1998). Já Rocheblave-Spenlé (1972) levanta a hipótese de que alguns fatores culturais podem estar intervindo de maneira importante na precocidade da maturidade sexual, como, por exemplo, o erotismo na publicidade, na literatura e nos filmes.

Nos E.U.A. tem havido algumas controvérsias em torno dessa questão.

Rosenfield (2000) cita um artigo de Kaplowitz e Oberfield (1999) que, baseado em dados de Herman-Giddens (1997) obtidos a partir de pesquisa com 17000 garotas atendidas em consultórios pediátricos, chegou à conclusão de que o início da puberdade está ocorrendo mais cedo nos E.U.A., o que tornaria necessário fazer um reexame da data limite para definir quando a puberdade seria considerada precoce. Rosenfield contesta este estudo, dizendo que essa pesquisa não foi feita com uma população normativa e que a idade média da menarca continua sendo aos 12 anos, como há 25 anos atrás.

Em réplica, Herman-Giddens (2000) afirma que o número de garotas pesquisadas (17000) torna este estudo como o melhor já feito nos E.U.A. até hoje. Concorda, no entanto, que a idade média da menarca entre as garotas brancas americanas não mudou nos últimos 45 anos, concluindo que a puberdade começa mais cedo, mas tem uma duração mais longa até a menarca; no entanto, afirma que mesmo a idade média da menarca caiu vários meses entre as garotas afro-americanas desde estudos de 1960.

Do ponto de vista emocional, a menstruação é comumente vivida com ansiedade, angústia, culpa e medo. O conhecimento de que a menstruação é uma hemorragia que vem de dentro do corpo é geralmente associada à idéia de ferimento, feito por si mesmo ou por alguém. Segundo Harris et al. (1973), a garota tem fantasias de que esses ferimentos estejam ligados à masturbação e à hostilidade aos pais internos, que a acompanha. No início da menstruação, a menina experimentaria, devido a uma revivência do Complexo de Édipo, um sentimento profundo de hostilidade pela mãe, além do medo de tornar-se parecida com ela, a quem destruiu em sua fantasia. Nesse sentido, a menstruação, como prova de sua feminilidade, lhe traria a angústia de ser como a mãe. Nesse momento, muitas meninas passam de uma vivência de relativa segurança em relação ao seu corpo e seu vestuário à incerteza de sua nascente feminilidade, reflexo dos sentimentos inconscientes acima citados.

Levisky (1995) diz que a aceitação da menstruação será mais tranqüila nas moças que viveram uma infância cuja feminilidade tenha sido desenvolvida sem grandes problemas em relação à sua identidade feminina e, no seu modo de ver, parece estar sendo vivida com mais naturalidade nos dias atuais do que há 20 anos atrás.

Vemos, a partir dessas afirmações, como a menarca, mais do que resultado de um conjunto de mudanças puberais, é um acontecimento que, simbolicamente, assinala as transformações que ocorrem na identidade feminina, fazendo com que a maioria dos autores a coloque como marco da entrada na adolescência. Com a ocorrência desse processo numa idade mais precoce, questionamos qual impacto psicológico teria no desenvolvimento da identidade feminina.

Segundo Aberastury (1990), desde que deixa de ser um bebê o corpo do ser humano mantém uma identidade até a adolescência; essa identidade sofre uma desorganização com a emergência dos caracteres sexuais secundários. As mudanças que ocorrem nesse período levam a uma perda do antigo esquema corporal e da identidade infantis, implicando na busca de uma nova identidade, com aspectos conscientes e inconscientes, além da

necessidade de incluir os genitais adultos no seu novo esquema corporal. A menina adquire um novo status e, com a chegada da menstruação, tem como tarefa psíquica que definir seu papel e identidade sexual.

Segundo Hurlock (1979), as moças se preocupam mais com o desenvolvimento de seus corpos do que os rapazes, porque para elas seus corpos se relacionam muito mais de perto a seus papéis na vida, uma vez que a sociedade dá mais importância à aparência feminina. Ela afirma também que alguns fatores influenciam o modo como a adolescente viverá essas mudanças corporais, entre eles a rapidez com que as mudanças acontecem, a informação que a jovem tem sobre o que está acontecendo com ela, o quanto sua aparência se aproxima ou se afasta do ideal da infância, as expectativas das pessoas significativas para ela, assim como os estereótipos sexuais.

Vemos assim que várias alterações físicas marcam a puberdade na menina, que produzem efeitos psicológicos os quais configuram o que chamamos de adolescência. Por sua vez, cada geração de adolescentes produz mudanças sociais e culturais ao longo do tempo, que interferem nos fenômenos da puberdade e adolescência das gerações seguintes, num processo global onde cada aspecto (social, biológico, psicológico) é permanentemente influenciado pelo outro, fazendo com que cada geração tenha suas especificidades que precisam ser compreendidas.

A puberdade resulta em grandes mudanças na aparência das meninas com todas as implicações sócio-culturais e psicológicas que isso traz. Durante um período de alguns anos o corpo feminino sofre profundas transformações onde perde seu aspecto infantil e vai adquirindo aos poucos o de adulto. Levando-se em consideração todo o contexto social de expectativas sobre a aparência feminina e a adaptação necessária a um corpo em mutação, uma certa força egóica é necessária para suportar essas transformações. Se essas mudanças vêm acontecendo mais cedo, é necessário verificar se um concomitante desenvolvimento psicológico dá suporte a elas.

1. 2. Aspectos culturais e sociais da adolescência

A adolescência é cada vez mais concebida como um fenômeno bio-psico-social e, se a entendemos dessa maneira, torna-se necessário situar o contexto social, cultural e histórico onde se desenvolve essa identidade feminina que pretendemos estudar, pois, como afirma Warnes (1973), pode-se separar processos psicológicos e processos históricos para fins de análise, mas eles formam uma unidade indissolúvel.

Do ponto de vista histórico, é a partir da Idade Média que se inicia uma preocupação maior em diferenciar etapas da evolução da vida no ser humano; essas separações iniciais traduziam a visão que se tinha então da vida e da biologia. Inicialmente não havia lugar para a adolescência, que era confundida com a infância. Passava-se da infância para a juventude, sendo esta entendida como a maturidade física já alcançada. A longa duração da infância provinha da indiferença que se tinha então pelos fenômenos puramente biológicos. A idéia da infância estava ligada à idéia de dependência, portanto só se saía da infância ao se sair da dependência, na juventude. Não se possuía a idéia que temos hoje de adolescência e esta demorou a se formar. A consciência de um período entre infância e maturidade, ganhou força principalmente no século XX, e, a partir daí, a adolescência se expandiu, empurrando o espaço entre infância e maturidade (Ariés, 1978).

Levisky (1995) afirma que a adolescência, do modo como é vivida na cultura ocidental, surgiu com a industrialização e o desenvolvimento da burguesia; leis trabalhistas começaram a surgir a partir de então e o sistema educacional, que era restrito à aristocracia, se ampliou para as massas, o que manteve a maioria dos jovens longe do trabalho e dependentes dos pais por mais tempo. Os jovens podiam então continuar sua educação e prosseguir no seu desenvolvimento psicológico antes de entrar no mercado de trabalho. Com o avanço da industrialização, a organização do trabalho também foi exigindo das pessoas uma especialização cada vez maior,

alargando o período de estudos, e prolongando a dependência dos jovens em relação aos pais.

Também a partir do século XX, com Stanley Hall e Sigmund Freud, começou a haver uma preocupação em se estudar cientificamente a adolescência.

Se, por um lado, os estudos sobre a adolescência se multiplicaram desde então, e esta passou a ser entendida como uma fase de desenvolvimento com características próprias, o “lugar social” da adolescência, o papel e importância da adolescência nas sociedades industriais urbanas parece ainda não ter sido definido, o que talvez contribua para a dificuldade dos jovens em adquirir uma identidade adulta. Ruffino (1993) entende que a Modernidade ampliou a tendência à universalização e homogeneização dos preceitos culturais característicos das sociedades ocidentais, em detrimento dos laços sociais que uniam cada grupo social à sua história e cultura específicas. Dessa maneira, foram desaparecendo os ritos pubertários que faziam a passagem da infância para a idade adulta, tornando necessário um período de adolescência para que o jovem pudesse se preparar para ser adulto; com a perda dos ritos, os jovens passaram a ter que fazer, de uma maneira solitária, o que antes era compartilhado no laço social.

Na sociedades ocidentais modernas, quando entra na puberdade o jovem é retirado de sua condição infantil, mas não recebe o status de adulto. Nas sociedades primitivas, a menstruação, por exemplo, é cercada de ritos que marcam a passagem da infância para a idade adulta; após os ritos, ela está apta para as funções de uma mulher adulta dentro da sua comunidade.

Nas sociedades ocidentais modernas, como também assinalam Stone e Church (1969), a adolescência foi como que "inventada", produto de um crescente retardamento na tomada de responsabilidades adultas. As várias facetas da idade adulta como término dos estudos, casamento, independência financeira dos pais, foram sendo adiados para idades cada vez maiores, prolongando cada vez mais a adolescência.

Ao mesmo tempo que o jovem não é mais considerado criança, ele ainda é considerado imaturo e há muita ambigüidade sobre em quais aspectos ele pode ser considerado mais ou menos maduro.

Alguns autores acreditam que a identidade será afetada se o adolescente é desprovido de status e não cumpre papéis. Horas e Horas (1973) assinalam que, atualmente, os adolescentes urbanos das sociedades industriais geralmente possuem conflitos de identidade porque têm uma moratória social muito prolongada e não tem um apoio social para ter experiências positivas. Existiria uma contradição básica decorrente do fato de não se reconhecer mais o adolescente como criança, mas não incorporá-lo como aprendiz de adulto.

Ulhôa (1974), chega a essas mesmas conclusões em seu estudo sobre adolescentes brasileiros das sociedades urbanas e rural. Afirma que em ambas há uma ambivalência dos papéis que são atribuídos ao adolescente e uma falta de definição de um "status", o que contribuiria para a instabilidade dos adolescentes nessas duas sociedades. Acrescenta, como já assinalado por Horas e Horas (1973), que no meio urbano, os adultos tendem a aplicar aos adolescentes sistemas distintos e mesmo contraditórios, tratando-os às vezes como crianças e às vezes como adultos. Os adolescentes não têm lugar definido na sociedade e perdem, assim os pontos de referência necessários.

Como afirma Levisky (1995) as jovens, principalmente das classes mais favorecidas, se encontram numa forte relação de dependência e superproteção do grupo familiar, que em geral é aceita por elas, caminhando muito lentamente para a maturidade. Por outro lado, há o desejo de tornar-se adulta logo, para subir na escala social e adquirir status e prestígio. Ulhôa (1974) interpreta esse desejo como um mecanismo de defesa contra a sociedade que não lhe permite a integração e elimina a possibilidade prática de se firmar como adulta.

As jovens, ainda segundo Ulhôa, mostram uma preocupação excessiva com a aparência, o que é motivo de competição e rivalidade entre elas, num esforço para colocar em valor as características sexuais. A

hipótese dele é que, sem uma definição de um papel e um valor ligados à adolescência, as jovens buscariam na aparência a possibilidade de status e ascensão.

Parece-nos que, com a complexidade e rápida evolução da estrutura social nas sociedades industrializadas urbanas, torna-se difícil para pais e filhos saber que papéis são esperados dos jovens atualmente. Em relação às meninas de 12 anos, que também têm sofrido grandes mudanças internas e externas nos últimos anos, que expectativas deve-se ter? Como elas devem vestir-se, portar-se, relacionar-se socialmente? Que papéis devem desempenhar?

Frente a um caminho tão longo até a aquisição da profissão, independência econômica e casamento, expectativas que se tem em relação às garotas nas classes média e média alta, que funções elas podem ir exercendo?

Talvez, nesses tempos de mudança, a adolescente e sua família nunca tenham certeza se suas condutas são boas, se suas escolhas são corretas, e quais reações esperar dos outros, o que provavelmente traz muita insegurança.

1. 2.1. As jovens e a mídia

Na nossa sociedade urbana ocidental, principalmente na classe média, as relações familiares mudaram muito nos últimos tempos. A família ficou cada vez mais fragmentada, diminuindo o convívio dos jovens com outros parentes, como tios e avós. Contribuiu para isso as distâncias que separam as casas e a inserção cada vez maior da mulher no mercado de trabalho. Isso também causou a diminuição do tamanho da família, sendo freqüente hoje os jovens que são filhos únicos ou tem apenas um irmão. Como afirma Rocheblave-Spenlé (1972), as relações afetivas, ao se repartirem entre menos pessoas, tornam-se mais intensas e

sobrecarregadas. Não existem muitos irmãos de idade intermediária com quem se possa repartir as ansiedades, tornando os conflitos com os pais mais intensos. Os pais, ao estarem muito tempo fora de casa para trabalhar, ou ao se separarem, ocorrência que vem aumentando nos últimos anos, às vezes distanciam-se dos filhos.

Acreditamos que a violência urbana também contribuiu para tornar os jovens mais dependentes dos pais, até para sua locomoção, diminuindo o convívio que acontecia entre jovens do mesmo bairro. O convívio agora acontece mais entre colegas de escola, e os pais ou motoristas são necessários para transportá-los. Todos esses fatores fazem com que os jovens, principalmente no início da adolescência passem muitas horas em casa, sozinhos, gastando um tempo considerável na frente da televisão e do computador.

Acrescenta-se a esses fatos o avanço progressivo dos meios de comunicação e a conseqüente globalização. Graças à comunicação de massas e à propaganda, as crianças e os jovens possuem acesso ao mundo dos adultos independentemente da autoridade dos pais.

Como afirma Levisky (1995), a velocidade e a intensidade de penetração com que os meios de comunicação atingem as culturas tem sido, nos últimos tempos, mais intensa que a capacidade de assimilação das pessoas.

Nas sociedades regidas pela cultura de massas, como assinala Kehl (2001), o predomínio da imagem tem um efeito avassalador. Esse modo de funcionar próprio das imagens e da nossa exposição a elas produz um tipo de funcionamento psíquico que dispensa o pensamento. Aquilo que se vê não é simbolizado.

O meio social vem passando por modificações que cada vez mais favorecem um achatamento da subjetividade individual. A mídia lança mão de termos como globalização, como sinal de crescimento e integração, mas estes também passaram a ser algumas das representações da massificação. Promove-se, por exemplo, um culto narcísico do corpo, no qual a imagem se mantém cada vez mais como perfeita e aprovada

segundo os padrões culturais vigentes, impedindo o sentir, o pensar, o criar e o próprio existir em nome de uma " modelagem adequada ". Assim, o adolescente se vê à voltas com suas limitações e frente à impossibilidade de corresponder aos modelos de identificação divulgados pela mídia (Sancovisky, 2000).

O corpo é vendido como objeto de consumo nos mais diferentes tipos de anúncios. Se, por um lado, estamos na era do "politicamente correto", onde se afirma o respeito pelas diferenças, impõe-se padrões de estética corporal que estão fora do alcance da maioria das pessoas. Manter a forma tornou-se um vício e a mídia oferece dietas, cirurgias plásticas, cremes, na busca do corpo perfeito. Tudo parece se metamorfosear em mercadorias.

A imagem corporal idealizada contrasta com a imagem corporal vivida, que pode não corresponder à realidade objetiva, em função de fantasias e distorções que interferem na percepção de si mesmo. O adolescente é muito sensível à sua imagem corporal e pode reagir com ansiedade e depressão se esta não corresponde à imagem idealizada.

Além da idealização, o corpo é também muito erotizado. Cenas de estímulo à excitação sexual são cada vez mais comuns nos meios de comunicação. Vivendo uma crise de identidade, o adolescente possui um terreno fértil para sofrer induções e sugestões de toda ordem (Levisky, 1995).

Nesse contexto, as jovens adolescentes, vivendo uma série de mudanças físicas e psicológicas frente às quais tem que se adaptar, encontram no meio externo um ambiente que já não as reconhece como criança, pois o corpo cada vez mais cedo mostra contornos de mulher, mas não lhes confere um status, nem psicológico nem corporal, por sua posição de adolescente. Parece que ser adolescente não lhes traz nenhum sentimento de pertinência, de um novo status na família e na comunidade e isso talvez reforce o desejo de se tornarem logo adultas, se valorizarem através da aparência, o que é incentivado pela mídia, que vende a idéia de que o bom é o corpo físico perfeito. Isso pode ter conseqüências importantes para a auto-estima das jovens, caso não se encaixem nesse modelo, o que

pode ser freqüente na adolescência. A necessidade de independência e de ser aceita em novos ambientes, características dessa idade, faz com que elas procurem enquadrar-se nesses padrões.

Parece que qualquer que seja o contexto cultural, a adolescência será sempre um período de ruptura e desequilíbrios devido às mudanças biológicas e psicológicas implicadas nesse processo. Há uma irrupção incontável de um novo corpo que modifica a posição da jovem no mundo e a obriga a novas formas de convivência com ele. No entanto, talvez esse contexto sociocultural em que se desenvolve a adolescência nos grandes centros urbanos torne ainda mais complexo esse processo, na medida em que aumenta a instabilidade e a insegurança da jovem em relação a ter um lugar e ser aceita como um ser em transformação.

Por um lado, a jovem é rapidamente vista como mulher, e estimulada a ter um corpo físico perfeito e sexualmente atraente. Por outro, é vista como menina, sem um status social diferente por ter crescido, ser adolescente. Não há tarefas novas a desempenhar, principalmente nas classes média e média alta. Só há uma longa espera até a aquisição de um status adulto, que demora a chegar nesses tempos de crise econômica e escassez de empregos.

Frente a esse quadro sociocultural, como estarão as jovens entrando na adolescência e reagindo a essa situação?

1. 3. A formação da identidade feminina segundo a psicanálise

Enquanto o corpo e as expectativas sociais se modificam, a identidade feminina começa a se definir nesse período que chamamos de adolescência.

Carvajal Corzo (1994) define identidade como "a vivência ou sensação que temos, nós seres humanos, de sermos nós mesmos, assim como tudo o que nos permite ser distintos ante os olhos dos outros" (p.21).

Dentro do referencial teórico psicanalítico, a constituição psíquica do indivíduo e, portanto, as bases da construção de sua identidade, se formam nos primeiros anos de vida, através das etapas de desenvolvimento da sexualidade infantil.

Freud (1905) afirma que o desenvolvimento sexual acontece em duas etapas. Há um primeiro momento estruturante, que se encerra com o desfecho do Complexo de Édipo. Após um período de latência, onde ocorre uma sublimação dos instintos canalizados para atividades socializantes, acontece o segundo momento estruturante, com a eclosão da puberdade e o início da fase genital.

Na puberdade ocorre, segundo Freud, uma reedição do conflito edípico, após o que as fantasias incestuosas podem ser superadas e repudiadas; ao mesmo tempo completa-se o que ele afirma ser uma das mais dolorosas e significativas realizações psíquicas do período puberal: o desligamento da autoridade dos pais.

Erickson (1972) parte das fases descritas por Freud, mas defende a idéia de que a vida inteira do homem, e não apenas a sua infância e adolescência, move-se ao redor de uma série de idades marcantes. Relaciona cada uma delas a uma crise psicossocial, colocando uma ênfase maior na relação indivíduo-meio ambiente, o que nos parece importante, e abrangendo todo o ciclo vital humano, como se desenvolvendo através de crises e transformações.

A fase genital descrita por Freud, que ocorreria na adolescência, corresponderia à crise definida por Erickson como de identidade x confusão de papéis.

Erickson (1972) analisa três aspectos básicos dessa fase:

1. O crescimento físico rápido, no qual o jovem adquire um maior interesse pela sua aparência e faz a comparação entre como se percebe e como acha que os outros o percebem.
2. A maturação sexual.
3. A procura por alguma perspectiva em suas funções como membro adulto da sociedade.

A organização da identidade é a etapa central dessa fase. Seria o momento da transformação das identificações em identidade, onde haveria uma integração das etapas anteriores. Para Erickson (1972), a identidade é mais que a soma das identificações da infância, é a integração dessas identificações com as vicissitudes da libido, com as aptidões naturais, e com as oportunidades oferecidas nas funções sociais.

Para ele, a identidade é definida como:

... um processo que ocorre em todos os níveis de funcionamento mental, pelo qual o indivíduo julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam à luz do modo como percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele. Esse processo é, felizmente, (e necessariamente), em sua maior parte, inconsciente..... (1972, p. 21).

Ao falar sobre o conceito de “identidade”, Erickson (1972) afirma que pela sua própria natureza, este está sujeito a variações de significado em cada momento histórico.

O autor assinala que, sendo um conceito bastante amplo e complexo, quando se tenta especificá-lo melhor, para torná-lo mais mensurável, corre-se o risco de deixar de fora os aspectos menos controláveis e que podem ser os mais essenciais do conceito. Por outro lado, afirma que a tentativa de conceitualização da identidade conduziu a uma série de investigações importantes, que, se não tornaram sua definição mais clara, ao menos trouxeram benefícios para a sociedade.

Para ele, é um processo que se localiza no âmago do indivíduo e, ao mesmo tempo, no núcleo central da sua cultura, estabelecendo ao mesmo tempo uma identidade individual e coletiva. Esse processo estaria sempre mudando e evoluindo e, do ponto de vista pessoal, torna-se mais abrangente à medida que o indivíduo vai ganhando consciência de um círculo em constante ampliação, que vai desde mãe até a humanidade.

Aberastury e Knobel (1984) também ressaltam, como Erickson, a importância dos aspectos sociais principalmente na expressão da personalidade do adolescente mas, ligados ao modelo teórico de Melanie Klein, afirmam que há uma base psicobiológica que dá características universais à adolescência. Uma dessas características é o redespertar da sexualidade, agora num nível de maturidade genital, o que implica numa reorganização do esquema corporal e numa luta interna entre crescer e permanecer criança.

Knobel (1984) define adolescência como

a etapa da vida durante a qual o indivíduo procura estabelecer sua identidade adulta, apoiando-se nas primeiras relações objeto-parentais internalizadas e verificando a realidade que o meio social lhe oferece, mediante o uso dos elementos bio-físicos em desenvolvimento à sua disposição, e que, por sua vez, tendem à

estabilidade da personalidade num plano genital, o que só é possível quando se faz o luto pela identidade infantil (p.26).

Seria, portanto, característico da adolescência, segundo ele, adotar diversas identidades transitórias, ocasionais e circunstanciais, refletindo a luta pela aquisição do eu, pela definição da identidade que está sendo buscada. Como consequência final da adolescência haveria o conhecimento de si mesmo como um todo biopsicossocial . Isso incluiria o conhecimento do corpo e do esquema corporal, que seria "a representação mental que o sujeito tem de seu próprio corpo, como consequência de suas experiências em contínua evolução" (1984, p. 31).

Para que seja possível relacionar a teoria e a prática, serão desenvolvidos a seguir três aspectos da teoria psicanalítica que se pretende abordar posteriormente através da análise do material dos sujeitos dessa pesquisa. São eles:

1.3.1. Os conceitos de identidade e identificação.

1.3.2. O desenvolvimento de recursos internos a partir da organização do ego.

1.3.3. O desenvolvimento da percepção de si mesmo.

1.3.1. Os conceitos de identidade e identificação

Laplanche e Pontalis (1986) conceituam identificação como "processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa" (1986, p.295).

Avenburg (1973) acrescenta que identidade é um conceito inseparável de identificação, processo que se dá anteriormente à percepção da diferença implícita em toda relação com o outro. A identificação seria a

primeira forma de ligação afetiva com o outro, que é negado em sua diferença e conservado dentro do eu, que vai se constituindo nesse processo.

Levisky (1995) afirma que desde muito cedo o outro é necessário para definir nossa própria existência e identidade. O processo talvez se inicie quando os pais projetem, nos filhos que vão nascer, aspectos de si mesmo. Assim, o sujeito é o resultado da interação entre aspectos próprios, constitucionais, e os adquiridos na relação que se estabelece com o outro, primeiramente os pais, dentro de uma determinada cultura, com seus valores e conflitos. O processo de identificação, que culminará na aquisição da identidade, será agente modificador da cultura e sofrerá as conseqüências dessa mudança. A cultura se faz presente tanto pelo modelo identificatório dos pais, como pela ação direta nos indivíduos, especialmente os adolescentes, que estão num momento de construção de sua identidade.

Na visão psicanalítica é através do processo de trocas que se estabelece nas primeiras relações entre mãe e bebê, que vão se criando as condições para o desenvolvimento do aparelho psíquico e dos processos de identificação, que serão o alicerce para os processos psíquicos subsequentes.

A mãe é o primeiro objeto amoroso, tanto do menino quanto da menina. A partir da necessidade de ser alimentado e do contato com o corpo da mãe, o bebê descobre o desejo e a satisfação ligados à região oral. Obtém uma satisfação auto-erótica através dos atos de chupar, beber e comer. Na segunda fase desse estágio, a oral sádica, a criança mostra tendências sádicas mordendo durante o aparecimento dos dentes

Entre dois e três anos, começa o estágio anal, onde a principal zona erógena passa a ser a região anal. A criança demonstra prazer em controlar partes de seu corpo, como os esfíncteres, obtendo, além da satisfação auto-erótica, o prazer de exercer um certo controle sobre os pais. A criança interessa-se pelo seu próprio corpo, comparando e descobrindo as diferenças entre ela e seu pai e seus irmãos. A menina quer saber se terá seios e pêlos como sua mãe, e porque não tem um pênis, como seu pai.

A partir dessas vivências, tem início a fase fálica. Há muitas discordâncias sobre como é vivida essa fase na mulher. Freud (1905) afirma que a zona erógena feminina nesse momento é o clitóris, que corresponderia ao pênis. A menina interpreta sua ausência de pênis como uma castração que sofreu, responsabiliza a mãe por esse fato, e isso faz com que ela se desprenda dela e se dirija ao pai enquanto objeto amoroso. Deseja ter um filho do pai, que simboliza para ela o pênis perdido. Aos poucos, percebe-se fazendo parte de uma relação triangular, formada por ela, seu pai e sua mãe. Vive sentimentos ambivalentes de amor e ódio em relação aos pais, além de culpa pelos desejos eróticos e sentimentos hostis. Essa triangulação é a base do conflito edípico. A elaboração do Édipo levará a uma identificação com as figuras parentais, iniciando a estruturação do superego.

Para Klein (1932), os primeiros estágios do conflito edípico acontecem anteriormente ao afirmado por Freud, sendo seu início por volta dos 6 meses de idade. Como resultado da frustração oral, pelo fato de não ter o seio à sua disposição, e depois, por ele ser lhe gradativamente retirado, a menina afasta-se da mãe e aproxima-se do pai como objeto de gratificação, se identificando com a mãe. Nesse momento, início da posição depressiva para Klein, a criança elabora pela primeira vez a figura do pai como terceiro elemento, que interfere na relação antes simbiótica que o bebê tinha com a mãe. Essa situação dá início aos primeiros estágios do conflito edípico, que Klein chama de fase genital prévia.

A menina imagina os pais unidos sexualmente, e essas fantasias, nas quais percebe-se fora dessa união, despertam muitas vezes sentimentos de inveja e de ódio por ser frustrada por ambos os pais. O ódio em relação à mãe aumenta, pois além da frustração oral ela é possuidora do pai, o que faz com que ela produza fantasias sádicas de atacar e destruir o interior da mãe, privando-a de seus conteúdos. Devido ao medo de represália que essas fantasias provocam, elas formam a base da mais profunda situação de angústia na menina: o medo de ter o interior de seu corpo destruído e seus órgãos genitais danificados.

Na teoria kleiniana, portanto, a menina começa a identificar-se com o pai logo após haver se identificado com a mãe. Quando abandona o seio materno e se volta para o pênis do pai como objeto de gratificação, ela identifica-se com a mãe, mas, assim que sofre uma frustração também nessa situação, identifica-se rapidamente com o pai, que, segundo imagina, usufrui do seio e do corpo da mãe, que ela dolorosamente teve que abandonar. Sentimentos de ódio e de inveja pela mãe, assim como desejos libidinais por ela, fazem com que a menina tenha suas primeiras identificações com o pai.

Na fase fálica, que ocorre por volta dos quatro anos, acontece a repetição de toda essa situação edípica. Ao ressentimento original contra a mãe, por tê-la impedido de tomar o pênis do pai como objeto libidinal junta-se um novo ressentimento contra ela por haver-lhe negado a posse de um pênis como atributo de masculinidade, e esse duplo ressentimento a faz afastar-se da mãe como objeto de amor genital. Seu ódio contra a mãe se transforma em fantasias destrutivas e temores de sofrer uma retaliação por parte dela.

Não podemos esquecer que, paralelamente a estas vivências destrutivas (persecutórias) há também uma relação amorosa intensa e é esta que permitirá a elaboração desse ódio e a identificação com a mãe.

Knobel (1984) afirma que, ao elaborar a situação edípica, a menina percebe que seu corpo não foi nem destruído nem esvaziado pela mãe, podendo então identificar-se com aspectos positivos desta, podendo aceitar seu corpo e seus atributos físicos, e realizando-se no trabalho e nos estudos de uma maneira feminina.

Este período inicial do desenvolvimento, dos zero aos seis anos, é fundamental na estruturação da personalidade do sujeito, constituindo a base da organização da identidade sexual.

Na fase escolar, chamada de período de latência, entre sete e dez anos, a sexualidade é em parte reprimida e em parte deslocada para outros interesses intelectuais e sociais. O superego da criança se desenvolve através da assimilação de valores e princípios morais, dados pelos pais.

Desenvolve-se a consciência através da interiorização dos valores paternos e a ansiedade por infringir os códigos passará a ser vivida então como sentimento de culpa e não mais como medo do castigo externo.

Na puberdade, com a força das transformações biológicas, a jovem é invadida por impulsos sexuais e agressivos, dando início à adolescência. O corpo, a dinâmica psíquica, os interesses sofrem profundas transformações e a adolescente começa a buscar uma identidade própria. Como afirma Aberastury (1990), há nesse momento o luto pelos pais da infância e a descoberta de que seus desejos e idéias diferem dos de seus pais. Isso traz remorso à adolescente e temor de perder os pais da infância.

A jovem revive experiências passadas durante o conflito edípiano, só que agora de uma maneira mais angustiada, porque o desenvolvimento corporal e a sexualidade genital tornam possível a concretização das fantasias edípianas. Frente ao tabu do incesto, a jovem desvia seus interesses sexuais para outras figuras substitutivas, estabelecendo relações afetivas fora do círculo familiar. Para se auto-afirmar, também agride e desvaloriza seus pais, mostrando-se ávida por novos modelos de identificação, que podem ser artistas, pensadores, professores, atletas ou seus próprios colegas, a partir dos quais procura encontrar suas próprias características (Levisky, 1995).

No início da adolescência, no entanto, como afirma Carvajal Corzo (1994), a libido que é retirada dos pais volta-se para si mesma, iniciando uma fase auto-erótica e de isolamento. A jovem sai desse isolamento quando começa a deslocar cargas libidinais para a amiga íntima e depois para o grupo de amigas. Nesse processo evolutivo há tanto uma certa desestruturação como uma reorganização da personalidade e da identidade em direção à personalidade adulta.

Aberastury (1990) afirma que, nesse processo, a jovem perde sua identidade infantil e tem que buscar uma nova, que vai sendo construída num plano consciente e inconsciente. O mundo interno construído com as imagos parentais é a base para a construção dessa nova identidade,

portanto um mundo interno bom, com boas imagens parentais, ajuda a enfrentar a crise da adolescência.

Segundo Aberastury, a adolescente vai se modificando lentamente, pois precisa elaborar o luto pelo corpo infantil que vai perdendo, e aceitar a chegada da menstruação, que lhe impõe uma definição sexual e de seu papel na união com o par do sexo oposto e na procriação. A angústia e os estados de despersonalização que muitas vezes acompanham esses momentos se devem à angústia de perceber que é o próprio corpo que produz essas mudanças.

Aberastury (1990) acrescenta que a identidade que se obtém no final da adolescência tem relação com as identificações do passado, mas inclui também as do presente e as idealizações. O destino das identificações da infância dependerá não só da elaboração interna da jovem, mas também das influências da família e da sociedade nesse momento.

1.3.2. O desenvolvimento de recursos internos a partir da organização do ego

Segundo Weiner (2000), ter recursos disponíveis significa ter uma capacidade de adaptação às demandas cotidianas. Seriam recursos de pensamento e existência de canais adequados para experienciar e expressar os sentimentos e afetos.

Estão ligados à possibilidade de desenvolvimento das atividades sublimatórias: o delineamento de metas para o futuro, a transformação do brincar em trabalho, a possibilidade de utilização da criatividade e o reconhecimento das condições próprias que tornem possível escolhas sincronizadas com o sujeito. A sublimação compreende a possibilidade da energia sexual dirigir-se para outra finalidade que não a sexual, mas promotora de prazer, base da criatividade. Dentro do modelo psicanalítico, essa seria uma função egóica.

Assim, segundo esse modelo, falar de recursos disponíveis significa falar da capacidade do ego para dar conta de suas funções.

A fim de possibilitar uma melhor compreensão deste aspecto apresentaremos resumidamente, a seguir, como a teoria psicanalítica apresenta essa questão.

Segundo a escola psicanalítica, o aparelho psíquico possui uma organização estrutural, dinâmica e econômica.

Do ponto de vista estrutural, ele se organiza em níveis funcionais representados pelo id, ego e superego.

O id está ligado às necessidades e desejos instintivos, sexuais e agressivos.

O superego se constitui do sistema de valores do indivíduo, exercendo uma função de censura dessas necessidades instintivas.

O ego se situa como mediador, buscando uma harmonia entre esses dois sistemas, controlando os impulsos e procurando adequar as respostas do sujeito frente às necessidades e desejos, visando uma adaptação à realidade externa. Do ponto de vista dinâmico, o ego é o polo defensivo da personalidade, pondo em jogo uma série de mecanismos de defesa para excluir da consciência aqueles impulsos que sente não poder integrar (Laplanche e Pontalis, 1986).

A resultante dessa organização dinâmica é o comportamento manifesto explícito do sujeito, que pode ter um significado latente, motivado por fantasias e desejos inconscientes.

Do ponto de vista econômico, o ego é um fator de ligação dos processos psíquicos, buscando controlar a circulação e repartição da energia pulsional (Laplanche e Pontalis, 1986).

Na puberdade, no entanto, as pulsões emergem, invadem o ego, que é insuficiente para administrá-las, causando um transbordamento de afetos e atitudes comportamentais que serão mais ou menos controladas pela ação superegógica. O superego, por sua vez, ainda não introjetou novos modelos

identificatórios adultos, capazes de possibilitar um equilíbrio egóico satisfatório. Durante o período de latência, ego e superego buscam um fim comum, a adaptação ao ambiente. Na puberdade, essa harmonia é quebrada, pela força das pressões instintivas, fazendo ressurgir aspectos da pré-genitalidade. A busca de uma identidade adulta desorganiza o equilíbrio dessa relação entre o ego e o superego, criando extensas áreas de conflito (Levisky, 1995).

Carvajal Corzo (1994) acrescenta que no início da adolescência os jovens são invadidos por novas sensações que quase não conseguem verbalizar. É como se a mente ficasse em branco. O funcionamento egóico diminui drasticamente, reduzindo-se ao mínimo. O jovem responde de uma maneira monossilábica e interiormente está monossilábico. Não se entende e projetivamente sente-se incompreendido. A confusão de afetos é normal: confunde medo com raiva, perseguição com inveja, amor com rejeição. Não sabe exatamente o que sente. A percepção volta-se para dentro, a motricidade diminui, a memória se bloqueia, a compreensão falha, aumentando a lentidão, torpeza e apatia, o que ele chama de mecanismos de estupidização.

Dentro desse contexto, a hipótese é que nesse momento menos recursos internos estariam disponíveis para que a jovem se adapte às demandas cotidianas, pois até que alcance uma identidade sexual adulta, a jovem atravessa um conturbado processo de reestruturação egóica.

A forma, bem como o sucesso ou fracasso da adaptação que se fará à realidade externa dependerão, como afirma Levisky (1995) dos processos internos, da confiança adquirida nas primeiras experiências, no desenvolvimento do aparelho psíquico, e também do mundo externo, representado primeiro pelos pais e depois pela sociedade em geral.

1.3.3. O desenvolvimento da percepção de si mesmo

A percepção de si mesmo ou auto-percepção, é, segundo Weiner (2000), a visão global que o indivíduo tem de si mesmo, o conjunto de conceitos e valores que ele vai construindo sobre si para obter um auto-conhecimento, incluindo-se aí a auto-imagem e a auto-estima. A auto-imagem compreende vários conceitos que a pessoa tem acerca de si mesma, alguns mais favoráveis que outros (por exemplo, ser alto, feio, bonito, inteligente), e que freqüentemente flutuam em resposta a mudanças circunstanciais. A auto-estima consiste no valor geral que a pessoa atribui a si mesma, que valor ela dá a essa representação de si quando é contrastada com as fontes de valorização externa, sociais; é um traço estável que tende a permanecer inalterado ao longo do tempo.

Essa distinção é particularmente importante na adolescência, onde é necessário verificar se a auto-estima mantém-se adequada mesmo quando o indivíduo enfrenta mudanças corporais que podem gerar atitudes negativas em relação às características físicas, afetando a auto-imagem.

A auto-estima, na visão psicanalítica, se funda nas primeiras relações prazerosas do bebê com a mãe, que, se forem preponderantes, estabelecem uma base de boa qualidade na experiência emocional. A sensação do bebê de ser amado dá as bases do seu sentimento de auto-estima, o que possibilita o desenvolvimento de atitudes positivas frente à vida e a si mesmo.

Para Bettelheim (1988), o precursor do que será mais tarde chamado o eu de uma pessoa, o que irá formar sua identidade, é o "eu corporal", que é a base sobre a qual todos os aspectos mais elaborados da personalidade serão construídos e que determinará a fragilidade ou força da estrutura do indivíduo. As atitudes do bebê para com seu corpo formam a base de seu eu e elas se desenvolvem através da interação entre ele e seus pais.

Segundo Freud (1914), não existe desde o início um ego unificado, sendo o narcisismo a forma necessária de constituição da subjetividade.

Os pais têm um papel fundamental nesse momento, pois é o narcisismo destes, transformado em amor objetal, que permite à criança a vivência da perfeição, do ego ideal. Essa vivência de ego ideal, entretanto, não é permanentemente sustentada pelos pais, que se dirigem a outros interesses, fazendo com que a criança, para continuar seu desenvolvimento egóico, tenha que se afastar do narcisismo primário, deslocando sua libido em direção a um ideal de ego imposto de fora, para recuperar a perfeição narcísica perdida. Dessa outra instância, o ideal de ego, que busca ideais direcionados para o futuro como tentativa de restabelecer a completude narcísica, é que nasce o sentimento de auto-estima.

Como afirma Freud (1914), a auto-estima expressa o tamanho do ego. Tudo que uma pessoa possui ou realiza, todo remanescente do sentimento primitivo de onipotência que a sua experiência confirma, ajuda-a a aumentar sua auto-estima. A auto-estima depende portanto, intimamente, da libido narcísica. Uma parte da auto-estima é, portanto, primária, resíduo do narcisismo infantil; outra parte decorre da onipotência que é confirmada pela experiência (a realização do ideal de ego), enquanto uma terceira parte provém da satisfação da libido objetal.

Na adolescência há um redirecionamento da libido de natureza narcísica. Mesmo quando o adolescente se relaciona com os outros, nesse momento o outro é uma projeção de aspectos de si mesmo. O outro é vivido de forma idealizada.

Embora com o surgimento do pensamento abstrato a jovem já possa, cognitivamente, levar em conta os pontos de vista dos outros, já que começa a ser capaz de usar um raciocínio hipotético-dedutivo, está presente, neste momento, um elevado egocentrismo, que dificulta o poder se colocar na posição do outro.

Essas configurações narcísicas tomam parte na organização do sentimento de auto-estima na adolescência, elemento que participa na reestruturação da identidade durante o processo de identificação (Bossa, 1998).

É de fundamental importância para o adolescente a preservação da auto-estima elevada. Pela sua fragilidade egóica, ele torna-se suscetível a situações que abalam esse sentimento, por isso a influência da mídia é tão grande nesse momento.

Segundo Bossa , a auto-imagem, no início da adolescência, é mais negativa e menos estável do que no final. As meninas tendem a mostrar maior insatisfação com seus corpos e, conseqüentemente, maior tendência à depressão. Para essa tendência contribuem aspectos genéticos, hormonais e ambientais, entre eles uma forte pressão cultural para a menina manter-se magra. O aumento de peso é um aspecto importante nos sentimentos negativos que as meninas que amadurecem precocemente experimentam com relação a seus corpos.

Concluindo, entendemos que ocorre na adolescência uma série de mudanças que são desencadeadas internamente, pelo aumento de forças sexuais biologicamente determinadas e que são percebidas pelos indivíduos como transformações corporais e egóicas, que acontecem ao mesmo tempo que novas exigências da realidade lhe são impostas. Frente a essas novas contingências, a jovem procura uma adaptação, sendo este um longo processo até a estabilização da personalidade numa identidade adulta.

Dentro do referencial psicanalítico a entrada na adolescência é o momento em que as identificações se transformam em identidade. A adolescente convive com identidades transitórias até a obtenção da identidade adulta, o ego está mais vulnerável pelas pressões internas e externas que sofre, portanto com menos recursos para se adaptar à realidade, e a percepção de si mesma tem que incorporar todas as modificações que estão se processando no corpo e na mente, afetando a auto-imagem e a auto-estima.

Parece, portanto, um momento muito delicado no desenvolvimento da identidade feminina, cuja evolução merece ser observada mais de perto.

1. 4. Pesquisas sobre o início da adolescência feminina

Seguindo a linha de pensamento dos autores citados, que colocam a adolescência, principalmente no seu início, como uma fase de lutos, crises e profundas transformações no plano físico, psicológico e, portanto, também social, seria esperado que toda a produção do adolescente refletisse, de alguma maneira, esses conflitos internos, mostrando um certo grau de desorganização, além de sinais de ansiedade e angústia.

Freud, A. (1971) já observara essa intensidade de conflitos na adolescência, afirmando que seria difícil delimitar o normal e o patológico nessa fase.

Knobel (1984) acrescenta ainda que a estabilização da personalidade não se obtém sem se passar por um certo grau de "conduta patológica" inerente a essa etapa da vida. A adolescente exterioriza esses conflitos de acordo com sua estrutura e suas experiências, mas os processos de luto, de uma maneira geral, facilitam atuações que podem ter características psicopáticas, fóbicas ou contra-fóbicas, maníacas ou esquizoparanóides. Em função disso, Knobel chamou essa fase de "síndrome normal da adolescência", uma vez que aquilo que é patológico em outras fases da vida pode ser normal nesta.

Schildkrout, Shenker e Sonnenblick (1972) se depararam com essas questões ao examinar os Desenhos da Figura Humana de adolescentes que se apresentaram por várias razões a uma clínica médica num hospital geral próximo a Nova York. A população que freqüentava a clínica era predominantemente branca, de classe média, distribuída igualmente pelas diversas faixas etárias entre doze e dezenove anos.

Logo ficou aparente para eles que 50 a 60% desses pacientes sofriam de alguma desordem emocional ou de personalidade, o que os obrigou a uma mudança no modo de fazer o diagnóstico, já que buscavam uma avaliação global, não fragmentada do paciente. Foi incluída então uma avaliação dos aspectos emocionais no diagnóstico, e o Teste do Desenho da

Figura Humana, por ser um considerado um teste eficiente, fácil de aplicar e econômico, passou a ser aplicado sempre que um adolescente freqüentava a clínica pela primeira vez.

Dessa maneira foram coletados 1500 desenhos, e, com o objetivo de estudá-los, foram adicionados a estes os desenhos feitos por uma classe normal de 6º grau, de idades entre 11 e 13 anos, e por uma classe do Colegial, com idades entre 17 e 20 anos. Outro grupo foi formado por pacientes psiquiátricos.

Esse estudo concluiu, em relação ao grupo que chamaram de adolescência inicial (idades entre 12 e 15 anos), que sua característica dominante é uma necessidade de retorno à dependência da imagem materna infantil. Além dessas tendências regressivas, há a busca por um objeto de afeição fora da família e um despertar do superego. O ego está relativamente indefeso, o que torna necessário um esforço grande para manter os impulsos agressivos e sexuais sob controle. A dependência dos pais aparece na ênfase dada nos desenhos à linha mediana, e à presença de numerosos botões e fivelas nos cintos. Esforços para controlar os impulsos aparecem no uso de listras, xadrezes e pontos, além de outros desenhos cobrindo parte do corpo. Além disso aparecem o sombreamento do corpo e ênfase na região sexual, refletindo a ansiedade derivada das transformações corporais.

A maior parte dos adolescentes dessa amostra desenhou primeiro a figura do próprio sexo (90%), no entanto um número considerável de desenhos feitos por garotas têm o homem desenhado em primeiro lugar ou a figura desenhada é sexualmente ambígua, tendo característica masculinas e femininas. Isso poderia ser entendido como uma fase pela qual as meninas passam onde predomina a bissexualidade, na qual elas sentem possuir características masculinas e femininas simultaneamente.

Acrescentam ainda que fatores culturais tem uma influência decisiva nos Desenhos da Figura Humana. A roupa e o tipo de cabelo, principalmente, são influenciados pelos fatores culturais. As garotas

adolescentes, preocupadas com sua atratividade sexual, tem uma tendência maior que os garotos a desenhar uma figura idealizada do sexo oposto.

Koppitz (1984) também considera que os valores culturais e sociais se refletem nos Desenhos de Figura Humana de grupos de jovens. Considera os desenhos sempre produtos de um lugar e época determinados, por isso aconselha cautela ao fazer generalizações a partir de uma amostra de uma determinada época ou cultura. Afirma ainda que os desenhos são capazes de oferecer uma reflexão sensível das mudanças na identidade cultural e no sistema de valores do indivíduo.

No Brasil, uma das pioneiras na tentativa de buscar normas brasileiras para o estudo do Desenho da Figura Humana foi Odette Lourenção van Kolck.

Van Kolck (1963) fez uma pesquisa com adolescentes de ambos os sexos, com idade entre 12 e 18 anos, de 4 cidades brasileiras (São Paulo, Americana, Rio de Janeiro e Belo Horizonte), utilizando o Desenho da Figura Humana. Desses desenhos, havia 38 de garotas de 12 anos, com as características que serão destacadas a seguir, organizadas de acordo com o interesse deste trabalho.

Em relação à auto-percepção:

- Os desenhos são predominantemente pequenos, variando entre 1/8 e 1/64 da folha, denotando sentimentos de inadequação, inferioridade, isolamento e rejeição.
- A localização é principalmente do centro para a esquerda e para o alto da folha, denotando inibição, reserva, atitude de expectativa diante da vida, emotividade, predomínio da afetividade e do passado e egocentrismo, ao mesmo tempo que energia, objetivos elevados, espiritualismo e misticismo, com possibilidade de comportamento adaptativo.
- O sombreamento aparece em todas as partes do corpo, com relativa freqüência, revelando ansiedade e angústia ligada ao corpo, dificuldade no controle dos impulsos e na relação com o meio ambiente.

- Os braços das figuras são geralmente curtos e finos, além de sombreados, apontando para a existência de sentimentos de inadequação e falta de confiança no contato.
- As pernas são também finas, além de sombreadas, denotando dificuldades de equilíbrio e locomoção.
- Os pés são também sombreados, expressão de sentimentos de culpa, insegurança e medo.
- Os cabelos são compridos e de comprimento médio, abundantes e bem cuidados, denotando uma preocupação com a sexualidade.
- Os olhos são bem elaborados, indicativos de curiosidade, dependência do ambiente e desejo de sedução.
- As roupas são bem elaboradas, denotando narcisismo.

Em relação às identificações:

- A figura do próprio sexo é desenhada em primeiro lugar, o que alguns estudos sugerem estar ligado à identificação com a figura do próprio sexo.
- A figura feminina é, com alguma frequência, maior que a masculina, denotando uma maior valorização da figura materna.
- A maioria tem idade aproximada do autor, mas uma porcentagem significativa (24%) de desenhos é de figuras mais velhas, demonstrando identificação com os pais.

Os resultados das garotas de 12 anos não diferiram significativamente do resto da amostragem, a não ser que, com a idade, parece crescer o número de figuras da própria idade em detrimento das mais velhas.

Concluindo, Van Kolck (1963) assinala que a maioria dos sinais apresentados pelo grupo revela a problemática adolescente feminina: os sentimentos de inferioridade e inadequação, a insegurança, a dificuldade de

contato, a acentuação do narcisismo, o conflito entre exibicionismo e modéstia, o desejo de feminilidade, a necessidade de controlar os impulsos e a emotividade. Assinala ainda a valorização da figura feminina, sinal de dependência materna e social em geral e uma orientação mais realista dos desenhos, denotando uma dificuldade de usar a fantasia como resposta aos problemas de relacionamento, como seria esperado, sugerindo uma limitação de recursos interiores e intelectuais, mal desenvolvidos por fatores afetivos.

Esses resultados corroboram os aspectos teóricos desenvolvidos no capítulo antecedente, que colocam a adolescência, pelo menos no seu início, como um período de fragilidade egóica, tendo como conseqüências o aumento do sentimento de insegurança, a dificuldade de controle dos impulsos e a limitação no uso dos recursos cognitivos e afetivos.

Uma outra pesquisa, realizada por Japur (1982) com o Método de Rorschach (utilizando a nomenclatura francesa proposta por Ombredane e Canivet), chegou a alguns resultados semelhantes.

Em seu estudo sobre a afetividade em 180 adolescentes, de classe média, sendo 30 garotas na faixa etária de 12 anos, concluiu que as meninas dessa idade:

- Têm um TRI (tipo de ressonância íntima, resultado das comparações de respostas de cor e movimento), predominantemente coartado (quase nenhuma resposta de cor ou movimento), indicando que nessa idade predomina uma resposta essencialmente formal ao ambiente, com inibição da exteriorização da afetividade e do uso do pensamento, criatividade e imaginação, caracterizando relações afetivas bastantes limitadas. Esse resultado difere do apresentado pelas meninas de 11 e 13 anos, sugerindo que, aos 11 anos, há o início de uma fase de voltar-se para fora de si, buscando a ampliação das relações, mas aos 12 anos há um retrocesso nessa tendência, parecendo haver então uma necessidade de fechamento, provavelmente devido à limitação de recursos internos para a elaboração das novas experiências advindas desse contato mais amplo com

o meio, sugerindo um retorno a padrões mais infantis; aos 13 anos, o processo é retomado e há uma nova abertura para a realidade exterior.

- Têm uma porcentagem de respostas de conteúdo animal (A%) maior que 50, e a porcentagem de respostas populares (P%) é maior que 25, sugerindo aumento de conformismo, pobreza de associações pessoais e o recurso ao coletivo, talvez como forma de evitar um confronto consigo mesmo.

- Parecem fazer um grande esforço adaptativo e possuir um repertório bastante reduzido para responder às demandas do meio, pois o R% (número de respostas) é pequeno, sugerindo uma restrição geral da personalidade.

- Apresentam um H% (porcentagem de respostas humanas) fora do intervalo esperado (que seria de 15 a 20%), para mais ou para menos, caracterizando a predominância no grupo de dificuldades ligadas à capacidade de contato humano e identificação, sugestivas de uma preocupação com os relacionamentos e com a própria identidade, que se manifesta ou por uma restrição das relações ou por uma busca insistente de contato. Predominam as proporções em que o número de respostas H é menor ou igual ao de respostas Hd, o que reafirma a dificuldade de contato e de identificação.

Japur (1982) conclui que a presença de conflitos é grande durante toda a fase inicial da adolescência, caracterizando-a como uma etapa do desenvolvimento marcada pela oposição entre a maneira como são vividas as realidades externa e interna e o modo como se expressam os afetos, sugerindo a presença de sentimentos de inadequação. Há uma inibição das manifestações afetivas, tendendo a serem coartadas pela razão, levando a uma aparente maturidade que na verdade é devida a uma restrição das vivências emocionais. As dificuldades com relação à capacidade de identificação e contato humano estão presentes em todo o período, traduzindo as dificuldades ligadas à própria identidade. Há sinais de riqueza de dinamismo interno, sugerindo a presença de potencialidades a serem

desenvolvidas, as quais, no entanto, apresentam-se ainda de forma primitiva, faltando caminhos mais socializados de expressão.

Os estudos de Van Kolck (1963) e Japur (1982), usando técnicas diferentes, se aproximam em suas conclusões ao relatar o início da adolescência como uma época de retraimento e inibição, reflexo talvez da necessidade da jovem elaborar as mudanças internas para se sentir mais segura e então, num segundo momento, se voltar para o exterior.

Os recursos internos: criatividade, imaginação, capacidade de elaboração do pensamento, expressão da afetividade parecem escassos nesse momento para dar conta de todas as transformações por que passam as jovens, dados colocados pela teoria e confirmados por essas pesquisas apresentadas.

O excesso de preocupação com a aparência e o aumento da insatisfação com o corpo, principalmente com o peso, na contemporaneidade, tem sido objeto também de muitos estudos científicos. Esse interesse foi motivado pelo reconhecimento do crescimento dos distúrbios alimentares em garotas adolescentes e mulheres jovens, principalmente. A preocupação com o peso é entendida como resultado da internalização de padrões irreais de beleza. A insatisfação com o corpo predispõe à depressão. Especialistas em distúrbios alimentares defendem que haja esforços no sentido de alterar esse padrão de beleza de extrema magreza e as atitudes sociais frente ao aumento de peso, ao mesmo tempo que haja estudos de intervenção para melhorar a imagem corporal das garotas (Striegel-Moore, 2001).

Ao se defrontarem com modelos geralmente fora dos padrões de normalidade, as jovens, que já lidam com as dificuldades intrínsecas de lidar com um corpo em transformação, tendem, segundo esses estudos, a ter um auto-conceito rebaixado.

Uma pesquisa com 580 adolescentes coordenada pela Divisão de Psicologia do Instituto Central do Hospital das Clínicas (2001), mostrou que

80% delas indicaram não gostar da própria aparência e 50% procuram dietas porque acham que são gordas. Uma das conclusões desse trabalho é que a motivação para a dieta não estava relacionada com a atual forma física delas, mas pela busca de um corpo ideal.

Vemos então como é preocupante a influência da mídia, levando-se em conta esses dados de pesquisa que colocam o início da adolescência como momento de transformações corporais e vulnerabilidade psíquica .

2. OBJETIVOS

Frente aos elementos teóricos e aos dados de pesquisa apresentados, esse trabalho procura obter uma compreensão maior sobre essa etapa de desenvolvimento que é a passagem da infância para a adolescência, enfocando a questão do ponto de vista especificamente feminino.

O objetivo desse trabalho é investigar, em um grupo de garotas de 12 anos, alguns aspectos considerados importantes na organização da identidade feminina, para compreender melhor a passagem da infância para a adolescência na mulher, nos dias atuais. São eles: qual a percepção que as adolescentes têm de si mesmas, quais são seus modelos de identificação, e que recursos internos têm disponíveis para lidar com as transformações bio-psico-sociais que estão ocorrendo com elas.

Entendemos por auto-percepção a visão global que a jovem tem de si, o conjunto de conceitos e valores que ela vai construindo sobre si para obter um auto-conhecimento, incluindo-se aí a auto-imagem e a auto-estima (Weiner, 2000).

Consideramos modelos de identificação as pessoas das quais as jovens assimilam um aspecto, uma característica, um atributo, se transformando a partir desse processo (Laplanche & Pontalis, 1986).

Finalmente, ter recursos internos disponíveis significa

ter à disposição modos efetivos de pensar sobre as demandas da vida diária e canais adequados

para experienciar e expressar os sentimentos que se tem sobre ela. São os componentes essenciais de uma pessoa psicologicamente competente e bem dotada, com recursos adaptativos aos quais o sujeito pode recorrer para atender às demandas que experienciá (Weiner, 2000, p. 136).

Mais especificamente, este trabalho busca respostas para as seguintes questões:

1. Como as jovens se percebem no início da adolescência? Como percebem as modificações corporais que ocorrem com elas?
2. Como essa percepção se articula com a auto-imagem e a auto-estima?
3. Como se dão as identificações?
4. Como as figuras parentais estão internalizadas?
5. Que recursos disponíveis têm as jovens para lidar com essas transformações?
6. É possível pensar que a sociedade atual tem alguma influência no modo como esses processos são vividos? Se sim, qual seria ela?

3. METODOLOGIA

3.1. Instrumentos utilizados

Foram utilizados três instrumentos nesta pesquisa: a entrevista, o Desenho da Figura Humana e o Método de Rorschach. Consideramos que a utilização conjunta desses três instrumentos proporciona uma visão mais abrangente e profunda da personalidade das jovens estudadas.

A seguir, faremos uma descrição de cada um dos instrumentos e da maneira como serão utilizados.

3.1.1. A entrevista

A entrevista é uma técnica de investigação científica em Psicologia que tem como finalidade conhecer a conduta e a personalidade dos seres humanos (Bleger, 1985).

Bleger (1985) parte da hipótese de que cada ser humano tem dentro de si, organizada, uma história de sua vida e uma maneira de enxergar o seu presente e, a partir dessa história, é preciso deduzir aquilo que o sujeito não sabe sobre si mesmo.

A entrevista deve, portanto, e é dessa maneira que a entendemos, propiciar uma certa liberdade para entrevistador e entrevistado, para que a personalidade de cada sujeito tenha um papel importante na organização de

seu discurso, fazendo emergir e se destacar o que é mais importante para ele.

As contradições que aparecem nos discursos dos sujeitos devem ser entendidas, desse modo, como características deles, objeto de reflexão e não como crítica ao instrumento.

Concebemos, como Bleger (1985) que o entrevistador é parte do campo da entrevista, de certa maneira condicionando o que vai observar, e deve utilizar, portanto, sua subjetividade, no modo de olhar para a realidade.

A entrevista teve como objetivo, nesse trabalho, estabelecer um vínculo positivo com as jovens e saber como elas representavam, no seu discurso verbal, manifesto e latente, a si mesmas e aos outros.

Algumas questões organizaram o campo da entrevista e podem ser separadas em dois grupos: as que exploram mais a percepção de si mesmas e as ligadas à percepção dos outros.

As questões que procuram explorar a auto-percepção são:

- O que você acha de ter 12 anos? Como é ter sua idade?
- O que há de positivo e negativo nessa idade? Por que?
- Como você se descreveria para alguém? Por que?
- Você se acha bonita, simpática, inteligente? Por que?
- Do que gosta e do que não gosta em você? Por que?
- É feliz? Quais são suas preocupações? Por que?
- Quando você se irrita? Por que?
- Quando você fica nervosa? Por que?
- Do que você tem medo? Por que?
- Você tem muitos amigos? De onde?
- O que dizem os outros a seu respeito?
- Você se importa com o que os outros dizem sobre você?

- Você já menstrua? Quais são (eram) suas expectativas em relação a ficar menstruada?
- O fato de ter ficado menstruada mudou alguma coisa na sua vida?
- Você tem namorado? Já ficou com alguém? Gosta de algum menino?

As questões que procuram investigar a percepção do outro e, portanto, os modelos de identificação são:

- Como você descreveria seu pai e sua mãe?
- Você se acha parecida com eles? Por que?
- Quais são as pessoas que você mais admira? Por que?
- Quais são as pessoas que você não admira? Por que?
- Você acha que a opinião de seus pais é importante para você? Por que? Em que assunto? Você as leva em conta quando tem que tomar uma decisão?
- Que profissão você quer ter no futuro? Por que?
- Como você se vê no futuro?
- Você conversa com alguém sobre sexo, menstruação?
- Você gosta de ler? Ver TV? Utilizar a Internet?

Pode-se observar a existência de recursos internos nos sujeitos não tanto como resposta direta a uma pergunta mas no modo como demonstram lidar com os conflitos que apresentam e na presença de capacidade de simbolização e elaboração mental destes, assim como na presença de capacidade imaginativa, criatividade e possibilidade de expressão de seus sentimentos.

3.1.2. O Desenho da Figura Humana

O Teste do Desenho da Figura Humana consiste basicamente em pedir ao sujeito que desenhe uma pessoa como quiser, desde que inteira e que não seja um desenho pedagógico; pede-se depois que desenhe uma pessoa de sexo diferente da primeira e então responda a um inquérito sobre a figura que representa o próprio sexo.

Machover (1967) tem como hipótese que a figura desenhada, quando solicita-se a alguém que desenhe uma pessoa, relaciona-se intimamente com a imagem que essa pessoa tem de si mesmo, ou sua imagem corporal. Fisher e Cleveland, citados em Van Kolck (1984), definem imagem corporal como

um termo que se refere ao corpo como experiência psicológica e focaliza as atitudes e sentimentos do indivíduo para com seu próprio corpo. Diz respeito às experiências subjetivas com o corpo e à maneira como foram organizadas essas experiências (p.14).

Van Kolck (1984) acrescenta que a imagem corporal se desenvolve como um produto da relação do indivíduo com os outros e do conceito pessoal sobre o próprio corpo, num processo dinâmico. Afirma que imagem corporal e conceito de si mesmo se equivalem, e são projetados na a folha no Desenho da Figura Humana.

Hammer (1981) acrescenta que o conteúdo do desenho é determinado pelas percepções consciente e inconsciente que o sujeito que o fez tem de si mesmo mas também das pessoas significativas para ele. A página em branco serviria de fundo sobre o qual cada um esboça seu mundo interno, seus traços e atitudes, as fraquezas e forças de sua personalidade, incluindo o grau em que pode mobilizar seus recursos internos para lidar com seus conflitos.

O estudo mais sistematizado do Desenho da Figura Humana começou com Goodenough em 1926, que estava interessada na construção de uma escala de avaliação intelectual para crianças. Aplicando essa escala, Machover (1967) voltou sua atenção para os aspectos emocionais que se manifestavam no Desenho da Figura Humana, desenvolvendo então seu método de estudo da personalidade.

É no corpo e no desenho do corpo que se expressam, para Machover, as diversas forças antagônicas, os impulsos e as pressões internas e externas que vão compondo a personalidade. Para compor a “sua pessoa”, o indivíduo busca a imagem que faz de si e das outras pessoas, que são as imagens que habitam a sua mente. A figura retratada seria uma combinação de imagens, produto das experiências, das identificações, projeções e introjeções, que constituem a organização do eu. Estereótipos culturais e sociais contribuem para a concepção da pessoa, juntamente com as experiências particulares exclusivas de cada indivíduo.

Apesar de ser um dos teste mais usados na área clínica, a validade do Desenho da Figura Humana como teste psicológico, assim como sua utilidade clínica, têm sido sistematicamente questionados.

Swensen (1968) revisou toda a literatura sobre pesquisas com o Desenho da Figura Humana de 1957 a 1966 e concluiu que a maior parte delas dá suporte à utilização do teste como ferramenta clínica, salientando que os traços globais nos desenhos têm maior validade que os sinais individuais. Considera difícil determinar se o Desenho da Figura Humana realmente reflete o conceito do sujeito sobre si mesmo, mas os dados indicaram que vários aspectos dos desenhos tem uma correspondência significativa com outras medidas que refletem a imagem do sujeito sobre si mesmo. Ressalta a importância de se levar em conta a qualidade do desenho ao avaliá-lo, porque os desenhos de maior qualidade acabam revelando mais indicadores de conflito, (como, por exemplo, o uso do sombreado), confundindo a análise.

Kahill (1984) revisou a literatura sobre o Desenho da Figura Humana de 1967 a 1982 em adolescentes e adultos, concluindo que estudos mais recentes são mais desencorajadores sobre a eficácia do Desenho da Figura Humana. Os resultados das pesquisas mostram-se, segundo ela, contraditórios sobre a validade da premissa de que o Desenho da Figura Humana revela a imagem corporal do sujeito, concluindo que talvez o conceito de imagem corporal seja muito complexo e difícil de ser operacionalizado satisfatoriamente. As hipóteses de Machover sobre a interpretação do conteúdo e dos aspectos estruturais e formais dos desenhos não são, segundo ela, comprovadas pelas pesquisas, ou estas apresentam resultados contraditórios. Os resultados das medidas globais são, segundo ela, um pouco mais encorajadores que os sinais individuais. Conclui que o problema mais fundamental com o Desenho da Figura Humana tem a ver com a natureza do instrumento. Da mesma maneira que em relação à teoria psicanalítica na qual baseia-se, grande parte do que se diz sobre o Desenho da Figura Humana não é testável, o que não significa que o teste não tenha um valor clínico no sentido de levantar hipóteses para serem discutidas com os pacientes.

Apesar das críticas feitas ao Teste, consideramos que a grande quantidade de pesquisas que o utilizam, como toda a obra de Van Kolck aqui no Brasil, além de muitas outras, dão respaldo à sua utilização e tornam-no um interessante instrumento complementar na análise de aspectos da personalidade.

Neste trabalho foi usada a Técnica de Machover conforme tradução e adaptação de Van Kolck (1984).

Machover (1967) identificou inúmeros indicadores específicos para compreender a projeção da imagem corporal dentro de um referencial psicanalítico, levando-se em conta os aspectos gerais, a estrutura e o conteúdo dos desenhos.

Entre os aspectos gerais estão a posição da folha, a localização do desenho na página, o tamanho, as qualidades do grafismo, as resistências a desenhar e o não completamento das figuras.

Entre os aspectos estruturais estão o tema (quem é retratado, idade, o que faz), postura ou posição da figura, o grau de completamento e detalhe, a simetria, a perspectiva, as proporções, o sombreado, os reforços e as rasuras, a ordem das figuras e o tratamento diferencial das duas figuras do par.

O conteúdo dos desenhos consiste na significação e no tratamento dado a todas as partes individuais do corpo, a vestimenta e os acessórios, e também a expressão facial e a postura da figura.

Neste trabalho, todos os aspectos serão observados, e o que mostrar-se mais significativo no conjunto dos desenhos será descrito e analisado.

3.1.3. O Método de Rorschach

Weiner (2000) define o Método de Rorschach como:

... um instrumento de investigação da personalidade relativamente pouco estruturado, que contém aspectos objetivos e subjetivos, constituindo uma tarefa cognitivo-perceptiva e um estímulo à fantasia, e que funciona como uma medida da percepção e uma medida da associação. (p.28).

Nesse sentido, o Método de Rorschach é uma técnica projetiva, na medida em que o sujeito é colocado numa situação ambígua, pouco estruturada, revelando imagens que podem ser exploradas subjetivamente, mas é também um teste objetivo, com elementos claramente definidos, que permitem uma exploração do estilo de estruturação cognitiva do sujeito.

É composto de 10 cartões com manchas simétricas de tinta, algumas unicamente pretas e outra coloridas. São dadas ao sujeito, uma por vez, e lhe é pedido que as interprete, dizendo o que vê, com o que acha que se parecem. Posteriormente, há uma fase de inquérito, onde é pedido ao sujeito que localize sua resposta e diga o que, na mancha, lhe fez ver o que viu.

Hermann Rorschach, médico-psiquiatra, publicou o resultado de seus estudos em 1921, criando a base de seu método de investigação da personalidade. Via o Rorschach não como uma medida da imaginação, mas como um teste que estudaria a percepção no seu conceito mais amplo, que seria um processo no qual participariam a percepção sensorial e os dados aperceptivos e mnêmicos do sujeito. Rorschach se interessou principalmente pelos aspectos formais, isto é, o modo como o sujeito percebia suas respostas, o que levava em conta ao dá-las, mais do que pelo conteúdo das mesmas. Como afirma Weiner (2000), o teste foi concebido como um instrumento que avalia a estruturação cognitiva do

sujeito, envolvendo processos como percepção, atenção, tomada de decisão e análise lógica.

Posteriormente, outros pesquisadores, principalmente psicanalistas, foram reconhecendo que o método poderia explorar outros aspectos da personalidade além dos previstos por Rorschach, desenvolvendo a interpretação do conteúdo temático das respostas, para explorar os sentimentos e fantasias dos sujeitos. O próprio Rorschach, como afirma Traubenberg (1998), abriu caminho para esse estudo ao colocar a possibilidade de uma perspectiva psicanalítica para analisar as significações dos conteúdos das respostas.

Traubenberg afirma que as respostas dadas pelos indivíduos ao Rorschach refletem a sua capacidade de adaptar-se às qualidades perceptivas do estímulo, mas também de desprender-se dele e buscar na sua experiência o ajustamento ao estímulo. Em cada resposta estariam presentes, com diferentes articulações, o perceptivo e o projetivo, o percebido e o vivido, refletindo os diferentes modos de relação do sujeito com as situações às quais é confrontado.

Após a morte de Hermann Rorschach desenvolveram-se vários sistemas de análise e interpretação do teste, com pontos em comum e divergências. Na Suíça, Oberholzer e Morgenthaler continuaram a estudar sua técnica. Na Europa, o método se desenvolveu a partir de estudos de Bohn, Minkowska, Binder, Bash e Beizman.

A introdução do método nos Estados Unidos se deve a David Levy, que estudou na Suíça com Oberholzer. Em 1926, traduziu e publicou um dos artigos de Oberholzer sobre a prova. Exner (1994) relata que durante um período de mais ou menos vinte anos (1936-1957) desenvolveram-se nos Estados Unidos cinco sistemas de análise do Rorschach: os de Bruno Klopfer, Samuel Beck, Marguerite Hertz, Zigmunt Piotrowski e David Rapaport. A maioria de suas semelhanças se reduzia ao que haviam incorporado do trabalho original de Rorschach, sendo muito difícil confrontá-los.

Exner (1999) se propôs, num primeiro momento, a estudar e comparar os cinco sistemas. Em 1968 criou a Fundação para a Investigação do Rorschach, com o objetivo de pesquisar qual sistema tinha mais solidez empírica e qual era mais útil em termos clínicos. Ao verificar que todos continham elementos que eram comprovados empiricamente e outros que não obtinham uma validação empírica, resolveu criar um sistema que integrasse as características dos outros cinco que possuísem uma justificação empírica. A primeira apresentação desse trabalho se deu em 1974 com o título de Sistema Compreensivo.

As inúmeras pesquisas feitas com esse Sistema desde então, embora a maioria ainda norte-americanas, dão maior segurança na hora de manejar os dados e formular interpretações, daí a escolha desse enfoque neste trabalho.

Conforme assinala Nascimento (1993), o Método de Rorschach não tem uma teoria sobre a personalidade e não se filia a nenhuma corrente teórica. "A sua grande contribuição consiste em prover referentes melhores e empíricos para a investigação da personalidade e para o conhecimento subjacente a toda atividade psíquica" (p.40-41).

As bases do teste, a forma de proceder para a análise formal das respostas, permanece estruturalmente a mesma desde Rorschach, apesar das inúmeras modificações que foram sendo introduzidas.

As respostas ao teste são codificadas, isto é, traduzidas por símbolos, e classificadas de acordo com uma série de fatores. De uma maneira geral, as respostas são classificadas em seis grandes categorias:

1. Localização: a mancha de tinta pode ser usada na sua totalidade, ou apenas em parte, para compor a resposta do sujeito.
2. Determinantes: refere-se ao aspecto da mancha usado na interpretação: a forma, a cor, as diferenças de tons claros e escuros ou uma combinação desses elementos; pode também haver projeção de movimento.

3. Conteúdo: refere-se ao que foi visto, que pode ser uma figura humana, animal, objeto, planta, etc.
4. Frequência: algumas respostas aparecem muitas vezes, e as mais freqüentes são chamadas de populares; outras são muito raras e conhecidas como originais.
5. Atividade organizacional: atribuição de um valor numérico quando diferentes elementos da resposta são integrados pela atribuição de uma relação entre eles.
6. Códigos especiais: elementos com alguma característica incomum, que podem ou não estar presentes nas respostas. Existem 14 códigos especiais, seis utilizados para verbalizações inusuais, dois para perseveração e falha na integração, quatro para características especiais do conteúdo, um para resposta personalizada e um para fenômeno especial de cor.

Dentro dessas seis categorias, Exner (1999) propõe as seguintes classificações:

1. Localização - são quatro códigos básicos de localização
 - W: resposta que abarca a mancha inteira.
 - D: resposta dada a uma área da mancha escolhida com frequência.
 - Dd: resposta dada a uma área da mancha escolhida raramente.
 - S: resposta que inclui uma área de espaço em branco (se codifica sempre acompanhado a outro símbolo de localização: WS, DS, ou DdS).

Além disso, Exner (1999) acrescenta um código, chamado de qualidade evolutiva, a cada localização classificada, que se refere à qualidade do processo implicado na formação daquela resposta. A qualidade evolutiva pode variar desde um nível mais baixo, de formas imprecisas (v ou v/+), passando por um nível médio, de objetos simples, com forma específica (o) até um nível superior, onde dois ou mais objetos são relacionados de uma maneira significativa (+), o que requer um grau superior de atividade cognitiva.

2. Determinantes - São propostas sete grandes categorias de determinantes e cada uma delas representa uma das formas em que o sujeito pode traduzir o campo estimular:

- Forma: emprega-se nas respostas baseadas exclusivamente nas características formais da mancha. O código é F.
- Movimento, divide-se em três subcategorias:
 - a) Atividade cinestésica humana. O código é M.
 - b) Atividade cinestésica animal. O código é FM.
 - c) Movimento de objetos inanimados. O código é m.

As respostas de movimento também são codificadas como ativas ou passivas.

- Cor cromática: respostas que implicam no uso da cor, incluem três símbolos (FC, CF ou C), dependendo do grau de implicação da forma na resposta.
- Cor acromática : respostas que implicam no uso da cor acromática. Incluem três símbolos, dependendo também do grau de implicação da forma na resposta. Podem ser FC', CF' ou C'.

- Sombreado: Esta categoria tem três subcategorias, cada uma com três símbolos, que avaliam usos diferentes do sombreado:
 - a) Sombreado – textura: O sombreado é traduzido como um fenômeno tátil. Pode ser T, TF ou FT, dependendo do uso da forma.
 - b) Sombreado–dimensão ou sombreado-vista: O sombreado é interpretado como profundidade, perspectiva ou dimensão. Pode ser V, VF ou FV, dependendo do uso da forma.
 - c) Sombreado – difuso: Respostas que se baseiam na característica claro – escuro das manchas. Podem ser Y, YF ou FY, dependendo do nível formal.
- Forma – Dimensão (FD): Respostas que implicam a percepção de dimensão pelo uso do tamanho ou dos contornos da mancha.
- Pares e Reflexos, subdividem-se em :
 - a) Respostas em que se descrevem dois objetos idênticos, em função da simetria das manchas. O código é (2).
 - b) Respostas em que se descreve a mancha como reflexo ou uma imagem em espelho devido às suas características simétricas. Os códigos são Fr ou rF, dependendo da implicação formal.

O código de cada determinante é acrescido de um registro de sua qualidade formal, que é um índice que revela a precisão perceptiva da resposta. Ele possui quatro variações:

- a) Superior – elaborada: resposta cuja forma é adequada e, além disso, cuja articulação é bastante detalhada. Seu código é +.
- b) Ordinária: resposta comum, com forma adequada aos contornos da mancha. Seu código é o .
- c) Única: resposta pouco freqüente mas que respeita os contornos básicos das manchas. Seu código é u.

d) Menos: resposta que distorce os contornos das manchas Seu código é - .

O código é determinado a partir de uma tabela de frequência da resposta.

3. Conteúdos – Os conteúdos propostos por Exner (1999) e seus códigos são:

- H: figura humana completa.
- (H): figura humana completa, de ficção ou mitológica.
- Hd: detalhe humano.
- (Hd): figura humana incompleta, de ficção ou mitológica, e todos os tipos de máscara.
- Hx: percepção de emoções humanas ou experiências sensoriais.
- A: figura animal completa.
- (A): figura animal de ficção ou mitológica.
- Ad: detalhe animal.
- (Ad): detalhe animal, de ficção ou mitológico.
- An: respostas de anatomia do esqueleto, musculares ou de órgãos.
- Art: percepção de pinturas, ilustrações ou objetos de arte.
- Ay: respostas que tem uma conotação cultural ou histórica específica.
- Bl: percepção de sangue, humano ou animal.
- Bt: percepção de qualquer forma de vida vegetal.
- Cg: percepção de qualquer peça de vestir.
- Cl: respostas de nuvens
- Ex: percepção de explosão ou estampidos.
- Fi: percepção de fogo ou fumaça.
- Fd: conteúdos de qualquer coisa comestível.

- Ge: percepção de um mapa específico ou sem especificar.
- Hh: respostas de coisas do lar.
- Ls: percepção de paisagens.
- Na: conteúdos da natureza.
- Sc: conteúdos ligados à ciência ou produtos dela.
- Xy: conteúdos de radiografia.
- Id: perceptos não usuais, não se encaixam nas demais categorias.

4. Frequência: São codificadas as respostas populares, cujo símbolo é P. Elas foram selecionadas segundo o critério de aparecerem pelo menos uma vez em cada três protocolos. São em número de 13.

5. Atividade organizativa: Exner utiliza o critério adotado por Beck, em que é atribuído um valor maior ou menor dependendo da facilidade ou dificuldade para se estabelecer essas relações (Z-score).

6. Códigos especiais, se subdividem em:

- Verbalizações inusuais: podem ser verbalizações desviantes (modos de expressão que indicam deslizes cognitivos, cujos códigos podem ser DV ou DR), combinações inadequadas (incongruentes, fabuladas ou contaminadas, cujos códigos são INCOM, FABCOM e CONTAM) ou com lógica inadequada (indicam a presença de um raciocínio simplista, e o código é ALOG). Estes são os denominados Seis Códigos Especiais Críticos que, em diferentes graus, indicam a presença de lapsos ou falhas lógicas no pensamento.
- Perseveração e falha na integração: a perseveração (PSV) ocorre quando um mesmo conteúdo é repetido em diferentes pranchas, ou se repetem os mesmos elementos de classificação na mesma prancha ou ainda uma mesma resposta é dada no decorrer do teste de um forma

simplista. A falha na integração ocorre quando o sujeito constrói, inapropriadamente, sua resposta a partir de um detalhe da mancha (o código é CONFAB).

- Características especiais de conteúdo, se subdividem em:
 - a) Conteúdo abstrato (AB): atribuído para respostas que expressam uma representação simbólica.
 - b) Movimento agressivo (AG): respostas com ação claramente agressiva
 - c) Movimento cooperativo (COP): respostas que envolvem movimento e ação entre dois ou mais elementos positiva ou cooperativa.
 - d) Conteúdo mórbido (MOR): respostas com conteúdos como destruído, morto, estragado, etc, ou expressando sentimentos de conteúdo disfórico, tal como triste, sombrio, etc.
- Respostas personalizadas (PER): o sujeito recorre, ao responder, a sua experiência pessoal anterior para justificar sua resposta.
- Fenômeno especial de cor: projeção de cor (CP), que indica que o sujeito identificou uma parte ou toda a mancha acromática como colorida.

A partir dessa classificação inicial os dados são somados e comparados, estabelecem-se as proporções de algumas categorias e as relações de umas com as outras, e a partir daí as interpretações são feitas, buscando-se um entendimento dinâmico do funcionamento da personalidade. A importância do Método de Rorschach reside nos diferentes aspectos da personalidade que são revelados dessa maneira.

Essa interpretação dos diversos aspectos formais das respostas é conhecida como estrutural. Pode ser feita também, como já assinalado, uma análise simbólica das respostas, levando-se em conta seus conteúdos.

Weiner (2000) acrescenta que os dados obtidos a partir do Método de Rorschach podem ser interpretados à luz do referencial teórico do pesquisador. Neste trabalho, será buscada, sempre que possível, uma

análise dos resultados obtidos a partir de um referencial psicanalítico kleiniano.

Weiner (1995) assinala também a importância, ao se fazer pesquisas com o Método de Rorschach, de se escolher algumas variáveis do teste para serem interpretadas, para não se correr o risco de ficar à voltas com uma infinidade de dados que podem ser proporcionados pela análise de todos os fatores e que seriam difíceis de manejar.

Seguindo essa orientação, foram escolhidas algumas variáveis do Método para serem analisadas, que estão mais ligadas às atitudes do sujeito frente a ele mesmo e às outras pessoas e à existência de recursos internos disponíveis para enfrentar suas dificuldades.

3.1.3.1. Variáveis relativas à auto-percepção

Exner (1999), estabeleceu um agrupamento de variáveis cuja análise traz elementos para entender como se dá o processo de percepção de si mesmo no sujeito.

São elas:

- Índice de egocentricidade: Sua fórmula é $(3r + (2)/ R)$, representando a proporção de respostas de reflexo e pares no protocolo, com cada determinante de reflexo recebendo peso 3. Indica a preocupação da pessoa consigo mesma e, em muitos casos, oferece dados sobre sua auto-estima. As respostas de pares parecem representar uma auto-percepção mais elaborada e diferenciada e os reflexos assinalam uma forma de percepção de si mesmo mais primitiva e narcísica.
- FD e sombreado-vista: a presença dessas respostas indica capacidade de introspecção. Enquanto as respostas FD só abordam a capacidade introspectiva, as respostas de Vista acrescentam a essa capacidade um

tom de autocrítica negativa, indicando um maior sofrimento psíquico do indivíduo.

- H : Hd + (H) + (Hd): é a proporção das respostas de figura humana inteira em relação à de partes de figura humana, figuras humanas fantasiosas e partes de figuras humanas fantasiosas. As respostas H, quando acompanhadas de bom nível formal, assinalam uma percepção do outro e de si mesmo baseada em dados de realidade; já as respostas (H), Hd e (Hd) indicam uma visão mais cautelosa ou mais distanciada e menos realista de si e do outro. Aos 12 anos, espera-se que a quantidade de respostas H seja maior que a de respostas (H), Hd e (Hd).
- An + Xy: é o conjunto das respostas de anatomia e radiografia, cujos conteúdos revelam um aumento da preocupação em relação ao corpo; podem trazer informações sobre alterações da auto-imagem e das atitudes frente a si mesmo.
- Total de MOR: é a quantidade de respostas com conteúdo mórbido dos protocolos. Quando aparecem mais que duas respostas desse tipo no protocolo, pode-se falar de um tom pessimista que possui toda a ideiação do sujeito, numa auto-imagem que está articulada de uma maneira mais negativa, o que pode favorecer estados depressivos.
- Além disso, são analisados os conteúdos das respostas MOR, das respostas com qualidade formal menos (-), das respostas M, FM e m e das respostas elaboradas, que costumam trazer muito material projetivo.

3.1.3.2. Variáveis relativas às identificações

Baseadas nas respostas humanas, revelam o modo como as outras pessoas são percebidas e a capacidade de empatia com o outro. Foram utilizadas.

- H%: porcentagem das respostas humanas. Revelam o interesse e a identificação com as pessoas em geral.
- Conteúdo das respostas H.
- Estudo das características de H (qual a qualidade formal delas, se estão ligadas a algum escore especial, em que localização são dadas).
- Estudo dos tipos de H, que podem ser:
 - a) H: revela uma percepção do outro e de si mesmo baseada em elementos reais.
 - b) Hd: indica uma percepção mais parcial das pessoas, revelando um modo mais cauteloso e reservado de se aproximar do outro.
 - c) (H): significam uma visão do outro mais permeada de fantasias.
 - d) (Hd): é a possibilidade mais distante e menos realista de perceber o outro.
- Proporção H : (H) + Hd + (Hd). Deve haver pelo menos duas respostas H com boa qualidade formal, e sua quantidade deve ser maior que a soma das respostas (H), Hd e (Hd) para significar que há uma possibilidade de identificações adaptadas à realidade.

3.1.3.3. Variáveis relativas à existência de recursos disponíveis para enfrentar as demandas do cotidiano

Muitas variáveis do Rorschach, interligadas, abordam a existência de recursos tanto cognitivos quanto emocionais. Destacamos duas, que nos parecem as mais importantes devido à sua abrangência:

- **XA%** - é calculada pela soma das resposta +, o e u, divididas pelo total de respostas. Espera-se que XA% seja igual ou maior que 70%. É uma variável ligada à acuidade do pensamento perceptivo (variável introduzida no Rorschach Research Council, 2000).

- **EA (experiência atual):** índice obtido pela soma das respostas de movimento humano e a somatória das respostas de cor (FC=0,5; CF=1, C=1,5), fornece informações sobre o volume de recursos psicológicos disponíveis pelo sujeito para lidar com as demandas do dia a dia. Além de sua quantidade, é preciso avaliar também a quantidade relativa de respostas de movimento e cor e sua qualidade. É preciso verificar se as respostas M são predominantemente de boa qualidade formal (Mo ou Mu), ligadas a humanos, em localizações W ou D, que estão ligadas, entre outros múltiplos significados, com o uso da reflexão, do pensamento deliberado e com as capacidades criativas do sujeito. Igualmente é preciso verificar se as respostas de cor são predominantemente FC e CF, de boa qualidade formal (o ou u), que relacionam-se com uma capacidade de expressão afetiva adequada. É importante que existam respostas FC, sinal de controle dos impulsos afetivos, junto a respostas CF e C, que indicam maior impulsividade afetiva.

3.2. Caracterização da amostra

Participaram dessa pesquisa 20 jovens entre 12 anos e 3 meses e 12 anos e 11 meses de idade, do sexo feminino.

A idade foi escolhida em função da maioria dos autores considerarem-na como idade média do início da adolescência feminina e/ou da ocorrência da menarca.

Cursavam a série apropriada para sua idade, que variou entre quinta série (10%), sexta série (35%) e sétima série (55%), dependendo da escola e de estarem mais próximas dos onze ou treze anos. Nenhuma delas tinha repetido algum ano na escola, o que é um dado importante pois procurou-se obter um grupo mais equilibrado do ponto de vista de seus recursos cognitivos.

As garotas estudavam em colégios particulares: Dante Alighieri (1), Bialik (5), Stella Maris (1), Porto Seguro (1), Santa Cruz (2), Miguel de Cervantes (1), Escola Cooperativa (1) e Vera Cruz (8).

Todos os pais das famílias tinham pelo menos o curso superior incompleto. Os pais eram na maioria profissionais liberais ou funcionários de nível superior (60%), ou empresários e comerciantes (40%). As mães tinham todas o nível superior, e trabalhavam fora em sua maioria (80%).

Todas eram de nível sócio-econômico médio e médio-alto, definido a partir de critérios utilizados pela Clínica de Psicologia da USP para definição de status sócio-econômico da família (vide Anexo II). A renda familiar era de pelo menos 15 salários mínimos (25%), chegando a uma renda superior a 60 salários mínimos (35%). O nível sócio-econômico foi escolhido em função do grande acesso que seus membros possuem à maior parte dos meios de comunicação hoje disponíveis (TV, revistas, jornais, Internet), pressupondo-se, portanto, que sofram maior influência destes.

Optou-se por delimitar a classe social dos sujeitos da pesquisa para que tivessem condições culturais, educacionais e sociais um pouco mais semelhantes.

Nenhuma das garotas fazia psicoterapia no momento da pesquisa. A exigência de limitar o estudo a não-pacientes deveu-se às próprias características da pesquisa, que buscou investigar aspectos mais freqüentemente observáveis na adolescência feminina, evitando-se lidar com problemáticas mais pessoais.

Todas residiam em São Paulo, 70% na zona oeste, 15% no centro, 10% na zona sul e 0,5% na zona norte.

Como outros dados importantes para caracterizar a amostra observamos que quatro delas tinham pais separados (20%), e uma tinha o pai falecido (0,5%). Só uma delas era filha única (0,5%), tendo as outras um irmão (55%) ou dois irmãos (40%). Doze tinham irmãos mais novos (60%), e nove tinham irmãos mais velhos (45%). Duas tinham irmãs gêmeas. As famílias tinham, portanto, de três a cinco membros.

3.3. Procedimentos

Após indicação de colegas e outros profissionais, as jovens e seus pais eram contatados para um esclarecimento dos objetivos do trabalho. Havendo concordância dos pais e interesse das mesmas em participar da pesquisa era marcado um primeiro encontro com elas.

No primeiro encontro foram feitas uma entrevista (Anexo III) e a aplicação do Teste do Desenho da Figura Humana, na adaptação de Van Kolck (1984) da Técnica de Machover (Anexo IV). No segundo encontro foi aplicado o Método de Rorschach, na abordagem de Exner (1999, Anexo V). Em um caso, um novo encontro foi realizado para terminar a aplicação do Rorschach. Foi oferecida a possibilidade de uma entrevista devolutiva às jovens ao final do trabalho.

Os encontros ocorreram na casa dos sujeitos, individualmente com a entrevistadora, por se considerar que um ambiente mais familiar favorecesse o contato e a obtenção de dados mais significativos. Foram observadas e respeitadas todas as condições de privacidade e adequação do espaço (luminosidade adequada, ausência de ruídos) para a realização das entrevistas e testes.

Aos pais foi pedido que preenchessem uma autorização para a participação da filha na pesquisa (vide Termo de Consentimento Informado, Anexo I), e um questionário para definição do status sócioeconômico da família (Anexo II A).

Algumas questões serviram como organizadoras do campo da entrevista, que possuía um roteiro pré-estabelecido (Anexo III). A entrevistadora tinha, no entanto, a liberdade para mudar sua ordem ou acrescentar outras perguntas e intervenções que julgasse necessárias em cada caso particular, com o intuito de obter melhor proveito da mesma.

As entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente, após o quê foi feita a análise de seus conteúdos.

As respostas obtidas nos três diferentes instrumentos foram analisadas quantitativa e qualitativamente, em função dos aspectos que se pretendeu estudar.

Para poder manejar os dados obtidos nas entrevistas eles foram organizados em torno de núcleos de sentido, como propõe Bardin (1977), que significavam algo para o objetivo analítico escolhido. A análise dos desenhos é baseada principalmente na adaptação de Van Kolck (1984) dos trabalhos de Machover. No nosso estudo, no entanto, não é descrita uma análise exaustiva de cada item, mas são destacados os aspectos gerais, estruturais e de conteúdo que mostraram-se mais significativos no conjunto dos desenhos.

Foi utilizado, para a classificação das respostas ao Rorschach, o Manual de Classificação de Exner (1999). Para análise dos resultados é utilizado principalmente o estudo de Nascimento (2002), por se tratar da primeira e única pesquisa normativa brasileira usando o Sistema Compreensivo de Exner (realizada com 200 sujeitos adultos não pacientes de São Paulo). Os resultados são algumas vezes comparados também com uma pesquisa americana realizada pelo Rorschach Research Institute, (Manual de Classificação do Rorschach, 1999, p.193 -194, idade de 12 anos) sempre que os valores esperados nesta mostrarem-se muito discrepantes em relação às estatísticas brasileiras, e com as pesquisas relativas aos adolescentes italianos e franceses, organizadas por Erdberg e Shaffer (1999), por oferecerem mais alguns referenciais para análise.

Após uma análise do material obtido com cada instrumento, procurou-se entender os resultados de uma maneira integrada.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados serão apresentados, a princípio, separadamente, de acordo com o que foi obtido com cada instrumento: entrevistas, desenhos e Rorschach, para, em seguida serem apresentados numa síntese integrada.

4.1. Entrevistas

Uma vez que aceitavam participar da pesquisa, as garotas eram muito gentis e solícitas. Algumas, mais expansivas, ofereciam seus quartos para local das entrevistas. Outras preferiam uma sala mais reservada. As mães ou não estavam presentes ou, se estavam, cumprimentavam e se retiravam-se, entendendo que era um contato particular com suas filhas.

Pode-se afirmar, grosso modo, que as meninas se dividiam em dois grupos ao primeiro contato: as mais extrovertidas e as mais tímidas. As primeiras pareciam ter um prazer muito grande em estar ali tendo um espaço para falar sobre si mesmas. Uma delas chegou a comentar no final: "foi muito legal, você me perguntou coisas que eu nunca tinha pensado antes". As mais tímidas já mostravam uma certa dificuldade em responder às minhas perguntas, precisando de mais incentivos para falar.

O conteúdo das entrevistas foi organizado, visando responder aos objetivos deste trabalho, em duas grandes áreas: a percepção que as garotas tem de si mesmas e a percepção que tem dos outros.

As conclusões sobre estes aspectos são expostas a seguir.

4.1.1. Percepção de si mesmas

Ter 12 anos parece significar, para esse grupo, viver num momento onde praticamente se deixou a infância para trás mas ainda não se alcançou um lugar de pertencimento. Em geral elas não se denominam adolescentes. Falam muito sobre não ser adulto nem criança, às vezes pré-adolescentes, variando o conceito que atribuem a essa condição, algumas vezes mais positivo, outras mais negativo.

Elas se dividem na forma como encaram ter 12 anos. Seis delas (30%) vêem sua idade de uma maneira mais positiva; cinco ou 25% vêem aspectos positivos e negativos (15%), quatro (20%) acham ruim, difícil ou complicado ter essa idade e quatro ou 20% acham uma idade "normal" ou não conseguem dar maiores explicações.

O que muda, na verdade, é a ênfase dada aos aspectos positivos e negativos, já que a visão delas sobre ter 12 anos não é muito diferente.

É muito valorizado como um aspecto positivo, apontado por 30% delas, a maior liberdade que começam a adquirir. Sair mais, ir a festas, ao clube, e principalmente ao shopping, tudo com os amigos e sem os pais, é fonte de grande prazer.

Um dos aspectos negativos de ter 12 anos, citado por 25% delas, é a grande dependência que ainda têm em relação aos pais. Gostariam de ser mais livres para sair a hora que quisessem e comprar o que quisessem. Isso não significa que desejariam logo ser adultas, idade vista por elas como de muito trabalho e responsabilidades. O máximo que almejam é ser alguns anos mais velhas para ver filmes impróprios para sua idade, dirigir, ter menos horários, freqüentar barzinhos, ou namorar algum menino mais velho.

Um outro aspecto, nesse sentido, que é valorizado por elas é não ter muitas responsabilidades, não ter que trabalhar, ter bastante tempo livre para fazer o que quiser (citado por 20%). As responsabilidades que começam a ter, no momento em que os pais já não protegem tanto, principalmente frente à escola e aos amigos, são vistas como importantes por algumas mas difíceis de lidar.

De uma maneira geral, essa é uma época considerada por elas de mudança e de amadurecimento. Como diz uma delas, "é uma época de mudanças em relação a tudo; você começa a fazer escolhas, crescer, o corpo muda, você começa a pensar no futuro, em namorados".

Começam a observar-se mais, entrar mais em contato com seus sentimentos, tentam controlar o que consideram seus defeitos, fazem escolhas. Essas mudanças parecem fazer também com que essa fase seja vivida muitas vezes com impaciência e irritação, e sensações de estar "meio perdida", além da insegurança de se amada.

Não vivem só o cotidiano imediato, já pensam um pouco mais além. Isso também tem um aspecto considerado negativo por elas, pois ao enxergar mais amplamente a realidade enxergam os problemas sociais, a violência.

Quando perguntadas sobre qual idade acham melhor, 25% delas dizem que ser criança é melhor, pois não tem que se preocupar com escola, provas, só brincam. Na infância os pais ajudam mais e não é necessário ser educado e responsável. Cinco (25%) preferem ter sua própria idade, porque cada época tem seus atrativos e, afinal, ainda não tem que trabalhar nem tem muitos problemas. Outras 25% oscilam entre desejarem a infância, o presente ou o futuro. Somente 10% preferiam ser mais velhas, apontando como motivos a maior liberdade e maior confiança em si.

O passado é visto sempre como uma época em que se podia brincar livremente, o futuro atrai pela maior liberdade de se fazer o que quer. Uma das garotas, inclusive, reclama que sua geração cresceu depressa demais, encurtando a infância. Se pensarmos no grande número de garotas que

preferiam ser crianças ou, pelo menos, voltar a ser criança de vez em quando, podemos pensar que talvez ela tenha razão.

Ao se descrever livremente, a característica de personalidade mais apontada por elas tem a ver com o modo de se relacionar com o mundo, com as pessoas, provavelmente a maior preocupação nesse momento: 30% se percebem como tímidas, 10% se acham extrovertidas e uma se descreveu como tímida no início e extrovertida depois.

Também se descrevem como sinceras (15%), carinhosas (10%), instáveis de humor (10%), engraçadas (10%), simpáticas (10%). Outros adjetivos usados por elas: meio desorganizada, independente, confiável, atenciosa, honesta, sensível, temerosa com os erros, facilmente irritável, crítica, legal.

Quatro (20%) delas disseram gostar de sair, ir a shoppings, dançar. Duas (10%) enfatizaram a importância dos amigos, dizendo sentir-se bem com eles. Duas (10%) disseram gostar de ajudar as pessoas e duas (10%) se descreveram como chatas com os irmãos.

Ao falarem de suas características físicas, as mais apontadas por elas são a altura e o peso, talvez fontes, também, de maior preocupação nesse momento. Fazem menção à altura 50% delas : 20% se acham altas (o que é valorizado), 20% se acham na média em altura (embora dessas 10% queriam ser mais altas), e 10% se acham baixas. O peso foi mencionado por 30% delas: 10% se consideram magras, 10% se consideram normais em peso e 10% se acham gordas ou com umas gordurinhas a mais. Vemos que, embora preocupadas com peso e altura, a maioria se vê dentro da média nesses quesitos.

Três mencionam a aparência como um todo, uma se achando bonita, outra feia, e outra às vezes bonita e às vezes feia.

Quando questionadas dietamente sobre serem bonitas, quatro delas (20%) dizem que sim, são bonitas, apesar de não lindas. Se percebem com qualidades e defeitos como todo mundo, mas no geral gostam de sua aparência. Metade delas (50%) se acha mais ou menos bonita: algumas se

acham bonitas quando se produzem, se arrumam, outras gostam de algumas partes do corpo e não de outras, e outras ainda às vezes se acham bonitas e às vezes feias. Quatro delas (20%) se consideram feias, prevalecendo aí os seus defeitos ou a comparação com outras meninas.

Também se acham mais ou menos inteligentes (45%), embora grande parte se considere inteligente (40%) e apenas 15% não se considere. O referencial para a consideração sobre a inteligência é, na maior parte das vezes, o desempenho escolar.

Em sua maioria se acham simpáticas (55%) ou pelo menos mais ou menos simpáticas (45%), nenhuma se achando antipática. As simpáticas dizem ter uma boa relação com os outros: conversam com todos sem preconceitos, tem muitos amigos, não fazem cara feia, tentam entender os outros. As "mais ou menos simpáticas" dizem que são simpáticas em algumas ocasiões e não em outras. Depende da pessoa com quem estão, de suas variações de humor, e de que os outros se aproximem delas, já que uma parte delas se declara tímida.

De suas características físicas, o que mais gostam são: cabelo e olhos (20%), altura (15%), peso (10%) e nariz (10%). As que menos gostam são o peso, as gordurinhas, a barriga, apontadas por 20%, a altura (15%), a pele, por ter manchas ou espinhas (10%), as pernas (10%), o cabelo (10%). Vemos que duas das características apontadas como qualidades em umas, o peso e a altura, são vistas como defeitos em outras, parecendo que são, na aparência física, os maiores motivos de preocupação.

Das características de personalidade, o que mais valorizam é a extroversão (25%), se referindo à capacidade de se entrosar com as pessoas, fazer amigos, ser bem aceitas pelos outros. Quatro ou 20% delas se acham legais no geral, valorizam seu jeito de ser e duas (10%) valorizam o fato de serem engraçadas. O que não gostam nelas é principalmente a timidez, apontado pelas tímidas (25%). Vemos então que as que se consideram extrovertidas valorizam muito essa característica e as que não são sentem a timidez com algo ruim, que as atrapalha. Outras características de personalidade que são desvalorizadas por elas também

estão relacionadas à relação com o outro. Quatro ou 20% delas apontaram como características negativas o fato de falarem alto, falarem besteiras ou coisas que não queriam dizer e depois se arreperderem, de serem estúpidas quando ficam nervosas. Parece que a dificuldade e o desejo de controlar melhor os impulsos para obter uma melhor comunicação com o outro são aspectos que começam a adquirir maior importância. Podemos pensar que há aí um problema na modulação da comunicação, que nesse momento é muito importante para elas, mas que muitas vezes ainda não conseguem dominar. Também apontam como defeitos a dificuldade de lidar com as opiniões do outro, muitas vezes contrárias às suas, e a dificuldade que sentem de ter assunto para conversar.

Apesar dessas dificuldades todas se consideram felizes, apontando como motivos para isso o fato de terem quase tudo que é necessário para ser feliz: uma família acolhedora (apontado por 70%), amigos (55%), uma boa escola (20%), uma boa casa (15%). Falam que têm uma boa vida, gostam do que é seu, não tem muitos motivos para preocupação.

O que mais as preocupa e causa medo é justamente perderem tudo isso. Tem receio de que algo aconteça aos seus familiares, como mortes, brigas, separações, fazendo com que fiquem sozinhas, desamparadas, sem o apoio e o afeto familiar (medo apontado por 30%).

O segundo motivo de preocupação (apontado por 25%) é a escola, a necessidade de estudar, ir bem em provas, tirar boas notas. A escola também é motivo de muito nervosismo. Além de ir bem em provas e nos deveres escolares, a relação com os professores às vezes é motivo de tensão. Parece que nessa idade há um distanciamento dos professores, que são muitas vezes vistos como pouco compreensivos, brigando com elas sem motivo, como os pais.

Em terceiro lugar vem a preocupação e o medo da violência urbana, com assaltos, seqüestro, estupro, resposta dada por 20% delas. O quarto motivo de preocupação (apontado por 15%) é o relativo ao futuro: o que vão estudar, que profissão vão ter, com quem irão casar.

Elas falam de muitos motivos para estarem irritadas , parecendo ser a irritação uma sensação habitual para elas.

Irritam-se e ficam nervosas quando os outros não concordam com elas, as ignoram ou não fazem o que elas querem quando elas acham que têm razão (20%), quando xingam, gozam, falam mal, fazem fofoca ou alguma brincadeira de mau gosto (20%), brigam com elas (10%), as encaram, fazem as coisas sem vontade (como jogar ou trabalho em grupo), pegam algo seu sem permissão, mexem nas suas coisas (5%).

Irritam-se muito com os irmãos (25%), porque estes falam besteiras, competem, invadem a privacidade, mexem nas suas coisas.

Finalmente, se irritam consigo mesmas (20%), quando estão na TPM (transtorno pré-menstrual), quando nada dá certo, quando juntam muita coisa para fazer que foi sendo adiada, quando tem que fazer algo que não querem.

Elas se preocupam com o que os outros falam delas, só duas dizendo não se importar. Algumas se importam sempre (45%), dizendo esperar ouvir coisas boas a seu respeito, temendo que não gostem delas e achando que ouvindo o que o outro tem a dizer podem melhorar. Outras (45%) disseram se importar com o que o outro fala ~~3~~ vezes, em algumas condições: se falam mal (15%), se é algo sobre seus comportamentos (10%), se é algo que elas também acham, se é alguém importante para elas.

Acham que os outros as vêem de uma maneira principalmente positiva, como: legais (40%), engraçadas (25%), tímidas (15%), bonitas (15%). Tirando a timidez, que é desvalorizada por elas, todos os outros são atributos positivos.

4.1.1.1. Menstruação

A maior parte delas já menstruou (75%), dessas a maioria com 11 anos (73% com 11 e 27% com 12). Se contarmos o total de meninas,

verificaremos que 11 ou 55% delas menstruaram aos onze anos, e não aos doze, como era a média estabelecida por este trabalho como da menarca.

Das que já menstruaram, apenas duas achavam que a menarca estava próxima, por terem os parâmetros da mãe ou irmãs. As outras não esperavam, e muitas (60%) não desejavam ficar menstruadas, não naquele momento. Algumas porque queriam crescer mais fisicamente (já vimos como a altura é importante para elas), outra porque já tinham ouvido falar do incômodo de trocar absorventes e das cólicas, e outras porque se achavam ainda muito crianças, e ficar menstruadas significava entrar em outra fase que não estavam preparadas para entrar. Apenas uma disse ter ficado feliz, "apesar de ser um saco", por ser um "sinal de amadurecimento". Metade delas (45%) se julgava bem informada a respeito, e a outra não sabia muito bem, não tinha certeza ou não sabia bem o que fazer, apenas uma dizendo que não sabia nada sobre o assunto. A maioria (70%) acha que a menarca não mudou nada em suas vidas, foi um acontecimento normal, sem importância. Como afirma uma delas: "foi só mais uma etapa cumprida. A gente deixa de ser criança mas ainda não é adolescente". Três falam de ter ficado com o humor instável após a menarca, mais nervosas, mais irritadas e três falam de um amadurecimento, apesar de ser "trabalhoso".

Talvez o fato de estarem menstruando cedo demais, quando ainda não se sentem adolescentes, tenha feito com que a menarca tenha perdido o significado de ritual de passagem, pois significa uma saída da infância mas não uma entrada na adolescência.

Das que não menstruaram (cinco ou 25%), nenhuma delas deseja que aconteça logo. Sabem que vai acontecer, mas quanto mais tarde melhor. Uma delas sente-se preocupada e assustada com a primeira vez. Teme que a mãe não esteja por perto, embora já tenha explicado o que fazer. Acham que é um fato importante, mas não significa uma mudança em suas vidas. Temem as cólicas e parar de crescer.

As meninas recebem informações e conversam principalmente com as mães sobre menstruação, sexo, intimidades (55%). Em seguida vem a escola, com aulas de orientação sexual (30%), irmãs (10%), primas, pais,

amigas (5%). Três delas (15%) não conversam com ninguém sobre esses assuntos.

4.1.2. A percepção do outro

4.1.2.1. Pai e mãe

As características atribuídas aos pais, vistos em conjunto, são: bons, legais (40%), sempre tentam ajudar (10%), se importam com elas, dão quase tudo que precisam (10%), mas às vezes um pouco irritados, nevosos, principalmente quando elas desobedecem (15%). São descritos também como animados, bem humorados, felizes, bravos, agora mais liberais, tendo seus pontos fracos.

O pai é visto por uma parte delas (20%) como mais brincalhão, engraçado e divertido que a mãe. Algumas falaram também dele ser mais calmo (15%) e relaxado (10%). Por outro lado, algumas o percebem como bravo (15%) e nervoso (10%). Parte delas (20%) se queixa de que o pai não lhes dá muita atenção, nem sempre as entende, não gosta muito de ouvi-las. Duas ou 10% enfatizaram o fato do pai trabalhar muito.

Podemos, a partir desses dados, dividir os pais em dois grupos: um que é mais próximo das filhas e que tem um relacionamento mais lúdico, mais relaxado com elas, e outro que é mais tenso, nervoso, e voltado para o trabalho, sem muito contato com elas.

As mães são vistas como simpáticas, comunicativas, extrovertidas (20%), carinhosas (15%), mais nervosas que o pai (20%), brigando por coisas pequenas, se irritando com facilidade, e também como mais preocupadas que os pais (10%). As mães tem, na maioria, maior contato com as filhas que os pais, daí serem atribuídas a elas maior poder de comunicação e também maior irritação e nervosismo com situações do cotidiano.

A maior parte delas se identifica com os pais, se achando parecidas com eles em muitos aspectos (85%). Acham-se parecidas com ambos os pais (55%), tendo características dos dois.

Quando perguntadas sobre as pessoas que mais admiram, aparecem em primeiro lugar os pais (55%), porque: educam e fazem tudo pelos filhos, estão sempre presentes, aconselham, são amigos. Algumas comentam as dificuldades que os pais já atravessaram na vida, experiências difíceis que superaram. Algumas destacam só a mãe como figura que mais admiram (20%), possivelmente porque sentem-se mais próxima delas do que do pai.

Os avós (25%) e outros familiares, como tios, primos, e irmãos (35%) vêm em seguida na lista de pessoas que mais admiram. Dos avós citam principalmente o companheirismo e a experiência. Os outros familiares são citados principalmente por serem pessoas que estão por perto e com quem se pode contar.

Vemos por essas respostas que, pelo menos por enquanto, elas ainda estão muito identificadas com o universo familiar.

Além dos familiares citam amigos (20%) como pessoas que admiram, porque as apoiam e estão presentes quando necessitam. Os professores foram citados por apenas uma garota.

A opinião dos pais é importante para a maioria (90%). Acham que eles se preocupam com elas, querem o melhor e têm experiência, portanto devem ser ouvidos. A opinião deles é importante em todos os assuntos (para 45%). A maior parte delas (75%) leva em conta a opinião deles quando têm que tomar uma decisão, embora dessas a metade (53%) enfatize que têm suas próprias opiniões, e, que, no final, elas tendem a prevalecer.

Quando questionadas sobre a profissão que desejam ter no futuro, nove (45%) citaram a área médica: seis médicas, duas veterinárias, e uma dentista. Das médicas, a metade quer ser pediatra porque gosta de crianças.

Além destas, quatro (20%) querem ser arquitetas, duas advogadas, duas querem trabalhar na área de ensino, três querem ser psicólogas ou psicanalistas, duas atrizes, uma modelo, uma tradutora, uma publicitária,

uma gastrônoma, uma designer e uma tenista (podiam escolher quantas profissões quisessem).

Das profissões escolhidas, quatro (20%) escolheram pelo menos uma das profissões na área que o pai ou a mãe trabalham e mais quatro (20%) tem parentes, tios ou primos, na área escolhida, portanto 40% delas escolheram a profissão identificadas com algum familiar, o que é coerente com o fato de estar no âmbito familiar as pessoas que mais admiram. Apenas quatro (20%) escolheram profissões mais diretamente ligadas à mídia (publicitária, atriz, modelo).

O trabalho na área escolhida faz parte, no imaginário, do futuro de todas. Assim como hoje estudam, no futuro trabalharão. Algumas dão muita importância para a profissão, falando da importância de se realizar profissionalmente. Também se imaginam casadas e com filhos, em sua maioria (65%), mas aí já não há uma unanimidade: há as que não sabem se vão casar e as que não querem filhos. Novamente vemos que a identificação é com o modelo de estrutura de suas famílias, a não ser pelo fato de que uma parte das mães das meninas não trabalha fora.

A relação com os pais, no entanto, começa a ser fonte de conflitos. Discutem mais com eles, querem manifestar suas opiniões, embora muitas vezes se atrapalhem nessa tentativa, querem ser mais independentes e reclamam da interferência deles na sua vida.

4.1.2.2. Os amigos

Os amigos, que nesse momento são principalmente amigas, também foram citados como muito importantes para quem tem 12 anos. Ao começar a se separar dos pais, é nelas que encontram apoio. Sentem-se mais ligadas a elas do que quando são menores, acham que agora as conhecem melhor, ampliam seu círculo de amizades. Nesse contato maior com o outro, também começam a perceber suas diferenças com mais clareza, e isso às vezes é fonte de conflito: começam a aparecer maior inveja e competição

entre elas, ocorrem mais discussões e é mais difícil manter uma amizade. A maioria delas diz ter muitos amigos (95%). Eles são principalmente da escola (95%), mas também do clube (30%), escolas que estudavam (15%) e inglês (15%).

4.1.2.3. Namorados

As garotas desse grupo já se interessam pelo sexo oposto e algumas já tiveram suas primeiras experiências amorosas. Todas declararam nunca ter namorado ninguém, mas oito delas (40%) já "ficaram". "Ficar" significa, para elas, um relacionamento curto e descompromissado. São os primeiros beijos "de língua", as primeiras intimidades com o sexo oposto. Esses relacionamentos tem em comum o fato de terem ocorrido, em sua maioria, com pessoas que elas não conheciam muito, não tinham intimidades. Parecem movidas, a princípio, pela curiosidade de saber como é e por um certo "status" que ter essa experiência confere perante o grupo, e não necessariamente por uma atração pelo outro. Talvez por isso algumas comentam que acharam a primeira vez meio "nojento" ou "esquisito". Repetiram, ou querem, apesar disso, repetir a experiência. Apenas quatro delas (25%) disseram achar que ainda é cedo para namorar ou não sabem se querem. As outras querem, apesar de algumas manifestarem temor e de muitas falarem do desejo de conhecer mais a pessoa antes de ficar, da necessidade de estar a fim dela ou de preferir namorar a ficar.

4.1.2.4. O mundo

Apesar de dizerem não se identificar muito com o que vêem, a maioria (95%) gosta de assistir TV, só uma dizendo gostar "mais ou menos". Gostam principalmente de novelas (60%), desenhos (25%), seriados americanos (20%), clipes na MTV (20%) e filmes (15%). É interessante que o segundo programa mais visto seja desenho, revelador dos aspectos ainda infantis de

suas personalidades. Apesar de gostarem muito de TV, nove delas (45%) disseram não admirar ninguém famoso. Alegam que não conhecem de fato as pessoas públicas, só vendo a imagem delas na TV ou revistas.

Dentre os famosos citados como motivo de admiração a maioria é composta de atores (citados por 30%). Foram citados atores em geral ("porque é difícil trabalhar na TV"), Fernanda Montenegro ("tem muitos anos na TV"), Giovanna Antonelli ("é o máximo, perfeita"), Reynaldo Gianechinni ("bonito", "parece legal"), e a atriz "que faz um papel de uma garota chamada Nanda na novela Malhação"

Além deles, foram citados dois astros da música pop: Madonna ("tem um jeito explosivo e revolucionário") e Kurt Cobain ("revolucionou o mundo do rock").

O único atleta citado foi Guga, porque joga tênis.

É interessante observar que as pessoas que mais admiram são pessoas de seu convívio diário, real, e muito menos pessoas que vêm na mídia. A princípio parece haver uma maturidade em relação à distinção entre o que é imagem e o que é realidade.

A maioria não sabe dizer o nome de uma pessoa que não admire (50%). As que citaram alguém falam de uma maneira mais geral de criminosos, ladrões (15%), pessoas que não tem o mesmo jeito que elas (10%), ex amigas que fazem fofoca (10%), pessoas que matam animais, a namorada do pai (5%).

De pessoas famosas não admiráveis foram citadas a Feiticeira ("porque se expõe muito na TV") e a cantora Cássia Eller ("porque é drogada e um mau exemplo para o filho").

Também a Internet faz parte do cotidiano do grupo, embora menos que a TV. A maior parte gosta e usa a Internet habitualmente (60%). As outras se dividem entre as que gostam menos (25%) e as que não gostam (15%). A Internet é usada principalmente para comunicação (e-mails, ICQ), e para fazer trabalhos escolares. Gostam também de jogar, fazer testes, ouvir música, salas de bate-papo.

O grupo se divide entre as que gostam de ler (40%), as que gostam mais ou menos (15%) e as que não gostam de ler (45%). As que gostam de ler gostam principalmente de suspense, ficção, aventura. Os livros recomendados pela escola são considerados, em sua maioria, desinteressantes para elas. Mesmo as que não gostam de ler apreciam revistas. A mais votada por elas é a Capricho, comentada por 60% .

Gostam muito de esportes (60%): tênis, vôlei, basquete, futebol, handbol, natação, esgrima, equitação, praticando-os com regularidade. Além de esportes, gostam de ir na casa ou sair com as amigas (45%), ir a shoppings, cinemas, festas, ao clube. Gostam também de ouvir música (10%) e jogar no computador(10%).

Além dos esportes, a maioria estuda inglês (65%), embora uma parte delas não goste (20%). Duas estudam piano.

A maioria gosta da escola (85%), principalmente por ser o lugar onde encontram amigos. As outras 15% gostam menos, por terem dificuldades com algumas matérias. Nenhuma disse não gostar da escola. Não falam muito sobre os professores, parecendo não haver, no momento, uma identificação forte com eles.

Em geral gostam da vida que levam e das coisas que fazem (80%).

4.1.3. Síntese das entrevistas

As garotas desse grupo se percebem num momento de transição. Já deixaram a infância para trás mas não conseguem definir um termo que sintetize a fase em que estão. Achrom que ainda não alcançaram totalmente a adolescência, seja porque o corpo ainda não se definiu, ou porque oscilam entre desejar um retorno à infância e se comportar de uma maneira mais infantil em alguns momentos, enquanto em outros desejam ser mais independentes e ter experiências amorosas, como as adolescentes.

De qualquer maneira, percebem-se em crescimento, afastando-se dos pais e aproximando-se dos amigos, os iguais. Nesse processo, deparam-se com muitas dificuldades: preocupam-se muito em ser aceitas, temem ser rejeitadas, não sabem muito bem como se comportar, não controlam bem os impulsos, não sabem o que conversar, tem vergonha de expressar-se. Tem dificuldades em ouvir e aceitar a opinião dos outros.

Desejam ter mais liberdade para sair sozinhas mas, ao mesmo tempo, temem ter que contar mais consigo próprias e com seus recursos.

Assustam-se com a maior responsabilidade que começam a ter, principalmente frente aos estudos, mas acham que ainda tem uma vida bastante isenta das preocupações adultas, como trabalhar e lutar pela sobrevivência. Não desejam ser adultas, encarando as responsabilidades, mesmo as poucas que têm, como algo difícil de lidar.

Percebem-se olhando mais para si mesmas, para seus sentimentos, suas qualidades e defeitos, porque precisam dessa avaliação para se relacionar melhor com os outros.

Nesse processo, mostram mais segurança em relação aos seus recursos cognitivos e capacidade de empatia com os outros do que em relação à aparência física que possuem. Poucas falam em gostar do conjunto de sua aparência, a maioria desmembrando o físico em qualidades e defeitos, ou afirmando que a beleza precisa ser construída, não sendo um

dom natural. Peso e altura adequados são características muito importantes para elas na construção de seus modelos de beleza.

Quanto às características de personalidade uma parte do grupo descreve-se como tímida e considera isso uma desvantagem e outra parte considera-se extrovertida, considerando isso uma qualidade.

Todas, no entanto, percebem-se como felizes, associando felicidade à valorização de tudo que possuem: família, escola, amizades, recursos financeiros. Sentem-se protegidas pela família e, apesar de desejarem ser um pouco mais livres, temem perder essa condição.

O fato de sentirem-se constantemente irritadas indica, porém, que internamente vivem num momento de turbulência afetiva, provavelmente devido a essa condição de não terem um lugar definido e assegurado, agora que já não podem contar tanto com os pais para resolver seus problemas.

A maior parte delas já menstruou, a maioria aos 11 anos; esse acontecimento, no entanto, não tem para elas o sentido de entrada na adolescência, talvez porque venha ocorrendo cedo demais do ponto de vista do amadurecimento psicológico.

Mais significativo como ritual de passagem são as primeiras experiências amorosas, já vividas por algumas, principalmente pelas mais extrovertidas; não são designadas como namoro porque não envolvem uma ligação afetiva mais profunda, manifestando mais curiosidade do que atração pelo outro.

Apesar dessas experiências e do desejo de serem mais livres e tomarem suas próprias decisões, as garotas desse grupo mostram ainda forte identificação com os pais. Estes são vistos como pessoas boas, apesar dos conflitos que, segundo elas, devem-se ao fato dos pais irritarem-se com facilidade. São também as pessoas que elas mais admiram, seguidos de outros familiares, vistos como fortes e provedores.

Essa idéia é reforçada pela escolha profissional, que nesse momento provém principalmente de uma identificação com os familiares.

Identificam-se com os pais também no fato de imaginarem um futuro parecido com o que observam no pai e na mãe: uma estrutura familiar igual (pai, mãe e filhos) e estudos até a Universidade. A diferença está no fato de que trabalhar parece parte do futuro de todas, diferentemente do que observam, já que parte das mães, apesar de possuir curso superior, não trabalha.

Apesar dos pais serem vistos como modelos, o grupo encaminha-se, nesse momento, para a necessidade de ter boas relações com os iguais, o que implica numa grande identificação uns com os outros.

Mostram, pelo menos no discurso, clareza entre o que é real e o que é imaginário, criado pela mídia, já que acham-se pouco identificadas com o que vêem na TV. Apesar disso, recebem muita informação pela TV e Internet, mostrando uma atração muito maior pela imagem que pelo texto, e possuem padrões de beleza muito parecidos com os divulgados na mídia.

Podemos pensar, num primeiro momento, que é um grupo que tem mais maturidade do que se supunha para essa idade, já que o discurso é, muitas vezes, bem organizado. No entanto, as contradições presentes neste fazem pensar que os recursos intelectuais que possuem são usados muitas vezes numa atitude defensiva, alternando experiências vividas e tentativas de mostrar uma visão idealizada de si mesmas.

4.2. Desenhos da Figura Humana

A maioria das garotas mostrou-se mais tranqüila nas entrevistas do que na execução dos desenhos. Enquanto desenhavam, muitas demonstravam ansiedade e faziam comentários depreciativos sobre seus desenhos (60% delas), procurando justificar suas dificuldades de desenhar uma figura humana.

Alguns exemplos de comentários, feitos por diferentes meninas:

" Não desenho bem!"

" Se eu fosse desenhista estaria perdida, mal consigo fazer uma bola!"

"Que olho pequeno, parece um zumbi, que horror!"

" O queixo da menina parece uma coruja!"

"Esse ficou feio!"

"Odeio desenhar!"

"Era pra fazer um homem, saiu uma mulher!"

"Ficou torto!"

"Tá parecendo um débil, um robô."

"Desenho ruim!"

"Nossa, que nariz!"

"Que cabeção!"

Apenas uma disse gostar de desenhar e gostou do resultado do seu trabalho. Sua habilidade artística, realmente, é superior às outras. Duas meninas fazem comentários sobre serem perfeccionistas, o que pode ser entendido tanto de uma maneira positiva quanto negativa.

Podemos pensar em várias hipóteses que , integradas, podem explicar essa dificuldade quanto ao desenho. Parece que o discurso verbal, nesse momento, está mais "sob controle" do que o desenho, e mais submetido, portanto, aos sistemas defensivos dos sujeitos. O desenhar, ao ser revelador dos aspectos que ficam mais ocultos no discurso, despertam mais ansiedade e angústia. Parte dessa angústia pode estar ligada à dificuldade de definição de uma imagem corporal, já que esta encontra-se, nesse momento, em transformação. Além disso, o desenho, aos 12 anos, já não é um meio comum de expressão como é para as crianças.

Koppitz (1984) afirma, quanto a essa questão, que o Desenho da Figura Humana é apropriado para quase todos os alunos da 6ª série, mas não necessariamente para os de 7ª e 8ª , porque muitos jovens no início da adolescência relutam em desenhar pessoas. Nessa idade eles tendem a ser muito conscientes de si mesmos e críticos de sua habilidade para desenhar.

4.2.1.Aspectos gerais dos Desenhos

Ressaltaremos a seguir os aspectos que se destacaram nos desenhos dos sujeitos:

4.2.1.1. Posição da folha

A quase a totalidade dos sujeitos (95%) respeitou a posição dada (vertical). A posição da folha indica, segundo Van Kolck (1984), como o sujeito se coloca perante o ambiente e o manipula. A aceitação da posição dada indicaria que não há uma reação de oposição ao ambiente, ou, por outro lado, uma certa passividade e falta de liberdade em relação ao aplicador.

4.2.1.2. Localização

Os desenhos localizam-se predominantemente no lado esquerdo da folha (75%), e, destes, a maioria no quadrante superior esquerdo (40%). Van Kolck (1984) afirma que o lugar em que o sujeito coloca seu desenho mostra sua orientação geral no ambiente e consigo próprio. A localização no lado esquerdo da folha está ligada a uma atitude mais regressiva e de busca de satisfação imediata dos impulsos, e no quadrante superior esquerdo está ligada a uma atitude passiva, de expectativa diante da vida e de desejo de retornar ao passado e/ou permanecer absorto na fantasia.

Mostram, em conjunto, um predomínio do passado e da fantasia, reveladores da dificuldade de contato com a realidade e do medo de crescer.

4.2.1.3. Tamanho

Houve leve predominância do tamanho médio, ocupando entre 1/4 e 1/8 da folha (40%), embora houvessem também desenhos grandes, ocupando 1/2 da folha ou mais (30%), e pequenos, ocupando 1/16 da folha ou menos (30%).

O tamanho do desenho expressa, para Van Kolck (1984), a relação dinâmica do sujeito com seu ambiente, o modo como o sujeito reage às pressões deste. Na amostra, vemos que uma parte das garotas suporta melhor a pressão, enquanto outras manifestam mais diretamente sentimentos de inadequação e inferioridade (desenhos pequenos), enquanto outras, de uma maneira defensiva a esses sentimentos, reagem com fantasias compensatórias (desenhos grandes). Se pensarmos que tanto desenhos pequenos quanto grandes expressam, de certa maneira, sentimentos de inadequação, temos que a maior parte dos desenhos (60%) revela a presença desses sentimentos.

4.2.1.4. Grafismo

Não houve um padrão predominante no tipo de traçado e na espessura da linha que possibilitasse uma análise mais segura desses aspectos.

4.2.2. Aspectos estruturais dos desenhos

4.2.2.1. Tema (dados do inquérito)

A figura retratada é descrita numa das seguintes atividades: indo para um shopping ou olhando uma vitrine (20% das respostas), desfilando ou posando para uma foto (15%), fazendo nada, parada (10%), indo para uma festa (10%), pensando na vida, observando, olhando um lugar novo para ela ou relaxando (15%), andando, dançando, esperando o namorado, fazendo uma torcida ou na escola. (5%).

É mais velha que elas, tendo de 14 a 25 anos (70%), ou sua idade (25%).

É solteira (100%). Não tem filhos (95%). Não trabalha (70%), só estuda.

Quer ser modelo (15%) ou atriz (15%). Outras profissões citadas: arquiteta, advogada, médica, cabeleireira, dançarina, economista, recreacionista, administradora, designer. Bióloga, veterinária ou dentista (5%).

Ela é inteligente (85%), tem boa saúde (85%), é bonita (60%) ou normal de aparência (25%).

A parte mais bonita de seu corpo é o cabelo (45%), a barriga (15%) e o rosto (15%).

As partes mais feias são os pés (25%), as mãos (20%), os braços (15%) e o nariz (15%).

O que mais a preocupa é o futuro: se vai conseguir ser uma boa profissional, arranjar emprego (20%). Também se preocupa com a saúde da família (10%). Um número expressivo não sabe dizer com o quê a figura retratada se preocupa (25%).

O que mais a irrita é quando fazem ou falam algo que ela não gosta (45%): quando acham que não está bonita, dizem não para ela, riem da sua cara, "enchem o saco", não dizem a ela o que deve fazer, fazem gracinha, brigam com ela, se irritam com ela, falam mal pelas costas.

Quando está nervosa ela fala alto ou grita (25%), fica vermelha (15%), não fala com ninguém (10%), responde mal para as pessoas (10%).

Seus três piores hábitos são: ser desorganizada, bagunceira, relaxada, não gostar de se arrumar (20%), comer doces (10%) e roer unhas (10%).

Seus três melhores hábitos são: ter um bom relacionamento com as pessoas, ajudá-las, ter muitos amigos e sair com eles, ser carismática e amiga (35%), estudar bastante e ir bem na escola (20%) e gostar e saber se arrumar (15%).

Ela tem muitos amigos, da mesma idade que ela (65%).

As pessoas dizem que ela é legal (30%), simpática (15%), bonita (15%) e exibida (20%).

Ela gosta muito de sua família (85%), e muito (35%) ou normal, médio (30%), da escola.

Ela sai muito com meninas (80%). Se diverte indo dançar, em boates, festas, baladas (35%), saindo com os amigos, indo na casa deles, conversando com eles (25%), passeando (15%), indo ao shopping (15%), cinema (10%), clube (10%).

Ela se casará (85%), com uma idade entre 19 e 30 anos, possivelmente aos 25 (35%).

Se casará com um rapaz parecido com ela (25%). Ele será bonito (15%), simpático (15%), legal (15%), esportista (10%), carinhoso (10%), engraçado (10%), sincero, honesto (10%), alto (10%).

Seus maiores desejos são se casar, de preferência com o rapaz descrito acima (40%) e ter uma família (40%). Deseja também ser bem sucedida na profissão, resposta dada de alguma maneira por 45% delas: se formar (15%), ser atriz (10%), ser jogadora de vôlei (5%), ser alguma coisa na vida (5%), ter o próprio negócio (5%), ter sucesso no trabalho (5%).

Deseja ser feliz (10%), continuar com a família ou morar perto dos pais (10%), fazer os outros felizes (5%).

Ela não lembra ninguém (60%), talvez a mãe (10%), uma prima (10%), uma amiga (10%). Ela não tem namorado (65%).

Ela gosta de sua aparência (75%).

A maioria acha que ela não se perturba quando é observada (55%), uma parte acha que sim (30%), e outra ~~3~~ vezes (15%).

As garotas se dividem entre as que gostariam de ser como ela (35%), as que não gostariam (40%) , e as que gostariam em alguns aspetos (20%).

Analisando essas respostas ao inquérito observamos que, apesar de dizerem, em parte, que não gostariam de ser como a figura retratada, esta traz muitos elementos do modo como elas se percebem ou do que idealizam.

Em primeiro lugar, vemos que a figura retratada tem a idade que muitas acham ideal, um pouco mais velhas que elas, entre 14 e 25 anos. Nessa idade imaginam que seus corpos já terão ou estarão próximos do formato adulto, trazendo menos angústias, e elas terão um pouco mais de liberdade para sair, ir a boates, festas, namorar. Por outro lado, continuam adolescentes, a maioria sem trabalhar e, portanto, sem a responsabilidade de cuidar da própria vida, que é algo que temem.

O que mais irrita a figura retratada é também algo que as irrita, e está ligado ao temor de ser "malvista", criticada pelo outro, talvez projeções de suas próprias inseguranças.

É também na relação com os outros que se manifesta o nervosismo, e a sensação de que a comunicação ainda é difícil, com muitos momentos onde predomina a impulsividade. Parece faltar modulação à figura retratada e a elas: quando estão nervosas falam alto, até gritam e respondem mal para as pessoas.

Ter um bom relacionamento com as pessoas, ter muitos amigos, é uma das coisas que mais almejam, aqui considerado um bom hábito da figura retratada.

Esta também é, como elas, muito apegada à família e gosta da escola. Preocupa-se com o futuro, e ter uma boa profissão e ser bem sucedida nela é desejável. Também esperam casar-se e ter uma família.

Vemos que a figura retratada revela uma preocupação consciente delas, que já havia aparecido nas entrevistas, em se mostrar de acordo com o que é valorizado socialmente: ser bonita, saudável, inteligente, com muitos amigos, e um dia se casar, ter filhos e ser bem sucedida na profissão.

4.2.2.2. Tipo de imagem do corpo

A representação do corpo é bastante variada. Uma parte delas (30%) desenha um corpo de menina, desenho que não difere dos de meninas com menor idade. Oito delas (40%) já utilizam nos desenhos alguns elementos que fazem com que se identifique a pessoa retratada com uma adolescente; o corpo ainda não tem formas definidas, mas o tipo de vestimenta e acessórios como brincos, bolsas, anéis é típico de jovens. Outras seis (30%) já representam a figura de uma mulher, com seios, cintura, quadris, o corpo já formado. Parecem representar os vários estágios da aquisição de um esquema corporal adulto. Alguns desenhos revelam o desejo de atrair

sexualmente de uma maneira mais clara, com a presença de decotes e umbigos de fora.

É interessante observar que os desenhos onde aparece maior definição das características sexuais femininas são todos de tamanho médio ou grande, ao contrário dos desenhos onde a figura retratada é mais infantil, em geral pequenos. Podemos levantar a hipótese de que os primeiros são reveladores de maior contato com as mudanças sexuais, causadores de uma alteração na relação com o mundo, promovendo maior expansão dos afetos e impulsos, e os segundos são reveladores de maior inibição da sexualidade.

4.2.2.3. Postura

Todos os desenhos se apresentam na postura ereta, a maior parte sem ação ou movimento (85%). A figura está toda de frente com os pés de perfil (90%).

São todos simétricos, sem ênfase na linha mediana (90%), sem transparências (100%).

Esses dados, habitualmente esperados, revelam que a estrutura básica da personalidade dos sujeitos parece preservada.

4.2.2.4. Sombreamentos, correções e borraduras

A maior parte das meninas (80%) usou a borracha com frequência para fazer correções nas figuras. As correções aconteceram em todas as partes do corpo, resultando em muitos traços apagados. Quatro desenhos de figura feminina (20%) tiveram linhas reforçadas nos seios. Três (15%) apresentaram algum sombreamento.

Todos esses são indicadores de conflito para Van Kolck (1984). As correções e retoques estão ligados à insatisfação e à insegurança, às vezes

à agressividade. As borraduras, resultantes das correções, à insegurança e desejo de perfeccionismo. Os reforços das linhas são sinais de ansiedade, possivelmente aqui ligados à emergência das características sexuais, já que apareceram no desenho dos seios. Os sombreamentos também são sinais de ansiedade

4.2.2.5. Ordem das figuras

A maioria desenhou o próprio sexo em primeiro lugar (85%), o que seria esperado para Van Kolck (1984), indicando identificação com as características do próprio sexo.

A figura feminina, em 50% dos casos, é maior ou mais elaborada que a masculina. A figura masculina é mais elaborada em 25% dos desenhos, e não há diferenças nos outros 25%. A figura mais elaborada é aquela à qual se atribui maior importância. Na amostra vemos que há um predomínio da valorização do próprio sexo e/ou da figura materna.

4.2.3. Aspectos do conteúdo

O conteúdo dos desenhos variou bastante, não tendo um padrão.

Podemos destacar que as figuras femininas tem cabelo comprido (60%) ou médio, até os ombros (30%). Não há um padrão no tipo de cabelo: alguns são penteados, outros desordenados, alguns abundantes, outros escassos. Os cabelos estão ligados, para Van Kolck, à vitalidade sexual, e as diferenças encontradas talvez reflitam os diferentes estágios em que elas se encontram frente a essa questão

Os desenhos tem, em geral, simetria nas partes mas chama a atenção um número considerável de braços curtos (35%) e a presença de desenhos com mão para trás do corpo (25% dos desenhos apresenta pelo menos uma das mãos nessa posição), além de um desenho com a mão no

bolso e outro onde não couberam os braços. Todos esses são elementos que indicam dificuldades no contato social. As mãos para trás indicariam a fuga desse contato, ou, quando é apenas uma mão, o conflito entre proximidade e distanciamento, expressão ou controle dos impulsos hostis. Indicam também sentimentos de culpa em função de atividades masturbatórias.

Chama a atenção, também, a presença de cinco desenhos (25%) onde os pés não aparecem, seja porque estão encobertos pela roupa seja porque o desenho não coube inteiro no papel. Além destes, outros três desenhos tem os pés com linhas reforçadas e outro tem a linha tênue das pernas. Todos esses traços podem ser indicativos de dificuldades no equilíbrio e fragilidade egóica, já que os pés são a base de sustentação do corpo, podendo também estar relacionados com a dificuldade de apreensão do esquema corporal ou com a angústia de castração.

Muitos desenhos também possuem traços que podem ser interpretados como indicativos de dificuldades no controle dos impulsos: pernas grudadas no corpo (20%), presença de cintos ou cintura fina (10%), braços colados no corpo (10%), roupa cobrindo todo o corpo até o pé (10%), gargantilha no pescoço (10%), desenho só da cabeça. Totalizam 11 desenhos (55%) onde, de alguma maneira, aparece a dificuldade em lidar com os impulsos.

Formas de expressar o desejo de atrair sexualmente aparecem nos desenhos de figuras com umbigo de fora (10%), roupas de noite (10%), tatuagem (5%), e brincos grandes (5%).

A ansiedade em relação à emergência das transformações corporais, por outro lado, pode ser observada, além dos apagamentos e correções dos desenhos, na presença de quatro desenhos com a linha do seio reforçada e um com sombreamento em todo o corpo.

4.2.4. Síntese dos desenhos

Podemos observar que, de uma maneira geral, o grupo mostrou uma postura mais tranqüila nas entrevistas do que na execução dos desenhos, onde apresentou-se mais crítico e insatisfeito com seu desempenho. Isso pode estar revelando tanto uma dificuldade na organização de sua imagem corporal num momento onde ela sofre transformações, causadoras de ansiedade e angústia, quanto uma exigência maior em relação à sua habilidade artística.

A dificuldade de situar-se nesse momento da vida também está presente nos desenhos no predomínio da localização no lado esquerdo da folha. Há muitos questionamentos sobre o lado esquerdo da folha estar ligado a um predomínio do passado e uma atitude regressiva e passiva diante da vida, mas, de qualquer maneira, essa interpretação combina com a "nostalgia" que grande parte diz sentir da infância, ao medo das responsabilidades, e da visão desse momento como de "espera", nem criança nem adolescente.

Por outro lado, a maioria, ao descrever a figura retratada, se projeta no futuro, identificando-se com uma figura feminina mais velha e idealizada. Vemos então que há uma certa contradição ou distancia entre o dito e o vivido, entre uma percepção de si mais idealizada, e, portanto mais tranqüila e madura, e uma percepção mais realista, permeada de angústias e insatisfações. Nesse momento mostram maior apreensão daquilo que é esperado socialmente e desejam corresponder a esses padrões. Nesse sentido, a figura retratada já tem um corpo definido e é bonita e saudável, além de ter boas relações sociais, o que é valorizado socialmente. Enquanto a figura retratada possui todas essas qualidades, os desenhos são descritos também como feios, desarmoniosos, mostrando uma auto-imagem com características mais negativas. Revelam também dificuldades no contato

social, como conflitos entre aproximação e distanciamento dos outros e expressão ou controle dos impulsos sexuais e agressivos.

Muitos desenhos revelam o desejo de usar o corpo como objeto de sedução, mas também apontam para a ansiedade em relação às transformações corporais.

Essas dificuldades e ambivalências refletem-se num equilíbrio egóico que nesse momento parece um tanto precário, sendo necessário um "esforço" para se manter em pé e conter todas essas contradições.

Essas contradições e os diferentes estágios de desenvolvimento e de integração da sexualidade que parecem estar presentes nas meninas de 12 anos aparecem também nos diferentes tipos de representação corporal, que vão de uma menina a uma mulher adulta.

Nesse sentido, podemos dividir os desenhos em dois grandes grupos com algumas características semelhantes.

Um grupo (nove meninas) têm desenhos predominantemente pequenos (seis) ou médios (três) que apresentam figuras humanas mais infantis, sem características sexuais femininas mais definidas. Relacionando esses desenhos com as entrevistas correspondentes observamos que, nesse grupo, grande parte (sete) se descreve ou se mostra mais tímida ou inibida no contato, com maiores dificuldades na comunicação. Os desenhos desse grupo revelam maior inibição da sexualidade e da introjeção das mudanças corporais.

Outro grupo é composto por 11 desenhos de tamanho médio (cinco) ou grande (seis), sendo que a maior parte deles (nove) já apresenta características sexuais femininas mais definidas: presença ou insinuação de seios, quadris ou cintura, além de maior preocupação ou riqueza no vestuário. Esses desenhos pertencem, em sua maioria (nove), às garotas que são mais expansivas e com mais facilidade de comunicação. Parece que este grupo está, nesse momento, mais em contato com sua sexualidade emergente e expressando mais seus impulsos, às vezes sem muita modulação (caso dos desenhos grandes). Confirma essa hipótese o fato

deste grupo ter mais pessoas que já tiveram alguma experiência amorosa que no outro (seis neste grupo e apenas uma no outro).

Ao compararmos os desenhos do grupo como um todo com os das pesquisas citadas neste trabalho, vemos que os desenhos tem algumas características semelhantes e outras diferentes, embora a interpretação geral dos resultados seja bastante aproximada.

Em relação à pesquisa de Schildkrout, Shenker e Sonnenblick (1972) vemos que elas tem em comum o fato da figura do próprio sexo ser desenhada em primeiro lugar. Uma parte pequena, no entanto (15%) desenhou o sexo masculino primeiro e nenhuma uma figura sexual ambígua, não sendo possível dizer que é um número considerável e que possa se aplicar a hipótese, como eles afirmam, de que sejam indicativos de uma fase de bissexualidade nas mulheres. Diferentemente da pesquisa citada, os desenhos da nossa amostra também não apresentam ênfase na linha mediana e presença de muitos botões ou fivelas nos cintos, indicativos de dependência paterna, ou uso de roupas com xadrezes, listras e pontos, além de outros desenhos cobrindo parte do corpo, que seriam indicativos de esforços para controlar os impulsos. Provavelmente, essas diferenças mostram as variações no vestuário decorrentes de padrões culturais e sociais diversos. No entanto, a dependência paterna pode ser observada na localização predominante à esquerda da nossa amostra, reveladora de aspectos mais regressivos, e os esforços para controlar os impulsos aparecem nas linhas reforçadas e nas mãos para trás, o que denota a existência desses elementos também na nossa amostra.

Em relação à pesquisa de Van Kolck (1963), os resultados são semelhantes na localização (do centro para a esquerda e para o alto, denotando predomínio do passado e, ao mesmo tempo, energia e objetivos elevados), na valorização do próprio sexo, desenhado em primeiro lugar e com alguma frequência maior que a figura masculina, (reveladores de forte identificação com a figura materna), e em alguns aspectos do conteúdo, como atenção e elaboração da roupa, denotando narcisismo. O

sombreamento não é muito comum nos desenhos deste grupo, mas as borraduras decorrentes dos freqüentes apagamentos revelam a ansiedade e angústia ligadas ao corpo. Os desenhos não são, no entanto, predominantemente pequenos, com na amostra de Van Kolck, revelando que só uma parte do grupo apresenta sentimentos mais intensos de inferioridade.

Concluindo, vemos que a interpretação geral dos desenhos da amostra de Van Kolck é bastante semelhante à nossa amostra, indicativas segundo ela, da problemática adolescente feminina: a presença de sentimentos de inadequação, a insegurança, a dificuldade de contato, a acentuação do narcisismo, os conflitos entre expressão e controle dos impulsos, e a presença de mecanismos defensivos como regressão e fuga para a fantasia, além da identificação com a figura materna.

No entanto, este grupo não é predominantemente inibido, com sentimentos de inferioridade e rejeição, como o de Van Kolck (1963), talvez por ser diferenciado social e culturalmente, o que pode ser revelador de uma maior confiança interna na possibilidade de enfrentar as dificuldades desse momento.

4.3. Rorschach

Conforme nossa proposta de trabalho, classificamos as respostas dos protocolos de acordo com o Sistema Compreensivo de Exner (1999), após o quê analisamos os resultados obtidos em cada grupo de variáveis selecionadas.

Sendo esta uma pesquisa exploratória e devido ao número de protocolos ser relativamente reduzido, não foi feita uma análise estatística dos resultados. O que buscou-se foi verificar em que medida o grupo aproximava-se ou não do que seria esperado nos itens propostos e fazer uma análise mais qualitativa das respostas, verificando que hipóteses poderiam ser levantadas a partir daí.

Como já citado, trabalhou-se com o referencial do estudo de Nascimento (2002), por se tratar da única pesquisa até o momento com dados brasileiros utilizando o Sistema Compreensivo de Exner, apesar de se basear em sujeitos adultos. Em todas as tabelas de nosso estudo, os resultados obtidos são, portanto, comparados com os de Nascimento.

Decidiu-se, no entanto, centrar-se a análise dos resultados nos valores médios obtidos por Nascimento, entre mediana (valor central de uma série) e moda (valor mais frequente), porque os desvios padrões de sua pesquisa são muito abrangentes, tornando difícil a comparação dos resultados, e também porque a maioria das variáveis escolhidas para análise é não paramétrica ou se distribuí numa faixa estreita de valores, tornando significativo qualquer desvio.

Os resultados obtidos por Nascimento (2002) são muito parecidos com os das tabelas organizadas por Erdberg e Shaffer (1999) de uma amostra francesa de sujeitos de 12 anos e de uma amostra de adolescentes italianos, o que dá mais respaldo para se trabalhar com esses dados. Sempre que as duas últimas amostras diferirem da de Nascimento, no entanto, seus resultados serão citados.

As pesquisas de Exner (1999) com a população americana apresentam estatísticas bastante diferentes das citadas em alguns índices utilizados, e estes resultados serão apontados, embora não tenham servido de parâmetro para a análise dos resultados.

Seguindo o modelo já esboçado, os resultados foram divididos em três blocos de interpretação: a auto-percepção, as identificações e os recursos internos disponíveis, que são expostos a seguir.

4.3.1. Variáveis relativas à auto -percepção

A auto-percepção, como já foi definida, seria o conjunto de conceitos e atitudes que o indivíduo constrói sobre si mesmo e o valor que atribui a este (Exner e Sendín,1998).

Se o indivíduo percebe-se de modo favorável, mantendo uma auto-estima adequada e uma auto-imagem positiva, terá um melhor ajustamento psicológico e maior sensação de bem estar e prazer. Ao ser capaz de observar-se de modo mais profundo, ele também aumenta sua autoconsciência e isso contribui para que tenha uma noção de estabilidade da sua personalidade. A auto-estima adequada tem a ver com uma aceitação realista de suas próprias capacidades, respeito por si mesmo e equilíbrio entre as próprias necessidades e a dos outros (Weiner, 2000).

Exner (1990) propõe algumas variáveis que estariam mais ligadas a informações sobre a auto-percepção, que organizou em um bloco: o índice de egocentrismo ($3r + 2/R$), as respostas de reflexo ($Fr+rF$), de Sombreado-Vista ($FV + VF+V$), de Forma - dimensão (FD), e as respostas mórbidas (MOR). Analisando as variáveis desse agrupamento obtém-se muitos elementos para se entender a auto-imagem e a auto-estima da pessoa que está sendo analisada. Os resultados dessas variáveis encontram-se na Tabela 1.

Exner também destaca a importância da análise da relação entre as respostas H e as (H), (Hd), e Hd, para fornecer informações sobre a auto-imagem. Esses dados encontram-se na Tabela 2, porque também fornecem informações sobre as identificações dos sujeitos.

Weiner (2000) diferencia auto-imagem e auto-estima. Auto-imagem seria o conjunto de características positivas e negativas que o sujeito atribui a si mesmo e a auto-estima seria o valor geral que ele atribui a esse conjunto; seria o apreço, respeito e confiança que sente por si mesmo.

Enquanto o índice de egocentrismo e as respostas de reflexo avaliam mais a auto-estima, as variáveis Sombreado-Vista (V) e respostas mórbidas (MOR) trazem aspectos importantes sobre a auto-imagem do sujeito.

Tabela 1 Variáveis relativas à auto -percepção - Distribuição dos resultados

3r + (2)/R	Nº de sujeitos	%
Abaixo da média (< 0,34)	10	50
Média (entre 0,34 e 0,50)	5	25
Acima da média (>que 0,50)	5	25
Fr + rF	Nº de sujeitos	%
Média (zero e um)	19	95
Acima da média	1	5
MOR	Nº de sujeitos	%
Média (zero e um)	8	40
Mais que um	7	35
Mais que dois	5	25
Total acima da média	12	60
An + XY	Nº de sujeitos	%
Média (zero e um)	19	95
Acima da média	1	5
FD	Nº de sujeitos	%
Abaixo da média (zero)	5	25
Média (um)	9	45
Acima da média	6	30
FV, VF e V	Nº de sujeitos	%
Média (zero e um)	17	85
Acima da média (mais que um)	3	15

4.3.1.1. Índice de Egocentrismo

O índice de egocentrismo $(3r+(2)/R)$ é uma medida da atenção que o sujeito dirige a si mesmo e aos outros, e, em muitos casos, também oferece dados sobre sua auto estima. É formado por dois tipos de resposta que oferecem matizes diferentes em relação à auto -percepção: os pares (2) e os reflexos (Fr + rF), tendo estes últimos um peso muito maior no índice.

Ainda que ambas se refiram ao auto-conceito, os pares representam uma forma de auto-centramento mais elaborada e diferenciada, enquanto as respostas de reflexo revelam uma forma de auto-pecepção mais primitiva, imatura e narcisista (Exner e Sendín,1998).

Na tabela de Nascimento (2002), a média esperada para esse índice é 0,35 sendo a mediana igual a 0,34 e a moda igual a 0,50. Dentro desse parâmetro (entre 0,34 e 0,50) estão cinco sujeitos, estando outros cinco acima dele (25%) e dez abaixo (50%).

Weiner (2000) salienta um dado importante para a análise desses resultados, que é o fato desse índice apresentar variações conforme a idade do sujeito, sendo maior na infância, já que a criança é mais egocêntrica, e decrescendo conforme se atinge a idade adulta. A média, nas pesquisas de Exner relativas à idade de 12 anos (1994), é bem maior que a de Nascimento, situando-se por volta de 0,50.

No entanto, ao analisarmos as amostras francesas e italianas de adolescentes (Erdberg & Shaffer, 1999), as médias são ainda mais baixas que as obtidas por Nascimento (0,32 na amostra francesa e 0,27 na italiana)

Esses resultados muito diferentes tornam difícil uma análise mais confiável desse índice.

Vemos que, na nossa amostra, metade dos protocolos se afasta da média para baixo em relação à pesquisa de Nascimento, quando o esperado, segundo Weiner, é que estivessem um pouco acima. Observamos também que o número de respostas pares desses protocolos, com uma

exceção, está abaixo da média esperada em sua pesquisa, em torno de cinco pares.

Esses dados nos levam a concluir que uma parte do grupo (por volta de 50%) tem uma auto-estima adequada, mas outra metade parece ter mais dificuldades em confiar nos próprios recursos. Esse índice, no entanto, precisa ser mais pesquisado.

4.3.1.2. Fr + rF

As outras variáveis que compõe o agrupamento da auto-percepção (Fr+rF, MOR, An+Xy, FD e Sombreado-Vista) são variáveis não paramétricas, sendo esperado no máximo uma resposta para cada índice, sua presença já sendo indicativa de traços importantes de personalidade.

As respostas de reflexo estão associadas a tendências a se preocupar demasiado consigo em detrimento dos demais e a superestimar o próprio valor.

A maioria dos sujeitos (70%) não apresenta respostas de reflexo, estando dentro do esperado.

O protocolo de seis dos sujeitos (30%) contém pelo menos uma resposta de reflexo, indicando traços narcisistas de personalidade, o que ainda é esperado nessa faixa etária. Esses traços tendem a desaparecer na adolescência, com a capacidade do pensamento formal e o desenvolvimento das relações sociais.

4.3.1.3. MOR

Quando o sujeito dá respostas MOR, que são as respostas em que um objeto é visto como danificado ou com características disfóricas, está projetando elementos pessoais no campo estimular que supõe uma auto-imagem com traços mais negativos e danificados que o habitual (Exner e Sendín, 1998).

A presença de uma resposta MOR já é indicativa da presença de traços negativos na auto-imagem e, conforme esse número aumenta, eleva-se igualmente a importância dessas características para o sujeito.

Temos 17 protocolos (85%) com respostas MOR, sendo que 12 (60%) apresentam mais de uma resposta desse tipo, e cinco (25%) mais que duas respostas MOR no protocolo. A presença de mais que duas dessas respostas aponta para uma auto-imagem bastante desvalorizada e geradora de uma visão negativa e pessimista do meio.

Vemos, portanto, que a maior parte do grupo têm atitudes negativas ou desfavoráveis principalmente dirigidas para o corpo e as funções corporais, atitudes que podem afetar a construção de uma auto-imagem e auto-estima mais positiva.

Algumas respostas que foram classificadas como MOR parecem remeter mais claramente a danos causados na auto-imagem, na medida em que sugerem que os sujeitos se identificam com os objetos vistos e se vêem sob uma perspectiva igualmente negativa. São respostas cujo conteúdo é "meio deformado" (coelho, corpo, morcego, tapete), dadas por quatro sujeitos (20%), "morcego com cicatriz nas costas", "monstro com braços meio destrambelhados", "formiga meio quebrada", "passarinho que cortaram o pé", "siri sem um olho, coitado!", "lobo magrelo". Todas essas respostas, dadas por diferentes meninas, parecem sugerir que elas vêem seus corpos como tendo essas características indesejáveis ou estando vulneráveis a elas.

4.3.1.4. Respostas de Sombreado-Vista

As respostas de Sombreado-Vista se relacionam com o processo de observação de si mesmo mas com uma ênfase nos aspectos negativos, por isso são sinais de baixa auto-estima (Exner e Sendin, 1998).

É uma variável bem pouco freqüente, sendo sua presença, mesmo que em uma única resposta, um dado significativo. É muito estável, de modo que quando aparece está ligada a sentimentos cronificados de autocrítica e baixa auto-estima (Weiner, 2000).

O grupo, em sua maioria, não apresentou respostas de Vista (70%), mas ainda é significativo o número das que apresentaram pelo menos uma dessas respostas (30%), sendo que parte desse grupo (15%) apresentou mais de uma resposta de Sombreado-Vista. É um índice importante, uma vez que estamos falando de sentimentos de auto-desvalorização que tendem a se cronificar.

4.3.1.5. Respostas FD

As respostas FD significam a possibilidade de se distanciar do outro e olhar para si mesmo sem esse tom de autocrítica negativa representado pelas respostas de Sombreado-Vista, portanto tem um significado positivo, desde que seu número não seja excessivo (Exner e Sendin, 1998). Pessoas que apresentam esse tipo de resposta são sensíveis ao modo como seu comportamento afeta as outras pessoas e tendem a reconsiderar a imagem e impressões que fazem a seu próprio respeito.

Para Weiner (2000), 75% dos sujeitos com idade entre 11 e 16 anos dão respostas FD, sendo que a freqüência média nos grupos de adolescentes varia de uma a duas respostas. Nas pesquisas de Nascimento (2002) e nas amostras organizadas por Erdberg e Shaffer (1999) é esperada uma resposta desse tipo.

Na nossa amostra, a maior parte mostrou realizar essa auto-observação (75%), no entanto parte dele (20%) apresentou FD maior que dois, o que já indicaria um excesso de esforço na introspecção, uma preocupação excessiva com o modo como se é percebido, o que pode conduzir a um afastamento do outro, já que o indivíduo não consegue simplesmente relaxar e agir de um modo natural. Nesse sentido, esse excesso de introspecção já tem características mais negativas, talvez ligadas a uma auto-imagem mais negativa.

De qualquer maneira, vemos que este grupo tem uma atividade de introspecção, de auto-exame, o que é um dado positivo, já que pode conduzir a uma reavaliação das atitudes frente a si mesmo e a construção de uma auto imagem mais positiva.

4.3.1.6. An + Xy

Os conteúdos de anatomia e radiografia se relacionam com um aumento da preocupação com o próprio corpo, o que pode trazer informações sobre alterações da auto-imagem e das atitudes frente a si mesmo.

Suas freqüências tendem a ser muito baixas, a não ser em determinados momentos vitais, como a puberdade, onde as alterações corporais adquirem maior relevância.

Na nossa amostra não apareceu nenhuma resposta de radiografia (Xy), mas uma parte do grupo (40%) apresentou pelo menos uma resposta de anatomia, o que ainda é considerado dentro da média, apenas um sujeito apresentando mais de uma resposta anatômica. Os conteúdos das respostas anatômicas foram: ossos (25%), parte interna do corpo (10%), e pulmões, cérebro, coração e útero (uma resposta cada). O baixo número dessas respostas, menor até do que o esperado, não permite maior interpretação desses resultados.

4.3.1.7. Proporção H : Hd + (H) + (Hd)

A proporção H: Hd + (H) + (Hd) fornece dados tanto sobre a auto-imagem do sujeito como sobre sua identificação com os demais.

Em relação à auto-imagem espera-se, segundo Weiner (2000) que a partir dos 10 anos, H seja maior que (H) + Hd + (Hd) assinalando que a auto-imagem está sendo construída com base em dados reais principalmente, fruto da experiência, e não sobre fantasias. A pesquisa de Nascimento (2002) não apresenta essa proporção, trazendo apenas as médias esperadas para H (uma a duas), e (H), Hd e (Hd) (por volta de uma resposta, ver Tabela 2).

A análise desses índices será feita posteriormente, nos detendo aqui na análise da proporção H:(H)+Hd+(Hd). Verificamos que 14 (70%) dos sujeitos apresentam a proporção de partes humanas e conteúdos para-humanos maior que H. Apesar de não termos dados comparativos brasileiros, esses resultados indicam que o grupo usa principalmente a fantasia ao elaborar conceitos sobre si mesmo, e não sua experiência no contato com o mundo externo. Isso pode, até certo ponto, ser esperado na adolescência, mas pode conduzir a noções muito distorcidas a respeito de si mesmos. O que predomina nessas respostas é principalmente Hd (35%), que indica inibição e uma visão mais limitada de si mesmo, e as respostas (H) (25%), que apontam para uma percepção de si baseada mais em imaginação que em realidade.

4.3.1.8. Conteúdos das respostas M, FM, m, elaboradas e qualidade formal menos (-)

As respostas de qualidade formal menos (FQ -), as de movimento e as mais elaboradas muitas vezes contêm elementos projetivos e, desta forma, podem trazer dados importantes sobre a auto-imagem dos sujeitos.

Muitas respostas, embora não classificadas como MOR, trazem, por exemplo, conteúdos que indicam projeção de sensações de falta de equilíbrio e proporcionalidade do corpo. São respostas como:

"sapato grande, perna pequenininha"

"pézões, braços finos"

"dançarinos com sapato especial para não escorregar"

"uma mão maior que a outra"

"olhinhos bem pequenos, orelhas grandonas"

Além disso, aparecem muitos adjetivos ressaltando a assimetria do corpo: "gordinhos", "narigudos", "bocona", "dentes pra fora".

Parece que o olhar das garotas está atento para perceber aquilo que é desproporcional e assimétrico nas manchas, porque isto as remete à assimetria e desproporcionalidade do próprio corpo.

O tema das transformações, muitas vezes carregado de angústia, que remete às mudanças vividas na puberdade, também está presente, aparecendo diretamente em 25% dos protocolos. São respostas como: "borboleta mutante, se arrasta ao invés de voar", "camaleão", "Monstro Frankenstein", "passarinho com asas ainda não bem adaptadas", "dois alienígenas construindo uma pessoa no laboratório", "homem se transformando num rato, cheio de pelos, como em sonhos de uma noite de verão".

O tema das dimensões corporais é abordado por seis garotas (30%), três incluindo alguma resposta de "gordo ou gordinho" e três incluindo "magro ou magrelo".

A confusão de identidade aparece no número considerável de sujeitos que deram pelo menos uma resposta M com conteúdos animais e não humanos, produzindo respostas incongruentes ou fabulatórias (nove ou 45% dos sujeitos).

A confusão de identidade sexual aparece diretamente em três protocolos (15%), nas seguintes respostas:

" dois homens com a bunda empinada e salto alto; agora tô vendo que parecem mulheres de cabelo raspado".

"dois homens, não, duas mulheres, um homem e uma mulher".

"dois índios indo se beijar. Duas mulheres, na verdade".

Cinco sujeitos (20%) deram respostas de conteúdo abstrato (AB), mostrando um uso da intelectualização para neutralizar o impacto de afetos negativos, provavelmente decorrentes de baixa auto-estima.

Dez meninas deram alguma resposta de conteúdo agressivo (50%), indicando que há dificuldade de lidar com os impulsos agressivos. Em algumas respostas parece haver tanto uma identificação com o agressor como um simbolismo sexual, referente à angústia de castração. Alguns desses conteúdos são: "aranha que pegou um passarinho na teia", "sapo machucado com cara de assassino", "pessoa sendo engolida por um bicho", "dragão com fogo saindo da boca", "plantas carnívoras", "revólver", "míssil que vai destruir um galho", "touros brigando", "pessoas discutindo", "animais brigando", "dois ratos atacando um queijo".

Aparecem também conteúdos ameaçadores como gigantes e monstros em 14 dos protocolos (70%), supondo uma visão do meio externo como um tanto hostil, frente aos quais os sujeitos buscam se defender, talvez explicando em parte o número elevado de respostas com conteúdos agressivos.

Conteúdos regressivos também apareceram com relativa freqüência. Nove das meninas (45%) dão alguma resposta que enfatiza a oralidade. Conteúdos como "boca aberta ou grande" apareceram em 6 protocolos (30%), além de conteúdos como "passarinhos no ninho pedindo comida" ou "leoa com escova de dente na boca", talvez revelando que a regressão é uma defesa freqüentemente usada frente às dificuldades encontradas.

A emergência da sexualidade também apareceu diretamente em seis protocolos (30%), com respostas que incluíam "beijar, estar apaixonado, de mãos dadas". Em algumas dessas respostas a emergência da sexualidade vêm acompanhada de temor e angústia, com em "duas raposas se beijando e sangrando" ou "uma princesa ET vendo seu namorado beijar outra".

4.3.1.8. Auto-percepção: Conclusão

A análise dos resultados aponta para uma auto-imagem que parece abalada neste grupo, fruto de atitudes negativas e desfavoráveis principalmente frente ao próprio corpo. A crítica é voltada para um corpo que é percebido muitas vezes como desproporcional e assimétrico, desarmonioso e sem equilíbrio. Essa visão de si mesmas é carregada de fantasias, se distanciando da realidade.

O tema das transformações da puberdade e a emergência dos impulsos sexuais e agressivos está presente nos protocolos, parecendo gerar angústia e confusão. Estas aparecem nas associações prazer-dor ("raposas se beijando e sangrando"), na dificuldade de definição sexual de algumas respostas ou na dificuldade de lidar com a agressividade, que é muitas vezes projetada no mundo externo, provocando um afastamento do contato com as pessoas, o que dificulta a utilização do contato com o outro para a elaboração de conceitos mais realistas sobre si mesmo.

É um grupo que olha para si mesmo, se observa, mas essa observação ainda é muito parcial, carregada dessas fantasias negativas construídas sobre si mesmo, mostrando muitas vezes uma preocupação

excessiva com o modo como se é visto, o que pode impedir a espontaneidade.

Parecem ser defesas freqüentes o recurso à intelectualização, que pode dar uma falsa impressão de maturidade quando na verdade mostra a dificuldade de lidar com os impulsos, e o recurso à regressão, com a acentuação de tendências orais, talvez devido a um sentimento de perda e privação decorrentes desse afastamento do outro.

Em parte do grupo essas atitudes negativas frente a si mesmo afetam inclusive a auto-estima, gerando sentimentos de desvalorização pessoal. Esse é um aspecto preocupante pois esses sentimentos podem se cronificar e perdurar para além da adolescência.

A capacidade de introspecção, no entanto, pode fazer com que, com o tempo, o grupo reavalie suas atitudes negativas frente a si mesmo e construa uma auto-imagem mais positiva, geradora de uma auto-estima mais adequada.

4.3.2. Variáveis relativas às identificações

Segundo Weiner (2000), o processo de formação de identidade é facilitado quando o indivíduo tem oportunidade e capacidade de formar identificações com pessoas reais de sua vida que possam ser usadas como modelo. Essa capacidade é indicada pela presença de respostas H e pela proporção entre o número de respostas H (figuras humanas inteiras e reais) e o número de respostas de figuras humanas parciais e imaginárias ($H_d + (H_d) + (H)$).

O estudo detalhado dos conteúdos humanos traz, portanto, informações importantes sobre como o sujeito percebe os outros.

Nas tabelas de Exner (1994) encontramos uma média de três respostas H, e nas de Nascimento (2002) duas, ainda que seja freqüente

uma única resposta H, mesmos valores encontrados nas tabelas de adolescentes franceses e italianos (Erdberg & Shaffer, 1999).

As identificações adaptativas estão indicadas, segundo Weiner, pela presença de pelo menos duas respostas H, e um número total de respostas H igual ou maior que a soma de (H), Hd e (Hd).

Os valores encontrados na nossa amostra encontram-se na Tabela 2

Tabela 2 - Variáveis relativas às identificações - distribuição dos resultados

H	Nº de sujeitos	%
Abaixo da média (0 ou 1)	9	45%
Média (2 a 3)	4	20%
Acima da média	7	35%
Hd	Nº de sujeitos	%
Média (até 1)	8	40%
Acima da média	12	60%
(H)	Nº de sujeitos	%
Média (até 1)	13	65%
Acima da média	7	35%
(Hd)	Nº de sujeitos	%
Média (até 1)	16	80
Acima da média	4	20
Todos conteúdos H	Nº de sujeitos	%
Abaixo da média	3	15
Média (3 a 5)	6	30
Acima da média	11	55
H : Hd + (H) + (Hd)	Nº de sujeitos	%
H < Hd + (H) + (Hd)	14	70
H = (H) + Hd + (Hd)	2	10
H > Hd + (H) + (Hd) (esperado)	2	20

4.3.2.1. H%

Exner e Sendín (1998) afirmam que o número de conteúdos humanos aumenta cada ano até os onze anos, quando se estabiliza e se mantém até a vida adulta.

As melhores respostas desse tipo são as de humanos inteiros e reais, indicando interesse e percepção do outro baseada principalmente em experiências reais.

Na nossa amostra chama a atenção o número elevado de respostas H=0 (sete ou 35%), o que, somados com os protocolos que contém respostas H=1 totalizam nove sujeitos (45%) com H abaixo da média, o que indica que quase metade do grupo tem dificuldade na identificação com o outro ou traços de isolamento.

É preciso também analisar a qualidade das respostas H. Podem ser consideradas boas respostas H aquelas cuja qualidade formal seja classificada como +, o ou u e que não sejam acompanhadas de escores especiais ou dos índices MOR ou AG. Em metade dos protocolos predominam respostas H de boa qualidade. Nos outros, ou não há respostas H ou elas são predominantemente de má qualidade. Mesmo nos que predominam respostas H de boa qualidade estão presentes respostas H de má qualidade e respostas (H), (Hd) e Hd, sendo que em seis deles (60%) há mais respostas (H), (Hd) e Hd do que H.

Podemos deduzir, a partir desses dados, que a maior parte do grupo encontra dificuldades em manter uma identificação predominantemente positiva com os outros, apresentando traços de isolamento.

4.3.2.2. Tipos de H

Quando reunimos todas as respostas H, a média esperada é de três a cinco conteúdos H na tabela de Nascimento. Apenas três sujeitos encontram-se abaixo desse patamar (15%), observando-se então que há um aumento de respostas (H), Hd e (Hd) em detrimento de respostas H.

O que parece aumentado é o número de respostas Hd, que indicam a presença de constrição e dificuldades nos relacionamentos (Nascimento, 1993). Em 12 protocolos (60%) encontramos mais que uma resposta Hd, sugerindo que parte do grupo apresenta uma visão mais parcial e cautelosa da relação com o outro, e possivelmente tendências a se identificar apenas com alguns aspectos das pessoas que o cercam. Vemos nas tabelas francesa e italiana (Erdberg & Shaffer, 1999), no entanto, que a média esperada para Hd é um pouco maior que a brasileira, por volta de duas, revelando que talvez sejam mais freqüentes na adolescência essas características. De qualquer maneira, ainda sete sujeitos apresentaram Hd maior que 2, o que pode-se considerar um valor alto. O conteúdo Hd mais freqüente é "cara". Treze dos sujeitos (65%) deram pelo menos uma resposta de cabeça, enfatizando a busca de um controle intelectual para conter as emoções. Também indica, possivelmente, a dificuldade de lidar com as transformações corporais.

O grupo encontra-se dentro da média esperada para a freqüência de (H), mas é interessante observar que a maior parte dele (15 ou 75%) apresenta pelo menos uma (H), e sete (35%) mais de um, mostrando que a fantasia é parte importante do modo de perceber o outro. O conteúdo (H) mais freqüente é "gigante" ou "monstro", que apareceu em 50% dos protocolos e "ET" (em 15%), talvez enfatizando a percepção do outro como muito ameaçador, ou salientando as dificuldades de identificação com este.

O grupo encontra-se também dentro da média para a freqüência de (Hd), embora observamos que este tipo de conteúdo, que é considerado raro na população de não pacientes, está presente em metade dos protocolos, sugerindo novamente forte presença da fantasia no contato com o outro. Os

conteúdos mais freqüentes de (Hd) foram as máscaras, presentes em 20% dos protocolos.

Ao analisar a proporção H: (H) + (Hd) + Hd vemos que 14 ou 70% do grupo apresenta a proporção de conteúdos humanos parciais e para humanos maior que H, levando-nos à conclusão que, assim como a própria imagem, a percepção do outro é parcial e pouco abrangente, possivelmente enfatizando mais aspectos negativos que positivos, e se baseia mais em fantasia que em realidade.

4.3.2.3. Identificações: conclusão

O grupo apresenta dificuldades no processo de identificação com as pessoas com as quais mantém contato. Os outros são percebidos de uma maneira muito parcial e carregada de fantasias, principalmente negativas.

Talvez o outro, nesse momento, devido a uma fragilidade na auto-imagem, seja visto principalmente como hostil e ameaçador, promovendo desconforto e afastamento do contato. No plano da fantasia, o grupo pode estar se afastando ou minimizando as características que percebe no outro como forma de lidar com os sentimentos de ameaça e inadequação.

Indo de encontro a esses dados, chama a atenção um número alto de protocolos com COP (respostas de ação cooperativa) = 0 (40%) e um baixo número com a presença das populares na prancha III (45%), também indicativos de dificuldades no contato com as pessoas.

Concluindo, percebemos que 55% dos sujeitos apresenta ao menos uma resposta H de boa qualidade, o que é um sinal positivo em termos da possibilidade de desenvolver relações satisfatórias, mas o grupo como um todo encontra-se num momento onde predomina a dificuldade de identificação positiva com as pessoas com as quais convive.

Além da dificuldade no processo de identificação, esses resultados indicam que há um desconforto no grupo ao lidar com pessoas reais.

4.3.3. Recursos

4.3.3.1. EA

EA (experiência atual), é um índice que reflete os recursos disponíveis do indivíduo para agir deliberadamente frente às demandas do meio. São os recursos que ele pode utilizar na hora de tomar decisões e pô-las em prática (Exner e Sendin, 1998)

É formado pela soma das respostas de movimento e da soma ponderada das respostas de cor, constituindo um índice útil relativo ao volume de recursos de que o indivíduo dispõe. De um modo geral, quanto maior for o EA presente no protocolo, maior a capacidade adaptativa do sujeito.

As respostas que levam o código M estão relacionadas a uma série de atividades psicológicas complexas e importantes. Ao gerar uma resposta M, o sujeito cria mentalmente uma série de características que atribui ao estímulo, relacionadas com a capacidade de raciocínio, de pensamento deliberado, de imaginação e controle dos impulsos. Para ter essas características positivas, no entanto, o M deve vir acompanhado de respostas de boa qualidade formal (o ou u), dadas com conteúdos H (humanos inteiros e reais), sem o quê ele se afasta do convencional e pode indicar sérios desajustes.

As respostas de cor (FC + CF + C) indicam a expressão do afeto, que pode ser controlada ou não, dependendo do nível formal. As FC indicam uma experiência afetiva controlada e dirigida por elementos cognitivos. Já as CF indicam o predomínio dos aspectos afetivos sobre os de controle, indicando que o indivíduo "se deixa levar pela emoção". Por fim, as respostas C indicam apenas que a descarga afetiva acontece sem controle racional. Cada tipo de resposta de cor tem um valor diferente, sendo FC=0,5, CF=1,0 e C=1,5.

Ao analisar o EA, é preciso estar atento não só para se os resultados encontram-se na média mas também se há respostas tanto de movimento como de cor na quantidade mínima esperada e se elas são de boa qualidade (no caso das de cor, com um bom nível formal).

O número dos componentes do EA deve encontrar-se pelo menos, no intervalo mínimo esperado para a idade do sujeito, sem o quê podemos falar numa limitação quantitativa dos recursos disponíveis.

Weiner (2000) afirma que é esperado no mínimo duas respostas M e a somatória das respostas de cor de pelo menos 2,5 para indicar uma capacidade mínima para refletir sobre as próprias experiências e para expressar os afetos.

Tabela 3 - Variáveis relativas aos recursos disponíveis- distribuição dos resultados

EA	Nº de sujeitos	%
Abaixo da média	6	30
Média (4,5 a 5)	3	15
Acima da média	11	55
M	Nº de sujeitos	%
Abaixo da média	6	30
Média (2 a 3)	3	15
Acima da média	11	55
WsumC (somatória das respostas de cor)	Nº de sujeitos	%
Abaixo da média	6	30
Média (2 a 3)	5	25
Acima da média	9	45
XA	Nº de sujeitos	%
Abaixo da média	11	55
Média (.74 ou mais)	9	45

Nas tabelas de Nascimento (2002), esse é o valor médio esperado para as respostas de movimento e cor, totalizando um valor médio para EA de 4,96. Esse é o valor médio esperado também na pesquisa com adolescentes italianos, mas na pesquisa de adolescentes franceses de 12 anos a média é maior, por volta de 6,25 (tabelas organizadas por Erdberg & Shaffer, 1999). Nas pesquisas de Exner (1994) o valor médio de EA é ainda maior, por volta de 8,26, distribuídos entre respostas de movimento e cor. Essas diferenças são difíceis de ser compreendidas, mesmo levando-se em conta as variações culturais e sociais.

Nosso grupo tem um índice de EA em sua maioria na média ou acima da média (70%) na comparação com a pesquisa de Nascimento, seja nas respostas de movimento seja nas de cor, o que seria indicativo da existência de recursos.

Quando analisamos a qualidade dessas respostas, no entanto, observamos que só em dez protocolos (50%) existem respostas M de boa qualidade (ligadas a humanos e de boa qualidade formal), e em apenas três (15%) elas predominam sobre as de má qualidade. Em 12 (60%) predominam respostas M de má qualidade, em 3 (15%) há o mesmo número de respostas de boa e má qualidade e dois protocolos não apresentam resposta M, indicando, nesses casos, desajustes no processo cognitivo e imaginativo.

Ao analisar as respostas de cor vemos que 16 (80%) tem respostas de boa qualidade formal, mas elas só predominam em 45% dos protocolos. Nos outros encontramos a mesma quantidade de respostas de boa e má qualidade formal (30%), o predomínio de respostas de má qualidade (15%) ou ausência de respostas de cor (10%).

Concluindo, podemos dizer que o grupo possui recursos, mas eles não estão totalmente disponíveis, pois o mundo externo é visto de uma maneira muito fantasiosa, prejudicando a eficácia na percepção da realidade e dificultando a tomada de decisões adequadas.

Associado a esse comprometimento dos recursos é importante assinalar a presença de oito protocolos com índice D menor que 0 (40%) e

seis com índice Adj D menor que 0 (30%). Essa índice, não previsto na análise mas que mostrou-se importante para ela, é obtido através de uma fórmula que analisa o equilíbrio entre os recursos do sujeito e a quantidade de estresse que precisa administrar (experiências psicológicas fora do controle consciente do indivíduo). Para se chegar a ele, é necessário calcular primeiramente a diferença entre o índice EA e o índice es (obtido pelas somas de todas as respostas FM, m, C', T, Y, e V). Esse valor bruto é então convertido em uma nota de escala. Quando o valor de D é negativo, indica que os recursos que o sujeito tem disponíveis não são suficientes para lidar com as demandas do dia a dia, e o sujeito tende a ficar ansioso e facilmente irritável, podendo apresentar condutas inapropriadas para lidar com situações do dia a dia, desorganizar-se ante situações complexas ou muito ambíguas ou agir de maneira impulsiva.

Observamos que metade do grupo apresenta um índice es elevado (maior que 8,5), indicador do grau de tensão interna e sofrimento psíquico do sujeito. No grupo, a elevação é principalmente das respostas FM e m, que indicam a presença de estímulos que atuam no interior do sujeito e que estão fora de seu controle, provocando incomodo e mal estar.

4.3.3.2. XA%

A avaliação de XA% (somatória das respostas de qualidade formal +, o ou u divididas pelo total de respostas) nos dá informações sobre a acuidade perceptiva do sujeito.

Como já vinha sendo observado na análise de outras variáveis, o grupo têm dificuldades com o teste de realidade, pois 11 sujeitos (55%) apresentaram um XA% menor que 0,74 que é a média esperada na pesquisa de Nascimento. Oito sujeitos (40%) apresentaram um XA% menor que 0,70, o que indicaria, para Exner, a presença de dificuldades perceptivas acentuadas.

Analisando as respostas de qualidade formal menos, vemos que as mais frequentes são "caras" ou "rostos" na prancha II, dada por 8 ou 40% das meninas, e novamente "caras" na prancha X, no todo ou em parte dela, dada por 9 sujeitos (45%). Essas respostas, apesar de consideradas de qualidade formal menos, são consideradas comuns na adolescência, significando possivelmente uma tentativa de controle intelectual para lidar com as transformações físicas e psicológicas, tentativa essa que nem sempre leva em conta a realidade.

Muitas dessas respostas X - são M - (respostas de qualidade formal negativa associada a movimentos), que são em parte os movimentos atribuídos a esses rostos, indicando uma dificuldade em perceber os outros adequadamente. Treze sujeitos (65%) deram ao menos uma resposta M de qualidade formal menos (M -), sendo que sete (35%) deram duas ou dessas respostas. Outro dado importante relativo às respostas de movimento é que em 11 protocolos (55%) a quantidade de movimentos passivos é maior que a de movimentos ativos mais 1, indicando que a maior parte do grupo tem uma tendência à evasão da realidade através da fantasia, que é usada como um sistema defensivo.

Há também um número considerável de protocolos com localização no espaço branco de qualidade formal menos (S -) e valor maior que 40 (30%), cujo significado é um julgamento errôneo da realidade devido a dificuldades no controle da raiva.

Também é importante assinalar o alto número de protocolos com códigos especiais críticos. Em 19 dos protocolos (95%) apareceram duas ou mais respostas desse tipo, indicadoras de lapsos, deslizes ou falhas lógicas no curso do pensamento. Em oito deles (40%), a somatória dos códigos especiais críticos é maior que oito, que é o máximo esperado para crianças dos 8 aos 12 anos (Weiner, 2000). Esse valor também é maior do que o esperado na pesquisa de Nascimento (2002).

Esses dados novamente nos colocam frente à dificuldade s que o grupo parece ter nos processos de pensamento e na distinção entre fantasia e realidade.

4.3.3.3. Recursos : Conclusão

O grupo tem recursos cognitivos e afetivos, mas eles parecem não estar disponíveis no momento na quantidade necessária para enfrentar as demandas do dia a dia.

Isso parece dever-se ao fato do grupo ter muita dificuldade em perceber a realidade, a si mesmo e ao outro adequadamente, levando-o muitas vezes a fazer julgamentos incorretos, tomar decisões ineficazes, ficar sobrecarregado e tender a fugir para a fantasia.

4.3.4. Síntese do Rorschach

A análise dos protocolos indica que o grupo tem uma percepção de si mesmo carregada de fantasias, com características mais negativas que positivas, fruto de críticas desfavoráveis voltadas principalmente para o próprio corpo. Este é percebido, muitas vezes, como desproporcional e assimétrico, desarmonioso e sem equilíbrio. É um grupo que olha para si mesmo, se observa, mas essa observação ainda é muito parcial, carregada dessas fantasias negativas construídas sobre si, mostrando muitas vezes uma preocupação excessiva com o modo como se é visto, o que pode impedir a espontaneidade.

Em parte do grupo essas atitudes negativas frente a si mesmo afetam inclusive a auto-estima, gerando sentimentos de desvalorização pessoal. Esse é um aspecto preocupante pois esses sentimentos podem se cronificar e perdurar para além da adolescência.

A capacidade de introspecção, no entanto, pode fazer com que, com o tempo, o grupo reavalie suas atitudes negativas frente a si mesmo e construa uma auto-imagem mais positiva, geradora de uma auto-estima adequada.

O tema das transformações da puberdade e a emergência dos impulsos sexuais e agressivos está presente nos protocolos, parecendo gerar angústia e confusão.

As mudanças corporais provocam, muitas vezes, a sensação de estar num momento onde há uma falta de definição de si mesmo, com fantasias de ser monstruoso e disforme.

Os impulsos sexuais provocam tanto sentimentos de euforia quanto de angústia, presentes na associação prazer-dor.

A agressividade é, muitas vezes, projetada no mundo externo, provocando um afastamento do contato com as pessoas, vistas como hostis, o que dificulta a utilização do contato com o outro para a elaboração de conceitos mais realistas sobre si mesmo.

Os dados indicam que, nesse momento, a identificação com os outros é mais fantasiosa que real. Estes são percebidos de uma maneira muito parcial, enfatizando também os seus aspectos negativos.

Frente às dificuldades no contato consigo mesmo e com o outro o grupo usa mecanismos de defesa como o isolamento, a intelectualização, a regressão e a fuga para a fantasia.

Os processos de pensamento são afetados por deslizamentos, falhas lógicas e dificuldades na capacidade de discriminação.

Talvez possamos entender esses resultados recorrendo a Knobel (1988), que se refere a essa idade como a "síndrome normal da adolescência", onde traços que seriam anormais em outras etapas do desenvolvimento são comuns.

Podemos levantar a hipótese que as transformações decorrentes da puberdade e o aumento dos impulsos sexuais e agressivos sobrecarregam os sujeitos emocionalmente, tendo um efeito distorsivo na percepção da realidade e de si mesmo e fragilizando o ego.

A existência de recursos como capacidade de pensamento, imaginação, criatividade, introspecção, é, no entanto, um dado positivo,

indicando que com o desenvolvimento e a maior maturidade pode haver um melhor ajuste à realidade.

Essas interpretações aplicam-se ao grupo como um todo, mas quando analisamos separadamente os protocolos dos dois subgrupos que já se esboçaram na análise das entrevistas e dos desenhos, um mais inibido e outro mais expansivo, verificamos que cada subgrupo tem alguns traços em comum que o diferenciam do outro.

O subgrupo que apresentou os desenhos maiores, dentre os quais os que já revelam características femininas mais amadurecidas, e que no geral apresentou-se mais expansivo nas entrevistas não apresenta uma auto-imagem melhor que o subgrupo mais inibido (com desenhos menores e mais infantis), como se poderia supor num primeiro momento. Pelo contrário, possui até mais quantidade de respostas MOR que o outro (81% do primeiro grupo em comparação com 33% do segundo), indicativo de aspectos negativos na auto-imagem. No primeiro também aparecem mais códigos especiais críticos (54% desse grupo tem mais que três códigos especiais e 33% no outro), maior frequência de respostas M com qualidade formal menos (45% nesse grupo e 22% no outro) e mais sujeitos com índice es maior que 8,5 (72% nesse grupo e 22% no outro). Todos esses dados parecem indicar que o maior contato com as transformações corporais e com a sexualidade presentes no grupo mais expansivo, trazem, pelo menos num primeiro momento, maior sofrimento psíquico, maior angústia em relação à auto-imagem, e maiores dificuldades nos processos de pensamento e discriminação da realidade.

Apesar de utilizar um referencial teórico diferente, as conclusões a que chegou o estudo de Japur(1982) utilizando o Método de Rorschach em um grupo dos quais faziam parte 30 garotas de 12 anos podem ser comparados com os resultados deste estudo. Nesse sentido, observamos muitas semelhanças e algumas diferenças entre seu grupo de 12 anos e o nosso.

Ela conclui que o início da adolescência é uma etapa de desenvolvimento marcada por sentimentos de inadequação pelos conflitos entre mundo interno e mundo externo. Vemos esses sentimentos também presentes na nossa amostra, decorrentes das fantasias negativas presentes na auto-imagem.

Japur (1982) também assinalou as dificuldades de identificação e contato com os outros, com a diferença que, em seu grupo, elas aparecem ou por uma restrição dos relacionamentos ou por uma busca insistente de contato, enquanto no nosso grupo manifestam-se só por uma restrição do contato (diminuição das respostas H).

Japur também conclui pela existência de recursos internos, potencialidades a serem desenvolvidas, mas no seu grupo aparece uma constrição geral da personalidade, enquanto em nosso grupo os recursos estão presentes, mas sua utilização é comprometida pelo excesso de fantasia que dificulta um julgamento e ação mais eficaz e adaptativa do grupo.

5. DISCUSSÃO GLOBAL DOS RESULTADOS

As garotas desse grupo encontram-se num momento de difícil definição, algum lugar entre o final da infância e início da adolescência. O corpo está em transformação, a maioria já menstruou, e algumas começam a ter suas primeiras experiências amorosas. Isso ainda não parece ser suficiente, no entanto, para que sintam-se totalmente adolescentes.

A menarca, inclusive, ocorreu para a maioria das garotas antes do previsto para este trabalho, aos 11 ao invés de 12 anos (a menarca deveria ocorrer por volta dos 12 anos, segundo Penna, Epps e Deluqui, 1970, Berenstein, 1995 e Kuczynski, 1998). Este é um grupo muito pequeno e diferenciado cultural e economicamente, mas aponta para a necessidade de rever esses dados.

De qualquer maneira, parece haver uma falta de sincronicidade entre aspectos biológicos e psicológicos neste grupo. A menstruação parece tomar as garotas de surpresa, mesmo quando elas estão informadas a respeito. É um processo vivido isoladamente, não compartilhado com a família nem amigos. Não raro elas afirmam que só mais tarde descobriram que amigas tinham ficado menstruadas ao mesmo tempo que elas.

Ruffino (1998) aborda esse tema ao afirmar que na medida em que foram desaparecendo os ritos pubertários na sociedade moderna, os jovens passaram a fazer solitariamente o que antes ocorria no laço social.

Muitos autores, como Aberatury (1990) ou Harris et al (1973), afirmam que a menarca é um acontecimento que, simbolicamente, assinala as transformações que ocorrem na identidade feminina, fazendo com que a

maioria dos autores a coloque como marco da entrada na adolescência. No entanto, a menarca, nesse grupo, parece antecipar-se muitas vezes às transformações psicológicas e à entrada na adolescência.

Desperta constrangimento e incômodo, talvez fruto, como afirmam esses autores, de sentimentos de culpa pelos atos masturbatórios e pela hostilidade inconsciente contra os pais, presente neste momento. Por outro lado não há expectativa pela chegada da menstruação, como sinal da concretização da feminilidade e da definição sexual e da capacidade procriativa. Consequentemente, nem perante o grupo nem perante a si mesmas elas têm, para a maioria, o significado de ritual de passagem, parecendo cindida desse significado.

As garotas sentem, no entanto, que deixaram para trás um corpo e identidade infantis, e a nova identidade é buscada, como afirma Aberastury (1990), embora faltem elementos externos, sociais, mais claros desse momento em que vivem. A passagem da infância para um outro estágio não é clara, e elas oscilam entre querer ir para a frente e voltar para trás

Num momento percebem-se mais infantis e desejam voltar a ser crianças, isentas de responsabilidades e das dificuldades de tomar as próprias decisões. Num outro, desejam ser mais livres e independentes. Esses conflitos aparecem nas entrevistas e também nos desenhos, onde predomina a localização à esquerda da folha, indicadora de aspectos mais regressivos da personalidade, enquanto ao mesmo tempo a figura retratada é descrita como mais velha e é idealizada.

A saída da infância implica em algumas mudanças na relação com o mundo. Elas saem um pouco mais sozinhas, embora sempre em lugares protegidos, são mais responsáveis por seus estudos e tem que empenhar-se mais nas relações sociais para fazer amizades. No entanto, não há nenhuma grande mudança de papel. Elas próprias percebem que têm poucas responsabilidades em comparação com os adultos e nem as desejam. Ao entrar na puberdade, perdem então sua condição infantil mas estão longe do status de adulto. Nas sociedades primitivas, a menstruação, por exemplo, é cercada de ritos que marcam a passagem da infância para a idade adulta;

após os ritos, ela está apta para as funções de uma mulher adulta dentro da sua comunidade.

Alguns autores acreditam que a identidade será afetada se o adolescente é desprovido de status e não cumpre papéis. Horas e Horas (1973), por exemplo, assinalam que, atualmente, os adolescentes urbanos das sociedades industriais geralmente possuem conflitos de identidade porque têm uma moratória social muito prolongada e não tem um apoio social para ter experiências positivas. Existiria uma contradição básica decorrente do fato de não se reconhecer mais o adolescente como criança, mas não incorporá-lo como aprendiz de adulto.

Levisky (1995) comenta como as jovens, principalmente das classes mais favorecidas, se encontram numa forte relação de dependência e superproteção do grupo familiar, que em geral é aceita por elas, caminhando muito lentamente para a maturidade. Por outro lado, não parece haver o desejo de tornar-se adulta logo, como ele afirma, para subir na escala social e adquirir status e prestígio.

Horas e Horas (1973) também assinalam as dificuldades na formação da identidade decorrentes dessa falta de um lugar mais claro na sociedade.

Elas nos parecem, entretanto, ainda distantes dessa preocupação. As garotas desse grupo sentem essa dificuldade de definição de um status social, mas esse lugar não é buscado no mundo dos adultos, ainda muito longe para elas, e sim na adolescência, idealizada como momento de maior definição física e social.

Apesar disso, estão em busca de uma nova identidade, percebem-se olhando mais para si mesmas, e os protocolos de Rorschach indicam que esse processo de introspecção realmente existe (respostas FD). Nesse olhar para si percebem aspectos positivos e negativos, mas os desenhos e os protocolos de Rorschach revelam que a ênfase nos seus aspectos negativos é maior do que supunha-se pelas entrevistas.

Nestas, possivelmente decorrentes de mecanismos de intelectualização apontados no Rorschach, revelam-se menos angustiadas e insatisfeitas consigo mesmas.

Os desenhos e protocolos de Rorschach revelam que elas estão muito atentas às desarmonias e assimetrias do que vêem e produzem, reflexo de uma percepção de si mesmas que, nesse momento, parece privilegiar os aspectos negativos, principalmente em relação à imagem corporal (podemos observar isso na grande quantidade de apagamentos dos desenhos e nas respostas MOR do Rorschach). Os resultados do Rorschach revelam que essa imagem de si mesmas, assim como a dos outros, é fantasiosa, parcial e fragmentada. Isso também foi percebido nas entrevistas, quando abordaram alguns aspectos, principalmente do físico. O relato de algumas meninas sobre o incômodo de ter um peso um pouco acima do que desejariam (imperceptível no contato), ou a impressão geral de que para estar bonita é preciso estar produzida, vestida, maquiada, penteada, conforme os padrões sociais, são reveladores dessa fragmentação do corpo, e da dificuldade de enxergar-se de uma maneira mais realista.

Embora digam perceber a diferença entre o que é real e fictício, seus relatos estão impregnados desse modelo vigente de beleza divulgado pelos meios de comunicação, onde para ser belo é preciso ter um corpo com medidas definidas e utilizar os produtos de beleza oferecidos pela mídia, e seu efeito nesta idade talvez seja ainda mais devastador, pois o corpo está num momento de intensa transformação.

Como afirma Kehl (2001), o que chega até as pessoas pelos meios de comunicação é incorporado sem ser pensado, simbolizado, com se fosse algo que estivesse estado sempre ali. Isso é preocupante na medida em que a mídia difunde um modelo de aparência física extremamente idealizado, que é um símbolo de status e poder, que é internalizado sem ser contestado. As entrevistas revelam que elas assistem muito à TV e recebem muitas informações pela Internet, absorvendo destes a idéia do culto narcísico ao corpo. Essas idéias, aliadas às fantasias e distorções que interferem na

percepção que possuem de si mesmas, provocam uma enorme distância entre o corpo vivido e o idealizado, causadora de muitas frustrações consigo mesmo.

Como afirma Bossa (1998), ao se defrontarem com modelos geralmente fora dos padrões de normalidade, as jovens, que já lidam com as dificuldades intrínsecas de lidar com um corpo em transformação, tendem a ter um auto-conceito rebaixado.

Pode-se afirmar que nosso grupo é pequeno, mas os resultados vão na direção da pesquisa anteriormente citada, com 580 adolescentes do sexo feminino, coordenada pela Divisão de Psicologia do Instituto Central do Hospital das Clínicas (2001), que revelou que 80% delas não gostam da própria aparência e 50% procuram dietas porque acham que são gordas. Uma das conclusões desse trabalho é que a motivação para a dieta não estava relacionada com a atual forma física delas, mas pela busca de um corpo ideal.

Além das distorções causadas pela idealização do corpo feminino, o grupo sofre com as próprias transformações corporais da puberdade, causadoras de fantasias de deformidade e sensações de ser assimétrico, desarmonioso, meio "alienígena".

Bossa (1998) afirma que a auto-imagem, no início da adolescência, é mais negativa que no final, provavelmente porque o corpo, já definido, traga um reassentimento de sua "normalidade".

Nesse sentido, é importante verificar se o grupo mantém uma auto-estima razoável, que seria um sentimento mais profundo de amor próprio, que permita que essa auto-imagem mais negativa possa ser reformulada com o tempo. Os dados do Rorschach não são muito conclusivos a respeito, pela dificuldade de lidar com a diversidade de índices, mas pode-se dizer que em parte do grupo essa auto-imagem mais negativa resulta em auto-estima também negativa, o que é um dado mais preocupante, já que é um sentimento que pode perdurar para além da adolescência.

Como afirma Freud (1914), a auto-estima expressa o tamanho do ego, e este parece fragilizado nesse momento. Tanto os desenhos como os protocolos de Rorschach revelam a dificuldade de dar conta das pressões internas e externas, o que é conseguido em parte utilizando-se de uma série de mecanismos de defesa como regressão, cisão, projeção, fuga para a fantasia e intelectualização.

Carvajal Corzo (1994) descreve esse início da adolescência como um momento onde os jovens são invadidos por novas sensações que quase não conseguem verbalizar.

O funcionamento egóico diminui drasticamente, reduzindo-se ao mínimo. É um momento onde ele não se entende e projetivamente se sente incompreendido. A confusão de afetos seria normal: confusão entre medo e raiva, perseguição e inveja, amor e rejeição, pois ele não sabe exatamente o que sente. A percepção se volta para dentro, a motricidade diminui, a memória se bloqueia, a compreensão falha, aumentando a lentidão, torpeza e apatia, o que ele chama de mecanismos de estupidização.

Esses elementos, percebidos por ele, foram de uma maneira geral confirmados nesse estudo.

O contato com o outro e os processos de identificação sofrem, portanto, todas as conseqüências desse momento marcado por contradições e fantasias.

Os pais são ainda vistos como modelos de identificação e a maioria revela muita admiração por eles e um forte apego e dependência da família. Também mostram-se, por outro lado, muito ligadas aos amigos, embora apontem todas as dificuldades que surgem na relação com o outro. No discurso parecem ainda muito próximas aos pais, não parecendo estar fazendo ainda o luto pelos pais da infância, como afirma Aberastury (1990). No entanto, o temor de perdê-los, aliado ao desejo de serem mais independentes e terem idéias próprias, revela que estão afastando-se deles, embora esse processo esteja apenas iniciando-se.

Os desenhos também apontam para a prevalência de uma identificação com a figura feminina materna. Dentro do modelo psicanalítico, mostram-se ainda muito centradas no conflito edipiano.

O Rorschach revela, no entanto, que o contato com o outro é, neste momento, muito restrito e a percepção deste é muito parcial e fantasiosa.

Talves possamos entender esses resultados novamente recorrendo à teoria psicanalítica, que assinala que na adolescência há um redirecionamento da libido de natureza narcísica. Mesmo quando o adolescente se relaciona com os outros, nesse momento o outro é uma projeção de aspectos de si mesmo, visto de maneira hostil ou idealizada.

Embora cognitivamente já possa levar em conta os pontos de vista dos outros, um elevado egocentrismo dificulta o poder se colocar na posição deste.

O grupo parece estar, nesse momento, no que Carvajal Corzo (1994) descreve como característico do início da adolescência: a libido começa a ser retirada dos pais volta-se para si mesma, iniciando uma fase autoerótica e de isolamento. Aos poucos as jovens saem desse isolamento deslocando cargas libidinais para a amiga íntima e depois para o grupo de amigas. Nesse processo evolutivo segundo ele, há tanto uma certa desestruturação como uma posterior reorganização da personalidade e da identidade em direção à personalidade adulta.

Aberastury (1990) afirma que, nesse processo, a jovem perde sua identidade infantil e tem que buscar uma nova, que vai sendo construída num plano consciente e inconsciente. Apesar da dificuldade de discriminação entre o real e o idealizado, o grupo parece ter boas imagens paternas, que, segundo ela, são a base para a construção de sua nova identidade.

Vemos como, aos 12 anos, esse grupo sente o impacto das transformações corporais e busca uma nova adaptação ao mundo e uma reorganização da própria identidade.

Este parece um caminho longo, que apenas começa a ser trilhado, mas encontramos, nesse grupo, duas maneiras diferentes de lidar com as mudanças na imagem corporal e o incremento dos impulsos sexuais e agressivos.

Um subgrupo de nove meninas mostra-se mais inibido ao contato, com maiores dificuldades de comunicação, e têm desenhos predominantemente pequenos ou médios, com figuras humanas mais infantis, sem características sexuais femininas mais definidas. Os desenhos desse grupo revelam maior inibição da sexualidade.

Outro subgrupo de 11 meninas mostra-se mais expansivo ao contato e possui desenhos de tamanho médio ou grande, sendo que a maior parte deles já apresenta características sexuais femininas mais definidas: presença ou insinuação de seios, quadris ou cintura, além de maior preocupação ou riqueza no vestuário. Parece que este subgrupo está, nesse momento, mais em contato com sua sexualidade emergente e expressando mais seus impulsos, às vezes sem muita modulação (caso dos desenhos grandes). Confirma essa hipótese o fato deste grupo ter mais pessoas que já tiveram alguma experiência amorosa que no outro. (seis neste grupo e apenas uma no outro). Este grupo apresenta uma auto-imagem com aspectos mais negativos, mais sofrimento psíquico e mais dificuldades nos processos de pensamento e discriminação da realidade.

Esses resultados indicam que uma parte do grupo está mais em crise do que o outro, cujos conflitos estão mais inibidos. Não é possível dizer que um grupo esteja mais amadurecido que o outro. Talvez representem formas diferentes de lidar com a sexualidade nessa etapa do desenvolvimento.

Como afirma Josselson (1973) em seu estudo sobre a formação da identidade em moças universitárias, há algumas maneiras pelas quais as jovens formam sua identidade, algumas com crises e outras sem elas, estas últimas com escolhas e compromissos mais ligados à infância e aos pais.

De qualquer maneira, com mais ou menos crises, vemos que este é um momento bastante difícil no desenvolvimento da identidade feminina.

O discurso verbal do grupo, repleto de ambivalências, reflete os diversos aspectos da idade que vivem, com lutos, crises e profundas transformações no plano físico e psicológico.

Os desenhos e o Rorschach devem ser entendidos, nesse contexto, assinalando os conflitos internos, mostrando um certo grau de desorganização psíquica, além de sinais de ansiedade e angústia.

Confirmam as observações de Freud, A. (1971) e Knobel (1984) de que seria difícil delimitar o normal e o patológico nessa fase, sendo inerente a ela um certo grau de conduta patológica.

É importante ressaltar, no entanto, que o grupo apresenta recursos importantes para lidar com essas transformações. É composto por garotas inteligentes, que possuem capacidade de introspecção, imaginação, criatividade, capacidade de elaboração do pensamento, recursos para expressar sua afetividade.

Têm boas imagens paternas e a certeza de serem um grupo privilegiado, afetiva, cultural e economicamente. São recursos que podem conduzir a uma adaptação gradual às mudanças que sofrem e ao resgate de uma auto-imagem e auto-estima mais adequadas, fruto de uma percepção mais realista de si mesmas e do mundo. No entanto, como afirma Aberastury (1990), o destino das identificações da infância dependerá não só da elaboração interna da jovem, mas também das influências da família e da sociedade nesse momento.

6. CONCLUSÃO

Terminamos esse trabalho retornando ao seu início, quando afirmávamos que, em qualquer cultura, a entrada na adolescência parece ser um período de ruptura, desequilíbrios e novas adaptações, devido às mudanças corporais que modificam a posição do jovem no mundo e o obrigam a novas formas de convivência com ele.

Pensamos que as jovens pesquisadas nesse trabalho estão entrando na adolescência, apesar de ainda não terem muita clareza disso, e, como tais, apresentam muitas das características descritas na parte teórica desse trabalho.

Elas têm uma auto-imagem com características mais negativas que positivas, fruto da dificuldade de apreensão de uma imagem corporal em profundas transformações, mas também de um meio social que impõe padrões idealizados de beleza.

Estão ainda fortemente identificadas e são bastante dependentes dos pais, mas identificam-se muito também com o que recebem através dos meios de comunicação, embora não percebam, e começam a identificar-se com os iguais, sendo a relação com estes motivo de bastante tensão. Os processos de identificação são baseados, nesse momento, muito mais na fantasia que na realidade, fruto de uma restrição no contato com o outro e ao aumento do egocentrismo.

Vivem uma fase de fragilidade egóica, decorrentes das pressões internas e externas, que implicam no uso de vários mecanismos defensivos,

entre eles a regressão, a intelectualização, a projeção de impulsos agressivos e a fuga para a fantasia,

Esses mecanismos afetam, nesse momento, a capacidade de elaboração do pensamento e julgamento da realidade, dificultando a utilização dos recursos afetivos e cognitivos que possuem no sentido de uma melhor adaptação ao mundo.

Todas essas características, que podem ser consideradas mais patológicas em outras idades, são até certo ponto esperadas na adolescência.

Observando essas conclusões, talvez possamos ter, num primeiro momento, a sensação de que descobrimos o que já sabíamos.

No entanto, num olhar mais atento, vemos que este trabalho colocou-nos frente a várias idéias importantes.

Em relação à técnica, percebemos que a combinação de entrevistas, Desenhos da Figura humana e Rorschach permitiu-nos olhar as questões propostas de muitos ângulos diferentes. Muitas vezes os resultados nas três técnicas complementavam-se, outras vezes divergiam, e era preciso então entender que mecanismos atuavam para resultar nessas aparentes contradições.

Isto resultou num estudo aprofundado de cada garota e do grupo, mas também num enriquecimento das técnicas. Em relação ao Método de Rorschach no Sistema Compreensivo, ainda em suas primeiras pesquisas no Brasil, trouxe mais alguns elementos para serem levados em conta na análise dos protocolos e apontou para a necessidade de mais pesquisas brasileiras, em todas as idades.

Em relação às meninas, ficam algumas questões importantes.

Sabemos que as mudanças corporais trazem distorções na auto-imagem e que cada época tem seus padrões de beleza, mas talvez eles nunca tenham sido tão rígidos e fora da realidade como agora, promovendo

uma grande distancia entre o corpo idealizado e o corpo vivido, e empobrecendo os sujeitos psicicamente, pela valorização do "ter" sobre o "ser".

Indagamos se a preocupação com a aparência e os processos da puberdade estão começando cada vez mais cedo, mas chama-nos a atenção a falta de sincronicidade em alguns aspectos do desenvolvimento. A menarca, por exemplo, parece ter perdido seu significado de concretização da feminilidade, apresentando um descompasso com as transformações psicológicas.

Chama-nos a atenção, também, o modo como as garotas vêem o mundo adulto, repleto de responsabilidades que não desejam para si. No entanto, não parecem confortáveis com sua situação atual, sentem-se inseguras de serem aceitas e parecem estar em um tempo de espera, um momento que não conseguem sequer dar o nome.

Essas indagações fazem-nos pensar que não estamos dando a devida importância para essa fase do desenvolvimento feminino.

Mais do que dar informações, parece necessário compreender essas garotas e o momento em que vivem para ajudá-las a desenvolver suas identidades promovendo a valorização e o enriquecimento de suas subjetividades.

ANEXO I

Térmo de Consentimento Informado

Autorizo minha filha,, desde que também com sua concordância, a participar de um estudo cujo objetivo é conhecer alguns aspectos da formação da identidade nas jovens de 12 anos. Com esse objetivo serão feitas entrevistas, aplicação de desenhos e de um teste de personalidade. Fui informado(a) de que os dados pessoais serão mantidos em sigilo, e o material obtido será utilizado apenas para fins de pesquisa.

O estudo está sendo conduzido por Viviane Namur Campagna, psicóloga, CRP 13361/ 06, com a orientação da Prof. Dra Audrey Setton Lopes de Souza, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Nome:.....

Assinatura:.....

Data:.....

ANEXO II - A

Avaliação Sócio-Econômica da Família

1- Situação Econômica : Faixa Salarial (Em salários mínimos)

- () acima de 60 S.M.
- () entre 35 a 60 S.M.
- () entre 15 e 35 S.M.
- () entre 05 a 15 S.M
- () entre 3 e 5 S.M.
- () abaixo de 03 S.M.

2- Número de membros da família:

- () 1 a 2 membros
- () 3 a 4 membros
- () 5 a 7 membros
- () acima de 7 membros

3- Instrução do(s) chefes(s):

- () Superior completo/incompleto
- () Colegial completo/incompleto
- () Ginásio completo/incompleto
- () Primário completo/incompleto
- () Analfabeto e semialfabetizado

4- Profissão do(s) chefe(s):

- () grande industrial, grande comerciante, grande fazendeiro, grande empresário
- () profissão liberal, oficial, funcionário de nível superior
- () médio industrial, médio comerciante, médio agricultor, médio empresário, profissional de nível médio e/ou técnico, médio funcionário
- () funcionário ou empregado de nível inferior (empregado burocrático e outros), mestre oficial, pequeno comerciante e pequeno agricultor (autônomo)
- () pequeno funcionário ou trabalhador, operário, trabalhador rural, sub oficial
- () sub-emprego, trabalhador volante ou ambulante (rural e outros)

ANEXO II - B

Avaliação Sócio - Econômica da Família - Pontuação

(Utilizada pelo Setor de Assistência Social da Clínica Psicológica do IPUSP.)

Nome do Paciente: _____

Quadros de Avaliação		Pontos obtidos
1	Situação econômica da família	
2	Número de membros da família	
3	Instrução do(s) chefe(s)	
4	Profissão do(s) chefe(s)	

Os pontos obtidos com os quadros de avaliação obedecem os seguintes critérios:

QUADRO 1 - SITUAÇÃO ECONÔMICA DA FAMÍLIA

	Faixa Salarial	Pontos
1	Acima de 60 S.M.	10
2	Entre 35 a 60 S.M.	07
3	Entre 15 e 35 S.M.	05
4	Entre 05 a 15 S.M.	03
5	Entre 03 e 05 S.M.	01
6	Abaixo de 03 S.M.	00

QUADRO 2 - NÚMERO DE MEMBROS DA FAMÍLIA

	Pontos
1 a 2 Membros	08
3 a 4 Membros	05
5 a 7 Membros	03
Acima de 7 membros	00

QUADRO 3 - INSTRUÇÃO DO(S) CHEFE(S)

	Pontos
Superior completo/incompleto	06
Colegial completo/incompleto	04
Ginásio completo/incompleto	02
Primário completo/incompleto	01
Analfabeto e semi-alfabetizado	00

QUADRO 4 - PROFISSÃO DO CHEFE (S)

		Pontos
1	Grande industrial, grande comerciante, grande fazendeiro, grande empresário	10
2	Profissão liberal, oficial, funcionário de nível superior	07
3	Médio industrial, médio comerciante, médio agricultor, médio empresário, profissional de nível médio e/ou técnico, médio funcionário	05
4	Funcionário ou empregado de nível inferior (empregado burocrático e outros), mestre oficial, pequeno comerciante e pequeno agricultor (autônomo)	03
5	Pequeno funcionário ou trabalhador, operário, trabalhador rural, sub oficial e outros	02
6	Sub emprego, trabalhador volante ou ambulante (rural e outros)	00

Cômputo final

Somatória dos pontos obtidos	Classificação	
00 a 05	Classe baixa inferior	BI
06 a 11	Classe baixa superior	BS
12 a 20	Classe média inferior	MI
21 a 29	Classe média	M
30 a 38	Classe média superior	MS
39 e acima	Classe alta	A

Classificação: _____
Código: _____

ANEXO III

A entrevista com as adolescentes

Data de nascimento

Série

Questões:

1. O que você acha de ter 12 anos? Por que?
2. O que há de positivo e negativo nessa idade? Por que?
3. Como você se descreveria para alguém? Por que?
4. Você se acha bonita? simpática? inteligente? Por que?
5. Do que gosta e do que não gosta em você? Por que?
6. É feliz? Quais são as suas preocupações? Por que?
7. Quando você se irrita? Por que?
8. Quando fica nervosa? Por que?
9. Do que tem medo? Por que?
10. Tem muitos amigos? De onde?
11. O que dizem os outros a seu respeito?
12. Você se importa com o que os outros dizem sobre você?
13. Como descreveria seu pai e sua mãe?

14. Você se acha parecida com eles? Por que?
15. Quais são as pessoas que mais admira? Por que?
16. Quais são as pessoas que você não admira? Por que?
17. Você acha que a opinião do seus pais é importante para você? Por que?
Em que assuntos? Você leva ela em conta quando tem que tomar uma decisão?
18. Que profissão quer ter no futuro? Por que?
19. Como você se vê no futuro?
20. Já menstrua?
21. Quais são (eram) suas expectativas em relação a ficar menstruada?
22. O fato de ter ficado menstruada mudou alguma coisa na sua vida?
23. Conversa com alguém sobre sexo, menstruação?
24. Tem namorado? Já ficou com alguém ? Gosta de algum menino?
25. Gosta de ler? Ver T.V.? Internet? O que gosta de fazer?
26. Gosta da escola? Gosta das coisas que faz?

ANEXO IV

Aplicação do Desenho da Figura Humana

É dada ao sujeito uma folha de papel sulfite na posição vertical, lápis preto nº 2 e borracha, e as seguintes instruções: “agora gostaria que você desenhasse uma pessoa inteira. Pode fazer como você quiser, só não pode ser desenho de palitinhos.” Às perguntas, é respondido “como quiser”. Nas omissões, pode-se insistir para que o sujeito termine o desenho, mas anotar-se-á o fato. É anotada sua forma de execução.

Após ser completado o desenho, este é numerado e é dada uma outra folha de papel sulfite, também na posição vertical, e as instruções: “ agora desenha uma figura humana de outro sexo” ; “um homem” (se o 1º desenho foi do sexo feminino); “ uma mulher” (no caso contrário).

Após a execução dos dois desenhos, é feito um inquérito a respeito da figura que representa o próprio sexo.

Instruções do inquérito:

“Conte uma história sobre esta figura como se ela fosse o personagem de uma novela ou uma peça, respondendo às seguintes perguntas sobre ela, da melhor maneira que você puder:”

1. O que ela está fazendo?
2. Qual é a idade dela?
3. Ela é casada?
4. Tem filhos? Meninos ou meninas?
5. Que trabalho ela faz?
6. Em que ano está na escola?
7. O que ela quer ser?
8. Ela é inteligente?
9. Tem boa saúde?

10. É bonita?
11. Qual é a parte mais bonita do seu corpo?
12. Qual é a parte mais feia do seu corpo?
13. Ela é muito feliz?
14. O que a preocupa?
15. Quando ela se irrita?
16. Que sinais de nervosismo ela dá?
17. Quais são os seus três piores hábitos?
18. Quais são os seus três melhores hábitos?
19. Tem muitos amigos? Mais velhos ou mais novos?
20. O que as pessoas dizem dela?
21. Quanto ela gosta de sua família?
22. Quanto ela gosta da escola?
23. Ela sai muito com meninas?
24. Como ela se diverte?
25. Ela se casará? Com que idade?
26. Com que tipo de rapaz ela irá se casar?
27. Quais são seus três maiores desejos?
28. Quem ela lembra?
29. Você gostaria de ser como ela?
30. Ela gosta de sua aparência? Ela se perturba quando é observada?
31. Tem namorado?

ANEXO V

Aplicação do Rorschach

A aplicação é realizada em sala isolada e bem iluminada, com mesa e cadeiras.

O sujeito deve sentar-se à esquerda do aplicador. O conjunto de 10 pranchas é colocado empilhado sobre a mesa, com a face para baixo, e as pranchas são ordenadas consecutivamente da primeira à décima. São colocadas à vista do sujeito, mas não muito próximas dele. O examinador apresenta as pranchas por ordem, uma a uma, na posição normal.

As instruções dadas são as seguintes:

“Hoje eu vou mostrar para você alguns cartões e eu gostaria que você me dissesse o que você vê neles, o que poderiam ser, o que parecem para você. Enquanto você for falando, eu vou anotando suas respostas. Quando você terminar, devolva-me o cartão e eu lhe mostrarei outro. Podemos começar?”

O examinador apresenta então a 1ª prancha ao sujeito e aguarda sua reação. Sempre que ele apresenta uma atitude de análise do material, é aguardado que ele chegue a uma elaboração sem interferir. Se, no entanto, o sujeito não responde, por parecer inseguro ou porque parece não

entender as instruções, o examinador pode acrescentar: “então, o que você acha que parece?”

Dada a primeira resposta, se o sujeito devolve sem dar mais nenhuma resposta lhe será pedido que tente dar mais algumas respostas (o protocolo deve ter um mínimo de 14 respostas para poder ser analisado quantitativamente). A insistência em mais de uma resposta só deve ocorrer na primeira prancha, mesmo que o sujeito continue dando só uma resposta nas outras. Se o sujeito rejeita alguma prancha deve-se insistir com ele para que procure dar alguma resposta nela, dizendo algo como : "olhe um pouco mais, não tenha pressa, você acabará achando alguma resposta" .

Sempre que ocorrem perguntas durante a aplicação são repetidas as instruções ou é fornecida uma resposta imparcial como “você é quem sabe”, ou “faça o que achar melhor”. São anotadas literalmente todas as respostas e verbalizações do sujeito, assim como a posição da prancha no momento da resposta. As observações sobre o comportamento do sujeito são igualmente anotadas.

Se o sujeito der menos que 14 respostas, é interrompido o processo padrão, não prosseguindo para a fase de inquérito, e explica-se para o sujeito que são necessárias mais algumas respostas e lhe serão mostradas novamente as pranchas para que procure acrescentá-las às que já respondeu.

Após serem dadas todas as respostas, inicia-se a fase de inquérito, que tem por objetivo esclarecer os determinantes das respostas.

São dadas as seguintes instruções: “muito bem, agora que você já viu todos os cartões, eu vou voltar a mostrá-los para você, mas não demoraremos muito. Quero que você me ajude a ver o que você viu. Vou ler o que você disse, para que você me mostre em que lugar da mancha está o que você viu e o que há aí que fez parecer com o que você viu. Quero ver exatamente como você. Compreendeu?”. O examinador lhe entregará a prancha I e lhe dirá: " bem aqui você viu ume continuará a frase com a leitura literal da 1º resposta do sujeito. Aonde você viu? O que lhe fez ver"? (novamente a resposta do sujeito. Procede-se assim com todas as respostas. O examinador poderá ir fazendo perguntas, até ter claros a localização, os determinantes e o conteúdo da resposta. As localizações são anotadas na folha de localização, e as respostas e respectivos inquéritos numa folha de sulfite, um ao lado do outro. As respostas são enumeradas em ordem crescente, da primeira à última prancha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. ; KNOBEL, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. 3º ed. Porto Alegre, Artes Médicas,1984.
- ABERASTURY, A. et al. *Adolescência*. 6.ed. Porto alegre, Artes Médicas, 1990.
- ARIÉS, P. As idades da vida. In: *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. Cap.1, p.29-49.
- AVENBURG,R. La identidad del adolescente: definição. In: PIERINI,C.D.,org. *La identidad en el adolescente*. Buenos Aires, Paidós-Asápia,1973. p.15-18.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 1977.
- BERENSTEIN, E. *Tensão menstrual e o tempo para mudanças*. São Paulo, Gente, 1995.
- BETTELHEIM, B. Construindo a identidade. In: *Uma vida para seu filho: pais bons o bastante*. Rio de Janeiro, Campus, 1988. Cap. 13, p. 127-140.
- BLEGER, J. A entrevista psicológica. In: *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. 2.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1985. p.11-41.
- BLOS, P. *Los comienzos de la adolescência*. Buenos Aires, Amorrortu,1973.
- BLOS, P. *Psicoanálisis de la adolescência*. México, J.M., 1962.

- BOSSA, N.A. O normal e o patológico na adolescência. In: OLIVEIRA, V.B.; BOSSA, N.A. , org. *Avaliação psicopedagógica do adolescente*. 2ª ed. São Paulo, Vozes, 1998. Cap. IX, p. 211-285.
- CARVAJAL CORZO, G. *Adolescer: la aventura de una metamorfosis: una vision psicoanalítica de la adolescência*. 2.ed. Santa Fé de Bogotá, Tiresias, 1994
- DAMIANI, D. ; SETIAN, N. Crescimento e desenvolvimento físico do adolescente normal. In: SETIAN, N., COLLI, A; MARCONDES, E., org. *Adolescência*. São Paulo, Sarvier, 1979. p. 21-40.
- DIVISÃO DE PSICOLOGIA DO INSTITUTO CENTRAL DA FACULDADE DE MEDICINA DA USP. As exigências da plástica atual e suas vicissitudes. CONGRESSO INTERAMERICANO DE PSICOLOGIA DA SAÚDE. *Anais*. São Paulo, Faculdade de Medicina da USP, 2001.
- ERDBERG, P.; SHAFFER,T.W.A. Tables for the Symposium on the Rorschach nonpatient data: findings from around the world I, II, III. CONGRESSO INTERNACIONAL DE RORSCHACH. *Anais*. Amsterdam,1999.
- ERICKSON, E.H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- ERICKSON, E.H. *Infância e sociedade*. 2.ed. São Paulo, Zahar, 1972.
- EXNER JÚNIOR, J.E. *Manual de classificação do Rorschach*. São Paulo, Casa do Psicólogo,1999.
- EXNER JÚNIOR, J.E. *El Rorschach: um sistema compreensivo*. 3 ed. Madrid, Psimática, 1994. v.1
- EXNER JÚNIOR, J.E. ; SENDIN,C. *Manual de Interpretação do Rorschach*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1999.
- FERRER, E. S. L. A passagem da latência à adolescência inicial. In: ABERASTURY, A. et al. *Adolescência*. 6 ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1990. p.143-147.

- FISHER, S. ; CLEVELAND, S.E. *Body and personality*. Princeton, Van Nostrand, 1958.
- FREUD, ANNA. *O ego e os mecanismos de defesa*. 3 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971. .
- FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. sob a direção geral de Jaime Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1972. v.VII, p.121-250.
- FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1972, v.XIV, p.89-119.
- GALLATIN, J. *Adolescência e individualidade: uma abordagem conceitual da psicologia da adolescência*. São Paulo, Harbra, 1978.
- GOODENOUGH, F.L. *Test de inteligencia infantil por medio de la figura humana*. Buenos Aires, Paidós, 1951.
- HAMMER, E.F. *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. Rio de Janeiro, Interamericana, 1981.
- HARRIS, M. et al. *Seu filho de 11 anos*. Rio de Janeiro, Imago, 1973.
- HERMAN-GIDDENS, M.E. ; SLORA, E.J. ; WASERMAN, R. C. Secondary sexual characteristics and menses in young girls in office practice: a study from the pediatric research in office settings network. *Pediatrics*. v.99, p. 505-512, 1997.
- HERMAN-GIDDENS, M.E. ; SLORA, E. ; WASERMAN, R. Current age of onset of puberty. (letter, in reply). *Pediatrics*. v.106, n.3, p. 622-3, 2000.
- HURLOCK, E. B. *Desenvolvimento do adolescente*. São Paulo, MC Graw Hill, 1979.
- HORAS, E. ; HORAS, P.A. La identidad del adolescente y los enfoques científicos. In: PIERINI, C. D., org. *La identidad en el adolescente*. Buenos Aires, Paidós-Asappia, 1973. p. 20-32.

- JAPUR, M. *O psicodiagnóstico de Rorschach: um estudo da afetividade em pré-adolescentes*. São Paulo, 1982. 97p. Tese (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- JOSSELSON, R. L. Psychodynamic aspects of identity formation in college women. *Journal of Youth and Adolescence*. v.2, n.1, 1973. p. 3-51.
- KAHILL, S. Human Figure Drawing in adults: an update of the empirical evidence, 1967-1982. *Canadian Psychology*. v. 25 n.4, p.269-294, 1984.
- KAPLOWITZ, P. B. ; OBERFIELD, S.E. Reexamination of the age limit for defining when puberty is precocious in girls in the United States: Implication for evaluation and treatment. *Pediatrics*, v.104, p. 936-41, 1999.
- KEHL, M. R. A violência do imaginário. In: COMPARATO, M. C. M.; MONTEIRO, D. S. F, org. *Mentes e mídia: diálogos interdisciplinares*. (A criança na Contemporaneidade e a psicanálise, v.II). São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001. p. 45-60.
- KLEIN, M (1932). Os efeitos das primeiras situações de angústia sobre o desenvolvimento sexual da menina. In: *Psicanálise da criança*. Trad. Pola Civelli. 3.ed. São Paulo, Mestre Jou, 1981. Cap. 11, p. 259-311.
- KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, A ; KNOBEL, M. *A adolescência normal*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984. p. 24- 62
- KOPPITZ, E. M. *Psychological evaluation of Human Figure Drawings by middle school pupils*. Orlando, Flórida, Grune and Stratton, 1984.
- KUCZINSKI, E. Evolução puberal. In: ASSUMPÇÃO JÚNIOR, F.B.; KUCZYNSKI, E., ed. *Adolescência normal e patológica*. São Paulo, Lemos, 1998. p. 25-32
- LAPLANCHE, J. ; PONTALIS, J. *Vocabulário da psicanálise*. Sob a direção de Daniel Lagache. 9.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1986.
- LEVISKY, D. L. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

- MACHOVER, K. O traçado da figura humana: um método para o estudo da personalidade. In: ANDERSON, H.H. e ANDERSON, G.L. *Técnicas projetivas do diagnóstico psicológico*. São Paulo, Mestre Jou, 1967. p.345-69.
- MARCONDES, E. Introdução ao estudo da adolescência. In: SETIAN, N. ; COLLI, A .S.; MARCONDES, E, cord. *Adolescência*. São Paulo, Sarvier, 1979. p. 1-12.
- MUUSS, R. A teoria psicanalítica do desenvolvimento do adolescente. In: *Teorias da adolescência*. 5.ed. Belo Horizonte, Interlivros, 1966. Cap. III. p.25-41.
- NASCIMENTO, R. S. G. F. *Bipolares: um estudo de características de personalidade através do Rorschach, no estado eutímico*. São Paulo, 1993. 222p. Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- NASCIMENTO, S.R.F.G. Resultados de estudo normativo para o Sistema Compreensivo do Rorschach: um estudo para a cidade de São Paulo. *Revista Psico-USF*, v .7, n.2, 2002. [no prelo].
- OSÓRIO, L.C. et al. *Medicina do adolescente*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.
- OSÓRIO, L. C. *Adolescente hoje*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- PENNA, H.; EPPS, D.; DELUQUI, C. Adolescência. In: ALCANTARA, P.; MARCONDE, E., org. *Pediatria básica*. 3.ed. São Paulo, Livros Médicos, 1970. v.2, p. 1347-67.
- PIERINI, C.D, org. *La identidad en el adolescente*. Buenos Aires, Paidós-Assapia, 1973.
- ROCHEBLAVE-SPENLÉ, A. *O adolescente e seu mundo*. São Paulo, 2 Cidades, 1972.
- RORSCHACH RESEARCH COUNCIL. *Alumni Newsletter*. (Rorschach Workshops). North Carolina, 2000.
- ROSENFELD L. et al . Current age of onset of puberty. (letter). *Pediatrics*. v. 106, n.3, p.622. 2000.

- RUFFINO, R. Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito. In: RAPPAPORT, C. R. e col. *Adolescência: uma abordagem psicanalítica*. São Paulo, EPU, 1993. p.25- 53.
- SANCOVSKY, A R. De Charles Chaplin a Bill Gates: o homem máquina. In: CONGRESSO INTERAMERICANO DE PSICOLOGIA DA SAÚDE, São Paulo, 2001. *Anais*. Faculdade de Medicina da USP.
- SCHILDKROUT, M. S.; SHENKER, I. R.; SONNENBLICK, M. *Human Figure Drawings in adolescence*. 2ed. Nova York, Brunner/Mazel, 1972.
- STONE, L. J.; CHURCH, J. *Infância e adolescência: uma psicologia da pessoa em crescimento*. Trad. da 15 ed. Belo Horizonte, Ed. do Professor, 1969.
- STRIEGEL- MOORE, R.H. Body image concerns among children. *The Journal of Pediatrics*. Feb. 2001. v .138 ,n.2, p.158-9.
- TANNER, J.M. *Growth at adolescence*. Oxford, Blackwell, 1962.
- TRAUBENBERG, N. R. *A Prática do Rorschach*. São Paulo, Vetor, 1998.
- ULHÔA, M. J. C. *Características do comportamento do adolescente brasileiro*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- WARNES, E.J.M. Ideologia e identidad en el adolescente: los modelos sociológico y psicoanalítico del desarrollo evolutivo. In: PIERINI, C.D., org. *La identidad en el adolescente*. Buenos Aires, Paidós-Assapia, 1973. p.33-41
- WEINER, I. B. Variable selection in Rorschach Research. In: EXNER JÚNIOR, J. E, org. *Issues and methods in Rorschach research*. New Jersey, Lawrence Erlbaum, 1995. (Rorschach Workshops). Cap.4, p. 73-97.
- WEINER, I.B. *Princípios da interpretação do Rorschach*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000.

VAN KOLCK, O.L. *Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico.* (Coleção temas básicos de psicologia - v.5). São Paulo, E.P.U., 1984.

VAN KOLCK, O. L. *Sobre a técnica do desenho da figura humana na exploração da personalidade: estudo de adolescentes de centros urbanos. São Paulo, 1963. 272p.* Tese (doutorado)- Instituto de Psicologia , Universidade de São Paulo, 1963.

VEIGA, A. Princesas precoces. *Revista Veja*, ano 33, ed.1673, n.44, p.68-71, 2000